

PJ PEREIRA

DEUSES DE DOIS
MUNDOS

O LIVRO DO SILÊNCIO

Da
Boa
Prosa

PJ PEREIRA

DEUSES DE DOIS
MUNDOS

O LIVRO DO SILÊNCIO

Da
Boa
Prosa

orelhas

Newton Fernandes é um jovem que se define mais como ambicioso do que idealista, e está disposto a obter as mais altas posições que o jornalismo pode lhe dar. Um caso de sabotagem industrial parece ser o passaporte mais efetivo para entender e tirar proveito do enorme jogo de poder que envolve as grandes corporações. Melhor ainda se esse caminho inclui conquistas sexuais e experiências gastronômicas que possam ser descritas em detalhes nos e-mails trocados com o desconhecido que se oferece para ajudá-lo a entender a série de eventos místicos em que Newton se recusa a acreditar.

Apenas essa a história já seria suficiente para guiar você, leitor, para uma narrativa um tanto misteriosa e cheia de surpresas. Mas as explicações para as dúvidas de Newton vivem num mundo diferente. E foi por isso que PJ Pereira intercalou a narrativa com capítulos mitológicos que contam a história daquele que é tido como o maior adivinho de todos os tempos, Orunmilá, e sua procura para recuperar os poderes de prever o futuro. É na busca desse babalaô que se tem a oportunidade de ser apresentado à riquíssima e pouco conhecida mitologia dos orixás e descobriremos sobre personagens como Xangô, Ogum e Oxóssi.

Se fatos e lendas da mitologia grega tanto inspiraram nossa formação, é hora de saber e visitar as histórias que eram sagradas para os iorubás, povo tão importante na construção da diversa identidade brasileira.

O maior mérito do autor, porém, é se utilizar dessa riqueza mitológica para dar vida a uma narrativa inovadora, que faz as páginas passarem rápido, mas não sem criar um vínculo e uma enorme vontade de saber um pouco mais.

PJ PEREIRA nasceu e cresceu no Rio de Janeiro. A paixão por tecnologia e por escrever o levou à Publicidade, e esta à São Paulo e depois aos Estados Unidos. Nela também teve a oportunidade de conhecer as tradições africanas na Bahia, receber muitos prêmios e ser considerado um dos melhores contadores de histórias da propaganda mundial. São mais de cem prêmios internacionais, incluindo quatro Grand Prix no prestigioso festival de Cannes. Sua agência, a Pereira & O'Dell, está entre as mais destacadas do mundo. É também um produtor de filmes. O seu *The Beauty Inside*, um filme desenvolvido para redes sociais, ganhou em 2013 o Daytime Emmy. Vive em San Francisco na Califórnia com sua mulher e filho.

O livro do silêncio é o primeiro livro da série *Deuses de dois mundos*.

quarta capa

“Na mitologia dos iorubás, um dos povos africanos dos quais traficantes roubaram homens, mulheres e crianças para trazer para o Brasil como escravos, deuses e humanos um dia viveram juntos. Até que dois desses deuses brigaram e criaram a separação entre o Orum (que chamamos de Céu) e o Aiê (Terra). Ao construir *Deuses de dois mundos – o livro do silêncio*, PJ Pereira põe a mitologia de cabeça para baixo, juntando de novo humanos e deuses num mesmo cotidiano, fundindo mito e ficção, recriando um universo em que os ciclos da repetição são rompidos e substituídos pelo produto da imaginação do autor, que, no entanto, os faz voltar em seguida ao movimento original. Em termos mitológicos esse jogo poderia resultar numa catástrofe como a que dividiu o mundo em dois, mas para nossa sorte o que a inversão operada por PJ Pereira pretende e consegue é produzir um livro delicioso de se ler, um ‘livro do silêncio’, que é capaz, contraditoriamente, de nos falar bem alto, como gosta a boa mitologia.”



#DDDM



ORUM

OYO

DEBOMOSO

ILOFIN

ESIBO

ILAKA

IDEA

IAE

ARRANMO

OKA

ILORIN

IPONDA

OUO

IBADAN

EGBA

IFE

EKPONA

ITEBU

ILARE

EBO

IJEXA

ITSEKIRI

AIÉ

DEUSES DE DOIS MUNDOS
O LIVRO DO SILÊNCIO

DEUSES DE DOIS MUNDOS
O LIVRO DO SILÊNCIO

pj pereira



Copyright © 2014 PJ Pereira
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Livros de Safra.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Preparação: Oliva Editorial
Revisão: Leticia Howes e Marina Ruivo
Capa: Paulo Coelho, Rafael Gil e Douglas Alves
Foto do autor: Léo Neves

Mapa das págs. 2 e 3: Moses Kelani
Diagramação e conversão para eBook: Kathya Nakamura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, PJ
Deuses de dois mundos : o livro do silêncio /
PJ Pereira. -- São Paulo: Editora Da BoaProsa, 2014.
ISBN 978-85-64684-46-1
1. Ficção brasileira I. Título.
13-12301 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



Livros de Safra
tel 55 11 3094-2511
www.livrosdesafra.com.br
Rua Simão Álvares, 663
cep 05417-030 São Paulo - SP

Para o Francisco, maior alegria da minha vida.

Um babalaô me contou: antigamente os orixás eram homens.
Homens que se tornaram orixás por causa de seus poderes.
Homens que se tornaram orixás por causa de sua sabedoria.

Pierre Fatumbi Verger

PRÓLOGO

Ela já havia saído em uma revista como uma das chefs mais sexies da cidade. Mas naquele momento, não. As costas curvadas, as pernas que quase tremiam, as mãos sempre apoiadas em alguma coisa – uma mesa, uma cadeira, o ombro de um cliente do restaurante. Não tinha mais que 30 anos, mas andava como se tivesse 90, um homem de 90. Sem requebro, sem charme nem vigor.

Da cozinha, outros chefs e garçons observavam, confusos. Segundos atrás, ela revirava os olhos e chacoalhava o corpo como se estivesse entrando em convulsão (que não veio). Alguns não teriam sequer notado, não tivesse ela deixado cair pratos e facas no chão e, sem qualquer interesse em juntá-los, seguido em direção ao salão.

– Baixou um santo na chef! – gritou em galhofa um jovem do outro lado do ambiente.

O único cliente negro da casa. E gargalhou. Alguns riram junto, outros se entreolharam, desconfortáveis. Ninguém ousou dizer mais nada. De fato, naquela noite de sexta-feira, uma pessoa vestida inteira de branco, caminhando como se estivesse num corpo que não era seu, mais parecia saída de um terreiro de macumba do que um restaurante da moda.

Na sua velocidade anciã, a cozinheira atravessou dois terços da sala e parou diante de um jovem que jantava sozinho. Ela o olhou por uma pequena eternidade. Profundamente, como se lhe pudesse revelar o espírito. Parecia de fato interessada na mecha branca nos cílios do rapaz.

– Marca de nascença – explicou ele, tentando interromper o desconforto.

Ela o ignorou por completo e voltou o rosto em direção ao cliente negro que lhe havia zombado há pouco. Levantou rapidamente o queixo como se perguntasse algo. Em silêncio, ele respondeu que sim, e se levantou.

Das cadeiras ao redor, o homem parecia gigante, talvez mais de dois metros de altura. Cabelos longos, trançados com cuidado até abaixo do ombro, combinavam em estilo com o terno e camisa pretos e o tênis Nike de um vermelho tão vibrante que parecia ser feito de plasma. Ele era, sem dúvida, o mais bem-vestido do lugar – e parecia saber disso. Sem pressa, o gigante negro caminhou até a chef:

– Esse mesmo.

E quando partiu em direção à porta, completou com um tapa na bunda da cozinheira.

Foi como se derramasse o caldeirão do inferno.

Respondendo ao tapa, a chef vomitou. Enquanto vomitava, e como vomitava, acordou do transe. E continuou a vomitar. Para seu terror, ia entendendo o que acontecia durante os espasmos. O restaurante. O vômito. O cliente! Quando acabou, o estrago estava completo. Clientes corriam e soltavam gritos de nojo. Garçons tentavam contê-los, para ao menos tentar que pagassem... Um pandemônio. Apenas a chef e o cliente imundo, o mesmo que ela observara com insistência durante o transe, não corriam. Ela por pânico, e ele por encantamento. Ou timidez. “Voltados para frente do rosto, aqueles olhos verdes valiam o vexame”, avaliou o rapaz.

Nervosa, ela molhou o guardanapo no copo de água e limpou o peito e o rosto do cliente. “Desculpe-me, pelo amor de Deus! Eu não sei o que aconteceu. Nem sei como cheguei aqui. Que vergonha!” – ela tremia, ele imóvel. A chef não deixou que ninguém a ajudasse. Limpou sozinha os braços e as mãos do cliente, antes de perceber o estrago que fizera também com seu bloco de anotações.

– Caralho! Você é jornalista? – perguntou ao notar a logo do *Jornal de São Paulo*.

Ele olhou o bloco como se aquelas folhas nunca tivessem estado ali, para a mão que ainda segurava uma caneta, e confirmou:

– Parece que sim – e esfregou o olho para tentar se livrar da estranha palpitação que começou de repente.



Naquela noite, o restaurante fechou cedo. Não eram nem 11 horas, e as cadeiras estavam em cima das mesas, enquanto funcionários esfregavam o chão imundo e azedo. Da única cadeira de pé, o dono do bloco de jornalista observava a porta da cozinha. Vestia uma camisa emprestada que não lhe caía muito bem. Mas ele não parecia incomodado. Já não fedia ou grudava, era o suficiente.

Quando a chef apareceu de volta, vestia um jeans justo, camisa cor-de-rosa transparente sobre o sutiã preto. Ao certo ela havia incorporado o personagem de sex-symbol-da-gastronomia-paulistana. Ela o agarrou pela mão e saíram porta afora.

Minutos mais tarde, estacionavam na frente de um pequeno prédio sem luxo, em Moema. Ela na direção; ele, quieto, no banco do carona.

– Não sei como posso fazer para me desculpar... – disse num tom de quem sabia bem. E antes que ele pudesse sugerir qualquer coisa, o segurou decidida pela nuca e o atacou com um beijo. Segundos depois, a mão da chef subiu pela coxa do rapaz. Não tendo ele feito qualquer menção a reagir, ela lhe abriu o zíper.

Do outro lado da rua, um porteiro viu a cabeça da motorista desaparecer em direção ao colo do sujeito ao seu lado. Os dois, carona e porteiro, chegaram a fazer um breve e desconfortável contato visual. Nenhum dos dois se moveu, porém.

Quando o carro finalmente foi embora, deixando o passageiro para trás, o porteiro fez apenas um sinal com o polegar e estendeu o beijo em

congratulação. Não era sempre que espetáculos assim aconteciam naquela rua pouco movimentada.

Nos dias que seguiram, a chef acompanhou cuidadosa as páginas do *Jornal de São Paulo*. O casal se encontrou mais uma vez naquela semana. Mas, ao perceber que a notícia do seu vexame estava velha demais para ser impressa, ela parou de ligar. Ou mesmo de atender os telefonemas. Aquele havia sido um bom preço a pagar pela sua reputação. Era o suficiente.

Mensagem publicada por New.Fernandes@hotmail.com

Assunto: Pedido de ajuda

A quem interessar possa.

Meu nome é Newton Fernandes. Os amigos mais próximos me chamam de New. Pode me chamar assim, se quiser. Muito embora seja provável que você não vá querer ser meu amigo depois que souber o que eu fiz. Aliás, será que já sabe? Se ainda não, acredite: é só uma questão de tempo. Muito em breve, você estará sentindo na pele as consequências da minha escolha. Infelizmente.

E quando souber o que aconteceu, lembre-se do que estou dizendo agora: nada do que eu fiz foi por mal. Apenas reagi de uma forma atrapalhada diante do completo desconhecido. Afinal, nos últimos meses, fui jogado num mundo em que nunca acreditei e onde, portanto, não saberia como me comportar. Um mundo de feitiços e feiticeiras, de guerreiros e adivinhos, em que vi o futuro ser apagado diante dos meus olhos sem que eu jamais tivesse pedido por isso. Onde me obrigaram a decidir pelo destino de uma gente que eu nem sabia quem era.

Presenciei batalhas tão sangrentas quanto qualquer guerra dos nossos tempos. Fui a lugares mágicos e experimentei viagens que deixaram meu corpo para trás. E, apesar de sempre ter sido um cético em relação às coisas do além, conheci pessoalmente um orixá.

Corrigindo: conheci mais de um, mas com um deles estabeleci uma relação bem mais próxima do que eu gostaria. E não estou falando de um encantado, um homem dominado pelo espírito furioso de um santo de candomblé ou de umbanda. Estou falando de um orixá em pessoa. O próprio santo em carne e osso – ou seja lá qual for o tipo de matéria que um espírito deve ter. (Insisto: apesar do contato intenso que tive com eles, ainda compreendo pouco desse mundo esquisito.)

Foi um desses deuses negros que estive na minha frente e me falou. Não uma, mas várias vezes e em dias diferentes. Foi ele quem me perseguiu até que eu aceitasse a missão que nunca pedi. E, quando tudo acabou, nem ele teve a generosidade de me contar o que houve depois da minha última visita ao lugar que eles chamavam de Orum. Nem ele nem ninguém.

Certo, certo... Se você sabe do que estou falando, deve estar pensando que, como não fiz minha parte direito, também não posso exigir muito. Concordo. Mas, se por um lado confesso que tomei as piores atitudes possíveis, também não posso ignorar o fato de que foi a *minha* vida, antes de mais nada, que desmoronou. E se o mundo perdeu o controle de uma forma que eu ainda desconheço, perdi muito mais. Por isso, o mínimo que posso querer é que me contem o final dessa história. Porque isso, por mais estranho que pareça, eu ainda não sei.

Depois de tudo pelo que passei, já não me arrisco a adivinhar de que mundo ou época você é. Não interessa se é um iniciado, um babalaô ou alguém que nunca teve contato com o mundo dos orixás. Até porque isso não importa. Se você teve acesso a esta carta, alguma força deve tê-lo ligado a mim.

A mesma força, provavelmente, que me incluiu nesta história. Afinal, embora tenha consciência dos meus erros, devo insistir que não escolhi participar do que aconteceu. Fui escolhido. E como jamais me deram a opção de sair, posso me considerar mais uma vítima. Assim como você.

E que fique bem claro: não estou pedindo que me compreenda nem que me perdoe. Apenas que não me julgue e, se souber algo que eu ainda não sei, que me conte a verdade. Eu preciso saber o que aconteceu, e esse é meu único e real apelo.

Dado o rumo das coisas, em que tudo acabou se encaixando mesmo nas mais improváveis das situações, talvez você tenha a resposta que acalmará minhas angústias. E é só isso que lhe peço. Seja por piedade, cumplicidade ou pelo motivo que for, espero que me conte o que aconteceu depois daquela noite horrível.

Axé,

New

São Paulo, 1º de junho de 2001.

SILÊNCIO

Muito tempo atrás, quando os orixás criaram o homem, deram a ele poderes sobre as águas, os céus e as coisas da terra. Mais tarde, quando os homens deixaram de acreditar em magia, foram perdendo essas habilidades. Mas, enquanto acreditaram, fizeram tanto com esses poderes que eles mesmos se tornaram orixás. Essa é a história de alguns desses homens e de como eles, a mando dos deuses, trouxeram de volta o maior de todos os poderes e o único que os humanos mantêm até hoje: o poder do destino.

Aqueles que conhecem os segredos do destino são chamados de babalaôs. E, naquela época, eram tão poderosos que, onde quer que fossem, eram recebidos como reis. Por isso, quando o menino perguntou por que um babalaô estava amarrado a uma pedra em frente ao mercado, o pai não soube o que dizer.

Mas alguém sabia. E esse alguém acabara de subir na pedra para explicar.

– Minha gente! O nome desse senhor aqui atado é Orunmilá. O famoso... poderoso... o incrível Orunmilá. O homem que jamais errou uma profecia. Jamais se enganou com os búzios. O homem que dizem ser o melhor amigo do orixá do destino! Pois este homem, que aconselha reis e rainhas e ajuda poderosos de toda a nossa terra, hoje não quer salvar a nossa filha.

Dizendo isso, apontou para a esposa, que carregava no colo, desacordada, a filha de cinco anos. Mãe e filha eram pele e osso. A filha por doença, a mãe por preocupação. A pequena, querida por todos na cidade, um dia, sem razão, caiu doente e nunca mais comeu. Os pais mandaram chamar Orunmilá para receitar as oferendas certas para trazer a filha de

volta. Ele atendeu o chamado, mas as coisas não correram como de costume.

– Minha filha tem apenas cinco anos, minha gente. Cinco. Cinco! E quando esse sujeito fez o jogo, veio me dizer que seu opelê não estava funcionando. Vocês acreditam nisso? Do homem que se diz o maior babalaô de todos os tempos?

Orunmilá jamais havia dito isso. Era o povo que dizia. Mas a história soava melhor assim para aquele pai em desespero. O homem então pulou do alto do pedregulho e foi até onde estavam as 20 ou 30 pessoas que o ouviam. Gente que conhecia a menina, os pais, ou gente que simplesmente passava na hora. De lá, ele se abaixou e segurou a maior pedra que conseguiu. Os demais os seguiram.

– Fala, filho de uma vaca! Conta o que eu faço pra minha pequena ficar boa!

Fraco de sede e de fome, e tão doído que mal conseguia respirar, Orunmilá viu uma pedra explodir a dois dedos da sua testa. Bam!

– Fala, babalaô mentiroso! – gritou uma senhora do meio da multidão.

E veio outra pedra, dessa vez mais fraca, mas que atingiu a coxa do babalaô.

Um senhor forte que estava de passagem e se revoltou com a história se preparava para jogar a terceira pedra quando um grito estridente o interrompeu.

– *Rááááááá!*

Ao virar para saber de quem era o grito, um porrete de madeira acertou em cheio o lado do rosto do senhor. Tão forte que o porrete se quebrou ao meio. Madeira, sangue, pedaços de carne, osso e miolo explodiram para todos os lados. Enquanto o corpo, sem metade da cabeça, ainda tremia no chão, Exu olhou em volta, procurando a próxima vítima. Exu era jovem, mas já era uma cabeça e meia mais alto que qualquer um ao seu redor. E tinha tanta raiva que parecia bicho. Sem seu porrete, pegou uma pedra

ensanguentada no chão e saltou, girando o corpo no ar e *paf!* Mais um corpo sem rosto no chão. E mais um, e outro. Ele então agarrou pela perna o corpo desse último, girou-o no ar três vezes e o lançou sobre as barracas do mercado ao fundo. E soltou um grito tão furioso que ninguém que respirasse ousou permanecer à sua vista.

Com os dentes colados e respiração ainda áspera, Exu correu até Orunmilá e desamarrou suas mãos. Seus olhos estavam amarelos de raiva. Sua boca babava de ódio. Virou-se então para os que ainda olhavam e avisou:

– Se alguém encostar um dedo nele, morre pior que esses desgraçados aí no chão.

Exu levantou delicadamente o rosto do babalaô para se certificar de que aguentaria um instante sozinho. Depois levantou, agarrou a grande pedra onde Orunmilá estava amarrado e a arrancou do chão de uma só vez.

Com a pedra erguida sobre a cabeça, andou decidido na direção da casa onde o pai da menina foi se esconder. Ele e a mãe, que fugiu carregando a menina. Com um chute, Exu derrubou a porta e parte da parede. Entrou, com pedra e tudo. Do lado de fora ouviram-se gritos de horror que calaram de repente. E em seguida o rapaz saiu, devagar. Lábios ainda apertados de ira. Lágrimas jorrando dos olhos. E o corpo todo espirrado de sangue. Muito sangue.

Ele pegou o babalaô do chão. Limpou-lhe o sangue que escorria da testa e o jogou sobre o ombro:

– Vamos embora daqui, babá.

– Exu! O que foi que você fez?

O rapaz não respondeu. Nem naquele dia nem em nenhum outro. Nunca mais tocou no assunto.



Do meio da floresta, o adivinho se concentrou. Jogou os búzios. Todos os 16 emborcados numa sinistra mensagem repetida: silêncio. Mais uma

vez ele tentou, e novamente nada se ouviu. Desistiu. Pelo menos por enquanto.

Desde que era jovem, quando recebera a posse sobre os segredos do destino, respostas nunca lhe haviam faltado. Toda vez que Orunmilá acionava um de seus instrumentos, Ifá sempre respondia. Cada vez que fazia seu jogo, lá no Orum, onde moram os imortais, os 16 príncipes do destino se reuniam e contavam a Ifá o que estava acontecendo. Ifá então falava de volta através dos instrumentos de Orunmilá – os búzios, o opelê ou a tábua de Ifá. Sabendo qual dos 16 príncipes (mais conhecidos como odus) era o dono daquela história, Orunmilá podia decidir que sacrifícios e oferendas recomendar, que inimigos temer, que perigos observar. Três dias atrás, havia sido esse silêncio que despertara o desespero daquele pobre pai. Desde então, os odus continuavam mudos. Não fazia o menor sentido.

Com o corpo ainda dolorido, mas já conseguindo andar por conta própria, Orunmilá se levantou devagar e foi em direção ao riacho que corria ao lado da clareira onde ele e Exu haviam dormido. Um pouco de água talvez ajudasse a clarear os pensamentos, então se sentou e a deixou correr pelos pés. Da beira do rio, lembrou dos homens que salvou e dos que se arrependeram de não tê-lo ouvido. Reis e mendigos já haviam sentado à sua frente com as mãos suando de ansiedade. E agora toda essa fama não servia para nada. Era a mão dele que suava. Era o peito dele que disparava. E aquela pobre família...

Teria o Orum abandonado Orunmilá? Será que ele havia perdido a comunicação com Ifá? Orunmilá berrou por seu mensageiro:

– Exu!

Nenhuma resposta. Não bastasse seu ofício lhe faltar, agora o garoto de recados resolvera desaparecer também.

– Exu!

O barulho das folhas chacoalhando antecedeu a aparição estabanada do rapaz, que colocava, de uma só vez, um punhado de comida na boca.

– Exu, onde você estava? Preciso de você agora mesmo.

– Estava arrumando o que comer – respondeu o corpulento rapaz com um ar divertido. Um pouco de comida e seu humor já estava de volta.

– Se aparecer alguém aqui reclamando dessa comida que você roubou, não vou protegê-lo! – repreendeu o mestre.

– Precisa não. Acho que pra sempre eles vão preferir ficar sem comer do que ter que olhar na minha cara! – e baixou os olhos.

– Pois então segure sua fome. Preciso que você cumpra uma missão para mim.

O babalaô pediu que Exu fosse até o Orum e procurasse por Ifá. Talvez o mestre dos odus tivesse alguma explicação. E continuou:

– Na volta, me encontre em Ilorin. Pergunte por mim na casa de Odoguiá. Talvez os odus ainda falem com ele – ao derramar essa última frase, o mestre calou e baixou a cabeça.

Exu havia enfim engolido toda aquela farofa. Tentando mostrar que havia engolido junto tudo que aconteceu na véspera, sorriu e fez o pedido de praxe:

– E o que ganho com isso?

– Ganha nada. Já te dou demais o que comer. E você acaba de se entupir de farofa. Não se satisfaz nunca, ô garoto? Por isso que não para de crescer!

– Orunmilá parecia satisfeito de ver seu mensageiro com o humor de costume.

– Satisfação não. Tenho muita fome. O tempo todo. Ainda mais quando tenho que ir correndo até o Orum. Não é nem porque eu sou o único que sabe o caminho até lá. É porque é longe mesmo. Tenho fome por antecedência!

Orunmilá entendeu a chantagem. Por um motivo que até mesmo ele desconhecia, Exu era o único homem capaz de viajar pelo Aiê e pelo Orum sem dificuldades. Além disso, era tão rápido que as diversas tentativas de Orunmilá em segui-lo sempre fracassavam: Exu nunca ficava à vista por

muito tempo. Orunmilá sabia, portanto, que, nesse tipo de situação, tinha de fazer o que o mensageiro pedia. Conhecia-o mais do que ninguém e não tinha dúvidas de que, por mais nobre que fosse a missão, ele jamais perderia uma oportunidade como esta para pedir um pouco mais de qualquer coisa para encher seu estômago sem fundo.

– Está bem. Pode pegar nas minhas coisas uma cabaça de milho branco. Pegue um punhado para você e leve o resto em meu nome para Oxalá. Espero que ele fique feliz e me ajude a trazer de volta as vozes dos odus.

– Encontro você em Ilorin – disse isso e sumiu pelo mato.

No caminho, pegou sua encomenda e a recompensa adiantada. Engoliu tudo antes de completar dez passos. Ninguém tem fome como Exu.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(3): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Nunca acreditei em caridade. Mesmo quando via os padres na escola pregando o amor ao próximo, sempre desconfiei. E, se você quer saber, hoje tenho certeza. Absoluta. Mesmo o mais religioso dos homens está sempre agindo em causa própria. O “próximo”, como dizem as religiões por aí, é uma desculpa hedionda, um caminho cínico para conquistar sua própria vaga no céu.

Agir pela causa do grupo, viver pela comunidade e todo esse monte de baboseiras são coisas de formiga, não de gente. Aliás, outro dia, estava assistindo a um documentário sobre as lava-pés, aquelas formiguinhas vermelhas que têm uma mordida que dói mais do que a de um cachorro, sabe? O que eu queria dizer é que, assistindo a esse programa, me dei conta de que tem sempre alguém querendo nos transformar em formiga. Você sabia que num formigueiro só a rainha importa? É sério! A falta de individualidade é tão violenta que alguns biólogos defendem que o animal não é a formiga, e sim o formigueiro! Então, é isso que eles querem de nós. Querem que sejamos as formiguinhas operárias, cortadeiras, beatas, ecologistas, jornalistas, médicas ou o que mais for. Desde que abduquemos de nossa individualidade em favor do grupo.

E foi justamente essa a minha motivação para responder seu e-mail. Desde que publiquei minha carta-desabafo na internet – e isso já faz quase dois anos – recebi centenas de mensagens de volta. E acredite: foram mesmo centenas delas, todas com alguma frase de apoio e motivação; quase certeza, tiradas de algum livro idiota de autoajuda. Um tédio quase risível, não fosse a urgência da minha situação. Mas ontem chegou a sua, e só não respondi de imediato porque resolvi pensar melhor no que iria dizer. Precisava organizar ideias, fatos e pensamentos para que pudéssemos continuar o processo de uma forma mais agradável e prazerosa. Não gostaria que você desistisse no meio, entende? Afinal, você foi o único (estou presumindo que seu “apelido” seja do gênero masculino, estou certo?) que não me veio com essa caridade piegas de prateleira. Não. Logo no primeiro parágrafo, escreveu que poderia me ajudar, mas que queria algo em troca. Perfeito, pensei. Tinha encontrado o “guru” de que precisava.

Se você tem como me ajudar, é justo que eu lhe ofereça algum tipo de pagamento. Todos os gênios de nosso tempo foram devidamente recompensados por seus serviços. E se não foram, isso se deve puramente a algum tipo de incompetência nos negócios, porque é certo, havia alguém disposto a pagar. Por outro lado, como você não quer dinheiro nem favores pessoais (uso palavras suas para garantir a combinação), teremos que encontrar uma forma de selar nosso contrato.

Não sei ainda que tipo de pagamento você deseja. Mas estou certo de que podemos negociar. Desde que você não queira minha alma, estou de acordo. Não porque ela tenha algum valor. Não hesitaria se acreditasse que esse era o preço de uma resposta. Só acho que não seria justo com você. Isso mesmo: depois de tudo que aconteceu, não acredito que meu espírito tenha muito mais valor do

que uma daquelas formigas lava-pés. Eis uma boa frase para começar minhas confissões: minha alma não vale mais do que uma lava-pés.

Vamos então ao começo de tudo, pois se sua única exigência foi que eu contasse todos os detalhes de que me lembro, acho que é da minha infância que devemos partir.

Demorei um pouco para entender que, apesar de tudo ter acontecido em apenas alguns meses da minha vida adulta, os primeiros sinais haviam chegado bem antes, numa história que meus pais me contaram quando eu era adolescente e à qual, infelizmente, não dei o devido valor a tempo. Eu devia ter uns cinco ou seis anos e estava com eles, voltando de um passeio no parque da esquina de casa, perto da hora do almoço, quando fomos abordados por um senhor maltrapilho. Naquela época, não havia toda essa violência de hoje e, acho que por caridade cristã, eles pararam. O homem era velho e tinha a pele bem escura, marcada com o que minha mãe chamou de cicatrizes da varíola. Ele dizia, com uma voz gutural (como meu pai costuma descrever), que um sinal o havia trazido a mim e que, havia sete anos, ele procurava pelo “menino com o olho marcado de giz”.

Embora eu tivesse menos idade do que a busca do velho, aquele só poderia ser eu. Desde que fui para a escola pela primeira vez, tive que aturar os colegas zombando dos meus cílios desbotados. Não os culpo, pois tenho certeza de que faria o mesmo se algum deles tivesse uma mecha toda branca nos cílios, como eu tenho.

Enfim, aquele estranho de pele marcada convenceu meus pais a entrar para me dar um banho especial. Isso mesmo! Um banho com umas folhas e ervas que ele trazia num saquinho de couro preso à cintura. Até hoje minha mãe diz que o velho só poderia tê-los enfeitado ou hipnotizado. Dá no mesmo. O fato é que ele me deu o tal banho enquanto cantava numa língua estranha e declamava um tipo de profecia, pedindo aos meus pais que me ensinassem a lidar com todo tipo de traição, pois esse era o meu destino. Eu precisaria entender bem do assunto “quando a hora chegasse”.

Católicos que eram, foi só o “feitiço” passar que eles esqueceram o assunto e só foram me contar a tal história, com um certo ar de diversão, quando eu estava prestes a entrar para a faculdade.

Minha mãe era enfermeira, meu pai, mecânico. E, talvez por isso mesmo, sempre insistiram para que eu me tornasse “alguém na vida”. Estudei em colégios particulares a vida inteira, mas, na hora da universidade, escolhi o ensino público. Entrei sem dificuldade no curso de Economia e descobri que dificilmente encontraria uma concentração maior de herdeiros mauricinhos em algum outro lugar no planeta.

Com minha aplicação aos estudos e a energia que eu tinha para correr atrás de emprego (meus colegas sempre se acomodaram diante da vaga garantida na diretoria da empresa dos pais), fui selecionado muito antes do tempo convencional para uma vaga de estagiário numa multinacional de bebidas. Enquanto os estágios costumam começar no terceiro ano de curso, consegui o meu ainda no final do primeiro.

Meus pais ficaram orgulhosos quando entrei e furiosos quando, seis meses depois, saí num desses “cortes verticais” (que mais tarde descobri serem mais frequentes do que se imagina). Por mais que aquilo contrariasse suas crenças, eles de pronto se lembraram da tal profecia: meu chefe só

poderia ter me traído por medo que eu o superasse, pois não havia explicação para que alguém tão esforçado fosse mandado embora. É verdade. Naqueles seis meses, trabalhei feito uma mula – onze horas por dia, depois ainda ia para a faculdade.

Hoje não tenho a mesma percepção persecutória daqueles dias. Mas, naquela época, era muito mais cômodo e confortável dar ouvidos à revolta dos meus pais e levantar aquela bandeira como se fosse a minha. Eu era um jovem brilhante, tinha certeza disso. E, se minha capacidade não era percebida na burocracia de uma grande corporação, seria em algum outro trabalho. De preferência no lugar que causasse o maior medo possível a esses mesmos burocratas.

Foi assim que fui parar no Jornalismo. Comprovando minha autoimagem de superioridade (típica de um jovem de 19, 20 anos), passei entre os primeiros do vestibular e consegui bolsa numa universidade privada. Meus pais ficaram encantados. Eu também. De cara, notei que as patricinhas e os mauricinhos de lá (iguazinhos ao tipo dominante da Economia) dividiam o espaço com aquela gente bicho-grilo que achava bonito ter um amigo pobre como eu. Foi quando conheci a Maria Eduarda. E hoje acho que se existe anjo da guarda, ela foi o meu.

Éramos, como posso dizer... amigos que transam. Nos conhecemos por meio de uma atração estranha (considerando que ela era morena, e eu tenho uma preferência absoluta por loiras) e ficamos amigos por causa de duas histórias em comum. A primeira, que criou a conversa, foi que ambos estávamos na segunda faculdade – ela havia acabado de largar a Veterinária. Seus pais tinham uma pet shop e queriam que ela cuidasse dos negócios da família, mas ela sempre quis ser jornalista. Depois de dois anos infelizes, jogou tudo para o alto, e ali estávamos. A segunda, que nos aproximou de verdade: somos dois gulosos incorrigíveis. Foram anos combinando de viajar 500 quilômetros para experimentar uma pizza famosa que havia perto da sua cidade, por exemplo. Mas nunca consegui comprovar se de fato era tão boa assim. (Ela é de Promissão, no noroeste de São Paulo, e a tal pizzaria, a Roda-Viva, fica em Penápolis, a uns 40 quilômetros de distância. Se você tiver uma chance, vá até lá e me conte o que achou.) Mas, se não conheci a pizza de Penápolis, posso dizer que aproveitamos vários outros prazeres naquela época, se é que você me entende.

Foi ela que me indicou para o primeiro estágio jornalístico, e fiquei feliz de ter caído no caderno de negócios do *Diário Nacional*, um dos dois maiores jornais do país. Os dois anos de Economia me ajudaram bastante, e esse era exatamente o lugar que eu precisava para exercitar minha vingança contra o mundo corporativo. Além disso, era a editoria em que a Duda trabalhava, e é nessa área da redação que se desfruta de alguns prazeres que um jornalista comum só costuma alcançar quando se torna uma eminência parda da profissão.

O maior deles era, sem dúvida, a oportunidade gastronômica. Ela me apresentou os restaurantes em que deveria marcar as entrevistas e ainda fez com que o Ítalo Fonseca, nosso chefe imediato, me incluísse na lista dos privilegiados que, no final do expediente, se sentavam à sua mesa de bar para ouvir as histórias e as técnicas que o haviam transformado numa lenda do jornalismo empresarial. Eu adorava ouvir aquela conversa convencida e, entre couverts e sobremesas com meus entrevistados, testava o que havia aprendido com o “grande mestre”. Foi quando senti que era de fato bom no que fazia. Aquela traiagem no antigo emprego, enfim, havia servido para alguma coisa. Descobri minha irrefutável vocação.

Um dia, quando já havíamos nos formado e conquistado nossos lugares como repórteres de negócios, fomos convidados a trabalhar no *Jornal de São Paulo*, o maior concorrente do *Diário Nacional*. O salário era o mesmo, nem um centavo a mais, e lá não teríamos mais o Ítalo. Em compensação, seríamos funcionários de verdade, com plano de saúde e tudo. No *Diário*, éramos freelancers fixos, um tipo de anomalia bizarra que fazia com que meus professores de Economia saíssem gritando pelos corredores. Mas era uma prática bastante comum no mercado.

Ela aceitou o convite, e eu fiquei, confiando na promessa que o Ítalo fez de me contratar assim que possível. Quase um ano depois, na manhã de uma sexta-feira de pauta fria (poucas coisas quentes acontecem em uma sexta no caderno de negócios), recebi uma carta anônima de um maluco que ameaçava contaminar várias embalagens de iogurte de uma conhecida marca internacional. Dizia que uma cópia daquela carta havia sido enviada à empresa fabricante e que eles teriam apenas um dia para tomar uma atitude. Mostrei ao Ítalo, que não deu muita bola, pois ameaças mais sérias normalmente eram enviadas a um editor, não a um repórter recém-formado. Mesmo assim, mandou que procurasse alguém na tal empresa de laticínios. Exatos dois dias depois, antes que eu terminasse de apurar a história, o Ítalo me procurou novamente.

Com as mãos trêmulas e tentando esconder o embargado da voz, ele me anunciou que eu estava sendo “dispensado”. Não era uma demissão porque, apesar da velha promessa, eu ainda não havia sido formalmente empregado. Pela segunda vez, fui vítima do tal “corte vertical”. Eu, o próprio Ítalo e mais uns oito repórteres. De uma só vez. Aí, sim, eu me senti traído. Pela promessa que não foi cumprida – e que me deixava agora desempregado com uma mão na frente e a outra atrás – e pelo Ítalo. Como podia um jornal demitir um gênio como ele? Que perspectiva os jovens repórteres teriam quando vissem que mesmo um monstro sagrado não tinha mais segurança do que uma meia dúzia de puxa-sacos?

Quando liguei para a Duda, ela já sabia que o Ítalo havia sido “executado” (é assim que chamamos uma demissão importante no jornal concorrente). Mas minha demissão foi uma surpresa que se seguiu, claro, de um pequeno sermão sobre a minha ingenuidade de ter recusado a proposta do *Jornal* por causa de uma promessa vaga de contratação no *Diário*. Para encurtar a conversa, admiti rápido toda a culpa e assim ela logo voltou ao seu espírito solidário. (Se existe alguém realmente desinteressado no mundo, deve ser a Maria Eduarda – se bem que nesse momento ela queria mesmo era me levar para perto dela de novo!) No mesmo instante ela se prontificou a me apresentar ao seu novo chefe. Prometi que, se desse tudo certo, eu lhe faria um jantar com tudo que tínhamos direito, claro. Por precaução, marcamos ambos para terça – entrevista e refeição. Se eu estivesse com sorte e aquela denúncia dos iogurtes fosse mesmo quente, eu ainda precisava fazer mais algumas perguntas para poder fechar a matéria que me garantiria a entrada tranquila no *Jornal de São Paulo*.

Quando desligamos, eu já tinha tudo planejado: a conversa com minha fonte na segunda-feira, a entrevista com o editor do jornal na manhã de terça-feira e a trepada comemorativa da noite.

Eu só não imaginava que aquele era apenas o primeiro dia de um período todo descontrolado da minha vida. Um outro emprego, uma nova vida e o contato com mundos estranhos, cheios de magia e misticismo, de atribuições e responsabilidades que nunca pedi, mas que foram jogadas nas minhas costas sem a menor piedade.

E, falando em piedade, acho que já ocupei demais o seu tempo para alguém que nem sabe como pagar pelos seus serviços. Aliás, você também não me disse o que pode fazer por mim. Só falou que poderia me ser muito útil, caso eu estivesse disposto a contar todos os detalhes do que vivi. Eu adianto que estou 100% disposto, mesmo não sabendo que ajuda é essa que você tem a oferecer. Nem sei se você é religioso ou curioso. Nem mesmo se você já sabe alguma coisa sobre o meu caso, além do que comecei a contar neste e-mail. Mesmo assim, tem meu voto de confiança. Você foi o único que soube valorizar o próprio conhecimento. Pode ser um blefe, a Maria Eduarda me diria, mas eu prefiro apostar.

Axé,
New

São Paulo, 13 de junho de 2001.

A JANELA

Odoguiá e Orunmilá eram amigos de longa data. Coisa rara no mundo cheio de vaidades dos adivinhos da época. Mas nem tanta sabedoria impedia que se entediassem, por isso, de tempos em tempos, se encontravam para trocar histórias sobre suas consultas.

Quando isso ocorria, aprendizes das cidades vizinhas se reuniam para ouvir tais conversas. Desta vez, contudo, o assunto não era tão divertido. Tampouco acrescentaria algo além de medo aos jovens aprendizes. Tanto que a reunião foi feita a portas fechadas. Como desconfiara Orunmilá, o adivinho de Ilorin também sofria do silêncio de seus instrumentos. Nenhuma palavra dos odus havia sido pronunciada nos últimos dias. E nenhuma consulta fora realizada desde então, tanto que o povo de Ilorin, que estava nervoso sem os sábios conselhos do mestre, ficou alvoroçado quando viu o velho Orunmilá entrar pelos portões da cidade.

Ele não falou com ninguém. Passou direto por todos em direção à casa do amigo. Encontrou-o esperando à porta, com o mesmo olhar severo que emoldurava o colega que chegava.

Abraçaram-se. Uma vez de um lado, outra de outro, e se cumprimentaram como os iorubás antigos:

– Mojubá, meu amigo.

– Mojubaxé.

Os babalaôs conversaram e confirmaram suas suspeitas de que ambos haviam perdido o controle sobre seus instrumentos. E se isso havia acontecido com os dois maiores adivinhos do mundo, era possível que também estivesse ocorrendo com todos os outros babalaôs da terra dos homens. Preocupado com o estado físico de seu velho amigo, porém,

Odoguiá pediu que ele descansasse por um dia, depois falariam. Isso se tivessem algo a dizer.

– O que o silêncio não pode melhorar, a fala também não pode – dizia o provérbio que Odoguiá adorava lembrar.

Um plano nobre, infelizmente interrompido por um bando que entrava esbaforido:

– Agô, babá!

O pedido de licença ofegante do pequeno pastor assustou o dono da casa, que o cumprimentou com a cabeça pedindo que falasse.

– Mojubá, babá. A casa dos Odé! A casa foi invadida, e foi tudo roubado. Não sobrou nada. E ninguém viu quem foi. Pelas marcas no chão só se sabe que eram cinco os ladrões. Nada mais!

– Babá! Ajude a recuperar os bens de família tão honrada! – gritava a confusa massa de gente que lotava cada vez mais a sala do adivinho. Orunmilá apontou à porta:

– Mandei Exu ao Orum para saber o que está acontecendo. Ele me encontrará aqui trazendo notícias. Vá, meu amigo, faça o seu trabalho. Para coisas simples não precisa dos odus.

Orunmilá continuou sentado imóvel e acrescentou:

– Continuarei aqui refletindo sobre o acontecido. Talvez algum orixá encontre uma forma de me explicar o que está acontecendo com os odus.

– Você tem razão. Vou até a casa dos Odé e resolvo tudo de uma só vez. Mandarei preparar comida para nós dois até o dia em que seu Exu voltar com alguma notícia. Antes disso, saio apenas para resolver essa contenda. Mas voltarei ao meio de cada dia para acompanhá-lo na reflexão.

Orunmilá acenou com a cabeça e viu seu amigo partir cercado pela multidão em polvorosa. Ele sabia que era um caso simples. Chegou a pensar em algumas formas de resolver o problema e encontrar os bandidos, mas preferiu poupar suas energias e voltar mais uma vez seus pensamentos para o Orum.



Na casa dos Odé, outro turbilhão de gente os aguardava diante da janela redonda, sob o grande telhado de palha trançada. Achavam que Odoguiá havia perdido seus poderes e, por isso, não atendia mais os homens da cidade. Mas ao vê-lo ali de pé, recobram as esperanças de ver o malfeito resolvido.

– Babá, jogue logo os búzios e diga quem foram os canalhas!

– Isso! Diga que nós nos encarregaremos da punição!

– Diga logo, meu pai, quem são os bandidos que se escondem entre nós?

Odoguiá levantou uma mão, e o povo calou.

– Esse caso é tão simples que não preciso de minhas ferramentas de trabalho – disse o adivinho com voz serena. E completou:

– Em menos de cinco dias, vou lhes entregar os bandidos. Todos de uma vez. Até lá, nenhuma pergunta.

Disse isso e entrou devagar na casa, olhando cada pedaço de chão como se procurasse por algo que esquecera na véspera. Onde antes havia esteiras, presas das mais valorosas caças, estátuas e até o fogão a lenha e as famosas panelas de barro da melhor cozinheira da cidade, só restavam pegadas e pequenos vestígios do roubo. Mandou que colocassem um prato de lata na janela que dava para a rua e continuou procurando.

Ao entardecer, foi até a janela e olhou para o povo. Com a segurança de um grande sábio, Odoguiá chamou o resto da multidão que ainda esperava do lado de fora e disse em tom severo:

– O primeiro deles já foi descoberto.

Colocou um grão de milho no prato e continuou:

– Este grão de milho representa o primeiro bandido revelado. Outros mais virão. E se alguém mexer neste prato, será considerado cúmplice.

Enquanto o zum-zum dos expectadores se espalhou e tomou conta da cidade, Odoguiá juntou-se ao silêncio do amigo, oferecendo apenas um

pequeno sorriso de cumplicidade. Orunmilá ouvira de um dos escravos da casa a história sobre o discurso de Odoguiá e, de pronto, percebeu a maliciosa sabedoria do homem que agora se sentava à sua frente.

Ninguém na cidade compreendeu o que tinha ocorrido naquela tarde. Somente os dois sábios percebiam que o problema já estava solucionado. E, se lhes faltavam as respostas do Orum, a consciência dos artifícios de suas próprias cabeças lhes trouxe algum alento nos dias que se seguiram.



No dia seguinte, se alimentaram sem trocar palavra alguma. Suas mãos levavam o alimento à boca, e mais nenhum movimento se percebia no cômodo. Assim que o Sol terminou de iluminar a paisagem, no entanto, Odoguiá acenou com a cabeça e saiu porta afora.

A mesma multidão do dia anterior – talvez um pouco maior – o acompanhou até a casa roubada. Também não foi surpresa o grupo crescido que os aguardava em frente à porta.

Odoguiá esquadrinhou cada canto do lugar. Fez o mesmo percurso da véspera e, ao final, prostrou-se mais uma vez à janela.

– Aqui está o segundo grão.

A segurança do velho sábio assombrava e encantava o público curioso.

– Um a cada dia! Em mais três dias, ele terá todos os bandidos trancados naquele prato e os entregará ao rei!

Mas se pela cidade o falatório só aumentava, na casa de Odoguiá, o silêncio era cada vez maior. Exu era rápido. Não deveria estar demorando tanto. O que sucedera de tão grave que mesmo os orixás tinham dificuldade em falar? Ou será que nem eles sabiam o que estaria acontecendo?

Orunmilá começava a desconfiar de uma possibilidade assustadora. Mas decidiu não pensar muito nela. Seria melhor que, desta vez, estivesse errado. Acabou preferindo acompanhar o amigo no terceiro dia da investigação.

Naquela manhã, saíram juntos da sala de refeições e caminharam à frente do povo até o lugar de sempre. Orunmilá aguardou do lado de fora, divertindo-se com as especulações da gente da cidade.

– Ele já tem dois. E hoje terá três. Depois de amanhã, saberemos quem são os cinco e daremos cabo deles todos – diziam.

– Odoguiá é um homem sábio e justo. Não os entregará a nós. É do rei o dever de julgar os ladrões e assassinos. Será somente para ele que o babá entregará os nomes – dizia outro.

Quando o quarto grão de milho soou sobre o prato, a multidão gritou de uma só vez. Os adivinhos se olharam e sorriram. O mesmo sorriso cúmplice do primeiro dia. E voltaram para casa certos de que demorariam a desfrutar a próxima refeição.

Instalaram-se no aposento que, há mais de uma semana, não tinha nada além do silêncio preocupado dos dois babalaôs, e se sentaram. Desta vez, Odoguiá não bateu palmas, e nenhum escravo entrou com a comida da noite. Eles apenas esperaram. Quietos, como sempre.

O Sol já caía nas terras iorubás quando um grupo vestido com estranhas roupas que lhes cobriam o rosto entrou em silêncio. Diante da escuridão e da misteriosa presença dos encapuzados, Orunmilá não percebeu que, além da janela, um corpulento rapaz de cabelos longos e uma delicada jovem com cintura fina e quadris largos entravam pelos portões da cidade e caminhavam apressados na direção da casa onde estavam.

– Não aguentamos mais esta tortura. Viemos nos entregar. Todos os bens da família estão enterrados sob a copa do grande pé de iroco, ao lado do lago vermelho, na Floresta Sagrada. Mas, por favor, interceda por nós junto ao rei. Não nos entregue a esse povo aí fora.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(5): Pedido de ajuda

Caro Laroîê,

Obrigado por responder tão rápido. Confesso que não esperava tanto. Sobre suas perguntas, responderei a todas; não se preocupe. Falarei mais sobre a Maria Eduarda, conforme você pediu, mas não só para atendê-lo, e sim porque ela é de fato importante nessa história. Sua curiosidade, portanto, só me deixa ainda mais seguro de tê-lo escolhido como interlocutor.

Quanto ao pagamento estipulado, não poderia achar melhor. Se você gostou tanto dos meus comentários gastronômicos, posso, é claro, me aprofundar neles durante minhas “aulas de gula” – como você bem as chamou – até que chegue a hora do pagamento final, que combinaremos no momento adequado.

Esse meio tempo me trará um prazer duplo. Pensar e escrever sobre comida. O primeiro, um hábito que me persegue; o outro, uma rotina que sempre quis exercer: meu sonho de assumir uma coluna de crítica gastronômica numa revista ou num jornal especializado quando me aposentar.

É bom saber, enfim, que você tem interesse pelos mesmos pecados que eu. Sinal de que vamos nos dar muito bem. E, para honrar minha parte do acordo e mostrar que estou falando sério, vou continuar minha história com um almoço entre amigos.

Como já lhe disse, antes do Jornalismo, estudei Economia. Foi lá que fiquei amigo do Carlos Delgado. Uma amizade improvável, certamente, pois ele era aquele tipo chato que é tiete do Chico Buarque e fã do Drummond. Um cara assim... sensível. Por essas e outras diferenças, discutíamos muito. Como eu era mais articulado, pelo menos nos debates, conseguia agradar os candidatos a empresários da classe. Ele era mais idealista e liderava o bloco dos que queriam mudar o mundo (sim, durante a faculdade alguns economistas ainda têm boas intenções). Quando começávamos um debate, não era raro a turma toda parar para ouvir. Até os professores se divertiam com a nossa rivalidade. Mas a vida profissional acabou nos separando e nos colocando em posições, como nos tempos de estudo, opostas. Eu virei jornalista e me especializei em negócios; ele assumiu, por ironia, uma vida executiva numa grande empresa do setor de alimentos – sem medo de errar, uma das indústrias menos idealistas do mundo.

Aquela era a primeira vez que nos encontrávamos desde que eu havia largado a Economia. Infelizmente, naquele dia, nenhum de nós tinha histórias felizes para contar. Conforme eu havia averiguado durante a investigação que estava fazendo quando fui demitido, ele também estava desempregado. Só que, como eu sabia da situação dele, e ele desconhecia a minha, eu estava em vantagem.

Por isso mesmo, escolhi o Marcel. Foi um diretor de uma grande agência de propaganda que me levou lá pela primeira vez – aquela região Berrini-Vila Olímpia está cada vez mais lotada de agências de propaganda e, como num ato de continuidade, de bons restaurantes. Se bem que o Marcel não é

nada novo na região. Pelo contrário, é antigo e decadente, mas serve suflês espetaculares, tem uma excelente carta de vinhos e, claro, preços bem salgados para um almoço normal. Exatamente por isso, era um dos locais mais tranquilos da cidade, o que o tornava o palco ideal para conversas reservadas com entrevistados mais angustiados. Sempre com eles pagando, claro. Mas a escolha, naquele dia, deveu-se ao mesmo requinte que faz com que os executivos o utilizem para se apresentar aos jornalistas: exibicionismo. Aparência de sucesso. Era esse clima que eu queria proporcionar.

Desde o momento que entrei, senti alguma coisa estranha no ar. Como se anunciasse algum perigo, minha pálpebra começou a palpitar, bem em cima da mecha branca que tenho nos cílios do olho esquerdo. Parecia um alarme. “Deve ser nervosismo” – pensei, ainda ignorante da estranha ligação que começava a se formar entre mim e um grupo de entidades de um lugar ou época que até hoje não sei exatamente qual.

Mesmo sem perceber esses movimentos do outro mundo, tinha motivos para estar ansioso. Aquele era um momento crítico para a realização da reportagem que poderia me garantir um novo emprego. E eu sabia que se a conta já era incompatível com meu antigo salário, imagine agora, desempregado. Eu precisava envolver o entrevistado de tal forma que ele não percebesse que não havia, pelo menos naquele momento, um jornal para publicar sua história. Jogador que sou, já tinha decidido correr esse risco.

Como havia chegado alguns minutos antes do combinado, pude preparar com calma a estratégia de ação. Escolhi uma mesa próximo à varanda de janelas de madeira, de onde poderia aguardá-lo sem surpresas, pedi o vinho chileno mais barato do menu e mandei deixá-lo respirar um pouco no *decanter*. Talvez assim o Carlos não percebesse de imediato que se tratava de um vinho de segunda categoria.

Com calma, repassei as principais questões antes que meu convidado chegasse. Ponto crítico número 1: ele não poderia perceber que eu também estava desempregado. Número 2: ele precisaria estar seguro de que seu nome não seria publicado. Número 3: ele deveria ter certeza de que eu já sabia de tudo e que precisava apenas de alguns números para ilustrar minha história. Se tudo saísse certo, me arrependeria amargamente de não ter pedido um Châteauneuf-Du-Pape em vez daquele chileno barato, mas minha condição financeira exigia pelo menos uma certa dose de conservadorismo em minhas apostas.

Aquela situação me fez lembrar das aulas de reportagem do Ítalo na mesa do boteco em frente ao *Diário*. Foi lá que aprendi tudo que sei sobre como arrancar informações relevantes de um entrevistado desprevenido. Mecanicamente, repassei o pouco que sabia sobre o caso assim que vi o Carlos cruzar a porta de madeira e cumprimentar o *maître*: 1) uma paciente internada no sábado, no Hospital Albert Einstein, com suspeitas de envenenamento e outras três vítimas em pontos diferentes da Zona Sul, todas com os mesmos sintomas; 2) uma suspeita sobre o iogurte fabricado pela empresa em que Carlos trabalhava; 3) a demissão inesperada de Carlos logo após o incidente; 4) a carta anônima que o *Diário* havia recebido sobre uma possível contaminação de produtos daquela marca. Tudo se encaixando sem atritos, mas sem provas que ligassem os fatos. Como naqueles dias ninguém quis falar sobre o assunto, a história morreu. Quer dizer, morreu para os outros, não para mim. Eu sentia o cheiro de furo. Tinha certeza de que tinha um. Era só uma questão de tempo.

“Boa tarde, dr. Carlos”, respondeu o *maître* que parecia conhecer bem o ex-executivo. “Boa tarde, Ferreira”, ele respondeu e sentou-se em frente a mim, calado e tenso.

Já se percebiam sinais de calvície e o olhar parecia bem mais cansado do que na época da universidade. O Carlos envelheceu. Enquanto ficávamos ali parados, sem nem mesmo nos cumprimentar, me perguntei se eu estaria com uma aparência tão decadente e dei graças a Deus pela firmeza genética da minha pele. Esperei mais um pouco, acompanhando sua respiração pesada para entrar na mesma vibração que ele (essa era uma das técnicas mais infalíveis que o Ítalo me ensinou). Em poucos segundos, diminuí o ritmo com que inspirava e expirava. Inconscientemente, ele me acompanhou. Só então eu parti para o ataque.

Perguntei se ele sabia por que eu o havia chamado, e ele confirmou. Assim seria mais fácil. Perguntei de supetão: “O Zanato sabia do envenenamento, mas não fez nada. Não foi?”. Antônio Zanato era o diretor de marketing e ex-chefe dele. Se a história que eu imaginava fizesse sentido, ele certamente estaria envolvido até o pescoço.

“Fui aconselhado a ficar calado”, olhou em volta preocupado e se certificou de que não havia nenhum ex-colega de trabalho ao redor antes de se virar novamente para mim. Eu estava certo. “Vamos combinar uma coisa: sem nomes, entendeu?”

Quase ri do clichê, mas me controlei. O Carlos era mesmo um homem cheio deles. Ecologista de carteirinha, funcionário padrão, daqueles que se orgulhavam de nunca ter chegado atrasado, frequentava um grupo espírita toda sexta-feira e gostava de namorar sério. Uma típica formiguinha que sempre seguia as ordens de uma rainha qualquer. Mas, se ele queria mesmo se sentir num filme de espionagem, tudo bem. Eu podia entrar na brincadeira. De certa forma, sabia que ele me pediria isso. E foi por esse motivo que mencionei o nome do antigo chefe dele antes que pudéssemos combinar alguma regra.

“Sim, *meu chefe* sabia de tudo”, ele confirmou. O diretor de marketing, superior imediato do Carlos, havia recebido a mesma carta que o *Diário*, só que na véspera. “Quando você ligou para confirmar a história, ele negou porque aquilo não passava de mais um lunático querendo aparecer.”

“Alguma vez já se fez ameaças como essas?”, continuei. Fiquei surpreso com a resposta. Nunca imaginei que uma multinacional de alimentos daquele porte recebesse tantas tentativas de chantagem, todos os anos, a ponto de ninguém ter desconfiado que daquela vez era verdade. Não tinha por que alguém achar aquele cara mais maluco que os outros. Mas quando aquela mulher foi internada...

“Naquele dia eu fiquei com medo”, lembrou o Carlos com o suor escorrendo da testa, embora o ar condicionado estivesse mais frio que o necessário. Segundo ele, todo mundo do marketing foi chamado às pressas no sábado à noite. “A assessora de imprensa toda descabelada, voando pelos corredores... Parecia que tinham matado alguém na empresa.” Mas o Carlos só foi entender o que tinha acontecido no dia seguinte. Aí já era tarde demais. Conforme eu já havia pesquisado, a contaminação em série é um comportamento típico desse tipo de terrorismo.

Meu faro indicava que tinha encontrado a ponta do nó, e meu estômago quase virou do avesso. Continuei batendo na mesma tecla, afirmando que as outras pessoas envenenadas seriam, portanto, vítimas do mesmo maluco. Mais um chute certo. Segundo Carlos, ninguém nunca conseguiu provar que foi o iogurte, mesmo tendo havido outros casos semelhantes em outros hospitais da área.

A diferença é que todos eles eram mais pobres do que a tal “ricaça do Morumbi”, a primeira a apresentar os sintomas. Aí, ninguém prestou atenção.

Nessas horas é que eu me orgulho da minha intuição. Foi só forçar mais um pouco e tinha tudo nas mãos. Uma criança do Campo Belo também havia morrido. Tinha só quatro anos. E, das outras seis possíveis vítimas, só uma outra mulher foi internada no mesmo dia. As demais foram todas ao longo da semana seguinte. “Você sabe, iogurtes são comprados para serem guardados na geladeira.” Só por isso o caso ainda não havia estourado em todas as manchetes do país.

Quando a primeira vítima foi internada, o Carlos foi procurar o chefe. Ele sabia que poderia evitar novas contaminações, se o público fosse informado no ato. Mas o Zanato, que de caridoso não tem nada (já o tinha entrevistado em outra ocasião), disse apenas que “nada havia sido confirmado”. Aquela mulher poderia ter comido um caviar estragado e pronto. Realmente, até aquele momento, não havia evidências que valessem os danos que a marca sofreria com um caso terrorista de envenenamento, embora o comportamento alterado da assessora de imprensa sugerisse o contrário.

Imagine só se mães continuariam comprando comida para os filhos se soubessem que um lunático andava colocando veneno nos produtos. Seria uma catástrofe para a empresa e a glória para quem descobrisse o escândalo! Exatamente o tipo de coisa que ajuda a construir uma lenda jornalística (o Ítalo ficaria decepcionado se me visse escrevendo “coisa”: ele odeia palavras genéricas, mas não consegui achar um termo melhor, então fica assim mesmo!). Agora que eu tinha a história, encontrar as evidências era o mínimo que eu poderia fazer. Diria um dever cívico e uma obrigação com a minha classe.

Confesso que me diverti com meu próprio cinismo quando perguntei se ele não havia feito nada. Ele respondeu com uma aparência amargurada o que eu já sabia: havia enviado um e-mail aos vice-presidentes, em que deixava clara sua posição sobre o caso, e foi para casa. No dia seguinte, havia uma nota de demissão sobre a mesa dele. Foi o que ganhou tentando garantir seu lugar no céu, completou inconsolável.

O que nem eu poderia imaginar era o motivo alegado pela direção: assédio sexual, o Carlos me revelou depois de um belo gole do falso *bordeaux*. Mais por hábito da profissão do que por crueldade, perguntei: “E havia motivo para essa acusação?”

Ele se encabulou. Desceu mais um tom na voz e pediu que eu não publicasse isso. Como não poderia deixar de ser, dei todas as garantias. Seu nome não seria citado de forma alguma, nem outros dados que pudessem identificá-lo como o autor da denúncia. Ele voltou a falar mais baixo ainda. “Assédio mesmo, no sentido literal, não. Mas eu tinha saído por uns tempos com uma *trainee*.”

Naquele dia, quando o Carlos chegou à sua mesa, viu essa tal menina conversando com o diretor. E no dia seguinte à demissão, ficou sabendo que a pessoa que ocupara o seu lugar tinha sido ela. Confesso que até mesmo eu, que não acredito na bondade desinteressada dos homens, me assustei. Por um instante, quis matar aquela vaca pelo que ela havia feito com o meu ex-colega de faculdade. Mas tinha uma entrevista a fazer, não podia me envolver emocionalmente.

“E você, por que não fez nada? Por que não botou a boca no mundo na mesma hora?”, perguntei, sem conseguir esconder minha indignação completa. “Por vários motivos. Primeiro porque eu sabia que a diretoria inteira estava envolvida nisso.”

Ele não disse os nomes, mas não precisava. Os três vice-presidentes, a quem ele havia enviado o e-mail, com certeza sabiam. O diretor industrial deveria saber também. Só isso já era problema na certa. Sei bem como são esses ambientes corporativos. Mas eu ainda estava curioso para saber os outros motivos. Foi aí que ele me contou que havia casado com a mesma namorada dos tempos de faculdade. A Michele, uma loirinha linda, de cabelos encaracolados. Ela não compreenderia um escândalo como esse. Era o emprego ou o casamento. E ele disse que preferiu a loira. O que o homem na minha frente não imaginava é que eu sabia muito mais sobre a Michele do que ele suspeitava.

Depois disso, mais uns goles do vinho que, depois daquela história, pareceu uma pedra caindo no estômago. Ficamos calados por um bom tempo. Aquelas informações já eram suficientes. Não havia mais porque fazer meu amigo sofrer lembrando tudo. Peguei mais uma torrada com patê e tentei parecer solidário falando de um outro assunto. Até porque a história do assédio não me interessava nem um pouco.

Foi assim que percebi que, embora o nervosismo tivesse dado lugar à ansiedade, minha angústia continuava. Em princípio, achei que fosse o vinho barato e me dediquei à água desde então. O Carlos, não. Continuou no vinho, mudo. Depois da quarta taça, ele pediu licença e foi ao banheiro. Aproveitei a situação para sacar o celular e, com o sangue voltando a borbulhar de adrenalina, disquei o único número que sabia de cor.

Enquanto o telefone chamava, varri o lugar com os olhos. Nessas horas, por mais cético que você seja, sempre verifica se há alguém o observando. Uma superstição que sempre achei boba, mas que daquela vez me pegou de calças curtas. Do outro lado da casa, um garçom negro e alto me olhava com insistência. Tinha a pele marcada como aquele velho do parque, e eu realmente senti alguma coisa familiar naquele rosto. Mas era jovem, não poderia ser o mesmo, pensei. Ele me olhou fixo e quando insinuou caminhar na minha direção, Maria Eduarda atendeu. Antes que ela pudesse dizer alô, disparei: “Pode marcar para amanhã. Primeiro horário. Tenho a história completa”. Foi tudo o que consegui falar antes de o Carlos voltar. Quer dizer, ainda deu tempo de pedir que ela descobrisse o nome dos hospitais da região do Morumbi, de Campo Belo, Pinheiros e Butantã (os bairros onde foram detectadas suspeitas de envenenamento semelhantes ao da mulher do Morumbi). Ele se sentou e foi logo abrindo o cardápio. Senti o estômago roncando desesperado. Estávamos conversando há quase uma hora e nem havíamos escolhido os pratos.

Os pedidos nos descontraíram. O suflê de queijo com legumes que pedi nem estava no cardápio, mas havia aprendido a pedi-lo na última vez que estive lá. Divino. Em nenhum outro lugar na cidade é possível encontrar suflês como esse. Grande, delicado e com um fundo cremoso. Como manda a tradição. Tão saboroso que o prazer antecipado me fez perder o olhar estranho do garçom que me encarava do canto do restaurante. Quando me toquei, não o encontrei mais. Graças ao treinamento jornalístico, guardei aquele rosto para pensar mais tarde. Enquanto estivesse ali, naquela mesa do Marcel, tinha assuntos mais urgentes com que me preocupar. Para ser exato, a comida. Fechei o menu e percebi que o Carlos também não teve dúvidas. Olhou para o chefe dos garçons e apontou o pequeno pedaço de papel preso por um clipe prateado. “A codorna”, ordenou. Grande pedido.

Aliás, anote bem essas dicas: Marcel, suflê de queijo com legumes e codorna. Se você um dia for até lá, sugiro que peça um desses pratos. Garanto que não vai se arrepender. Esse é o meu

pagamento de hoje. Se tiver oportunidade, experimente antes de mandar sua resposta. Será interessante saber sua opinião sobre minhas provas gastronômicas antes de continuarmos.

Axé e bon appetit,

New

São Paulo, 14 de junho de 2001.

A REVELAÇÃO

Odoguiá caminhou triunfante pelas ruas da cidade. Acompanhado do amigo babalaô, de alguns escravos e mais cinco encapuzados, aproximou-se do recém-construído palácio do rei, quando eles foram interrompidos por um casal assustado.

– Babá! – gritou o grandalhão desajeitado.

Orunmilá se virou e reconheceu seu mensageiro. Logo atrás vinha Oxum, a bela filha do babalaô, cheia de joias e enfeites, com o cabelo arrumado como se estivesse pronta para ir a uma festa. Ela não deveria estar lá. Mas isso poderia ser discutido em um momento mais apropriado. Ainda formulava a primeira pergunta a Exu quando foi interrompido por Odoguiá:

– É melhor corrermos antes que aconteça um desastre!

Atrás deles, a multidão já entendia quem eram os encapuzados e corria com paus e pedras em punhos na direção deles. Se o grupo corresse, chegaria ao palácio antes de ser alcançado. Se esperasse, ninguém poderia garantir que a multidão em fúria conseguisse distinguir os bandidos dos demais. O babalaô de Ilorin chamou um dos escravos e disse:

– Leve-os para a minha casa e dê-lhes o que comer. Exu e Oxum precisam estar tranquilos e descansados quando chegarmos de volta. Vamos rápido, antes que o povo chegue.

– Essas pessoas não parecem dispostas a respeitar nem mesmo os portões reais. É melhor Exu vir conosco e segurar a multidão do lado de fora.

Exu fez um gesto afirmativo, e o grupo saiu em retirada para o palácio. Na direção oposta, um escravo levava a filha do visitante para um lugar seguro.

Passaram pela porta um pouco antes do povo alcançá-los. O mensageiro grandalhão gritava do lado de fora e aparentemente conseguira impedir que a multidão entrasse antes que Odoguiá e seus amigos fossem atendidos pelo rei.

A coroa amarela em forma de cone fazia com que o monarca aparentasse ser um gigante de quase três metros. Uma franja de contas brancas e verdes pendia suavemente sobre seu rosto, deixando entrever os traços de um homem justo. As roupas, cuidadosamente ornamentadas por tecidos suntuosos, exibiam figuras de aves e representações da Lua em todas as cores conhecidas, que flutuavam sobre as miçangas de suas botas reais. O cetro era cravejado de contas coloridas ao longo de seus dois metros de imponência, como se quisesse deixar claro aos visitantes a diferença entre eles e um rei. Entrou calmamente e ajeitou-se no trono de pedra. Aguardou que os visitantes se sentassem no tapete estendido à sua frente e enfim cumprimentou os presentes:

– Meu caro Odoguiá, a que devo a honra de sua sábia visita? – disse o rei antes de colocar o segundo pé na sala de visitantes.

– Êpa, olofin! Viemos trazer os ladrões da casa dos Odé. O povo lá fora está pronto para linchá-los, mas eu dei minha palavra que interviria por eles junto a vossa majestade.

– E eles devolveram o produto do roubo?

– Está tudo enterrado embaixo do iroco do lago vermelho, segundo me disseram. Não tivemos tempo de verificar, viemos direto para cá.

– Pois bem. Guardas, levem os cinco homens daqui e verifiquem o iroco. Se estiverem dizendo a verdade, prometo não entregá-los ao povo lá fora. Mas, se estiverem mentido, colocarei todo o meu exército para garantir que eles terão o castigo que o povo tanto quer aplicar. E alguém aí traga comida. Da melhor que tivermos. Nossos heróis merecem uma comemoração.

– Muito obrigado, majestade.

– E sirvam o gigante lá fora também. Vi pela janela o que ele estava fazendo e confesso que não confiaria em qualquer um para conter uma multidão enfurecida como aquela.

– Muito obrigado, majestade.

– Se estiver tudo embaixo da árvore mesmo, Odoguiá, metade dos bens que foram dos Odé será teu. Afinal, não fosse tua sabedoria, nem isso teriam.

– Muito obrigado, majestade.

– Agora, conta, meu babalaô, como fizeste para descobrir os bandidos tão depressa sem teus instrumentos de adivinhação? Ouvi dizer que teus instrumentos não funcionam mais.

– É verdade, meu rei. Os odus não me mandam mais histórias. Mas, como bem disse meu amigo Orunmilá, não precisava do opelê para descobrir os ladrões. Apenas astúcia e um pouco de representação.

– Pois então, tu és o famoso Orunmilá? Seja bem-vindo às terras de Ilorin.

Orunmilá acenou, orgulhoso, a cabeça enquanto o rei novamente se dirigia a Odoguiá:

– Estou pronto para entender como realizaste tal feito, então.

– Foi simples. Vossa majestade bem sabe que, apesar do grande crescimento de Ilorin, o povo ainda se comunica muito rápido. Quando coloquei o primeiro grão de milho no prato da janela, sabia que a notícia se espalharia e que, dia após dia, o povo ficaria mais curioso para conhecer a identidade dos bandidos. Da mesma forma, eles ficariam cada vez mais preocupados com a iminente prisão. E assim foi. Dois dias antes que o último grão de milho fosse colocado sob o prato, eles vieram me visitar. Afinal, eles mesmos são gente do povo e ouviam seus vizinhos e amigos comentando os castigos que lhes impingiriam caso fossem descobertos os ladrões da casa dos Odé. Claro que o fato de os Odé serem tão queridos e

respeitados em vosso reino ajudou bastante, mas todo o feito deveu-se, basicamente, àquela representação diária à frente da janela.

– Magnífico, magnífico. É gratificante saber que um sábio de tanto valor escolheu nossas terras para habitar. E tu, mestre Orunmilá, tuas ferramentas também se calaram?

– Sim, majestade. Igual às de Odoguiá. Mas meu mensageiro, que guarda a porta neste instante, traz notícias do Orum. Espero poder resolver o problema assim que souber as razões do silêncio dos odus.

– Teu mensageiro está sendo muito bem alimentado à porta do palácio. Deixe que descanse, pois o caminho do Orum até aqui é longo e cansativo. Descansem também os senhores e aproveitem o banquete que mandei servir. Depois, com o corpo reabastecido, voltem para casa e decidam como fazer renascer vossas ferramentas. Por hora, apenas relaxem, pois uma cabeça privilegiada não sobrevive sem um corpo saudável. E boa sorte.

Disse isso e se ausentou, deixando os dois babalaôs sozinhos na grande sala. Somente então Orunmilá conseguiu observar com mais cuidado os aposentos. Já havia estado em inúmeros palácios a convite de reis iorubás, e em cada um, uma decoração distinta declarava os gostos e a personalidade do monarca que o controlava.

Uma poderosa pele de leopardo deixava claro a quem quer que a vislumbrasse que o dono do palácio não era de muitos medos. As máscaras de bronze, pedra e madeira eram certamente presentes de outras terras, pois Orunmilá reconheceu os entalhes de várias cidades diferentes nas peças.

Ainda assim, sem dúvida, era a gigantesca porta dupla de madeira ornamentada com figuras representando uma cerimônia real o ponto mais impressionante do lugar. Orunmilá se aproximou para ver melhor e, como num gesto de submissão mágica, ela se abriu.

– O jantar está servido – disse um criado em tom solene.

Embora fosse um babalaô bastante viajado e acostumado às regalias dos grandes reis, Orunmilá não se conteve diante do que viu. Iguarias

indescritíveis foram servidas aos dois sábios que, em virtude de tamanha ostentação, não puderam recusar. Eram pratos e mais pratos de todas as variedades de comidas servidas naquela cidade: milho branco e vermelho cozido, farofa, inhame pilado, acarajés feitos na hora, pirão, feijões-fradinhos, carne de bode, de javali, de cervo, galinha cozida, peixe de escama...

Os convidados comeram sem se dar conta do tempo ou de seus estômagos. Quando voltaram para casa, já não aguentavam conversar. Odoguiá olhou satisfeito para seus escravos e fez sinal avisando que não precisavam se preocupar em servir a refeição. Orunmilá não precisou dizer o que pensava quando olhou para Oxum, que aguardava ansiosamente o retorno dos dois para contar as notícias do Orum que ouvira de Exu durante o caminho.

O mensageiro, por sua vez, sorriu quando percebeu que seu mestre se dirigiu para o quarto sem lhe perguntar uma palavra. Orgulhoso de seu novo trabalho, sentou-se à porta da casa, onde adormeceu com um olho e guardou a entrada com outro. Exu era novamente o guardião da entrada.



Na manhã seguinte, a explicação veio antes mesmo do primeiro gole de água.

Orunmilá teve um mau pressentimento quando Exu revelou que o silêncio do opelê e da tábua não era um problema nos instrumentos, mas sim o reflexo do plano de um velho grupo de feiticeiras conhecidas como Iá Mi Oxorongá.

Há tempos as Iá Mi tentavam impor suas vontades e tomar os poderes dos orixás. Embora fossem muito poderosas, nunca haviam conseguido executar um plano capaz de colocá-las realmente à frente do mundo. Mas, desta vez, pareciam ter conseguido tomar o controle do mundo dos vivos, que os iorubás chamavam de Aiê.

– As Iá Mi sequestraram os odus – resumiu Exu. – Elas os esconderam e declararam que a partir de agora as histórias das pessoas do passado e do presente seriam contadas por elas.

Orunmilá e Odoguiá congelaram. Os iorubás acreditavam que tudo na vida se repete. O que aconteceu na vida das pessoas do passado é o mesmo que irá se repetir com as pessoas do presente e com as do futuro. E os donos dessas histórias são os odus. Com esse poder, as Iá Mi poderiam dar ao mundo o rumo que desejassem. Pelo que se sabia das velhas feiticeiras, isso não seria nada bom para os habitantes do Aiê. Se dominam os odus e, por consequência, as histórias, elas podem contá-las todas de novo, do jeito que quiserem. E a vida das pessoas do presente e do futuro terá de seguir o que decidir a vontade instável das velhas feiticeiras.

– Todos os orixás estão lá, mandando seu axé para Ifá e tentando evitar que as coisas fujam do controle – relatou Exu. – O próprio Oxalá desceu de seu palácio branco para ajudar – um suspiro de espanto tomou conta da sala –, mas nem todos eles juntos são suficientes para manter o estado das coisas sem o poder dos odus. Eles pedem sua ajuda, mestre – completou Exu. – Mandaram que juntasse sete guerreiros e que juntos fossem procurar os odus. Enquanto o último odu não estiver de volta, o futuro será das Iá Mi.

– Quando partimos? – perguntou decidida a filha do babalaô.

– Oxum, não há tempo para discussão. Volte já para casa. Tenho muito que fazer – ordenou Orunmilá.

– Mas, pai...

– É a vontade de seu pai, Oxum. Agora vá dormir, pois a jornada será longa. Mais alguma informação importante, Exu?

– Sim. Se o axé dos orixás acabar, antes de encontrarmos os 16 odus, não haverá mais volta. As Iá Mi serão definitivamente as donas do segredo. Nem mesmo os orixás sabem o que poderá acontecer a partir desse dia.

– Partimos amanhã cedo – anunciou Orunmilá ao anfitrião.

– Ah! Esqueci de mais um detalhe! Oxalá me transmitiu um pedido de Olodumare – gritou Exu.

– O quê? – respondeu Orunmilá preocupado.

– Uma codorna.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(7): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Não nos conhecemos há muito tempo, mas tantas afinidades me surpreendem. Você tem razão: é errado considerar a gula um pecado. Pelo menos não no sentido de desrespeito às leis de Deus. Se ele fosse gente, garanto que teria sucumbido comigo ao suflê do Marcel (e se é mesmo três pessoas em uma, teria repetido mais duas vezes!).

Quando ouço essa conversa cheia de culpas, sempre me pergunto: como pode ser errado se permitir algum prazer, se isso não significa necessariamente que alguma outra pessoa será prejudicada? Sem querer insistir nos mesmos pontos, sempre me pareceu invenção daqueles padres que, por serem obrigados ao celibato, nos restringem toda forma de deleite. Mas hoje minha teoria se tornou mais espetacular. Talvez até conspiratória. Acompanhe-me e veja se não tenho razão.

Se você observar com cuidado, perceberá que os sete pecados capitais – gula, inveja, cobiça, soberba, luxúria, preguiça e ira – se referem aos sentimentos mais puros e verdadeiros que um indivíduo pode ter. Além da capacidade de raciocinar, são eles que nos diferenciam dos animais. (Os piegas de plantão diriam que o amor também nos diferencia, mas uma macaca é capaz de amar sua cria, o que desqualifica o raciocínio.) E se os maiores pecados são a própria essência da individualidade do homem, o melhor é não cultivar o espírito próprio: não ser indivíduo ou não ser humano. Percebe onde quero chegar? Se você não deve ser nada além do que o grupo exige que você seja, voltamos à teoria das formiguinhas lava-pés. Não é genial? O que eles querem, no final das contas, é que abduquemos da nossa individualidade em favor do grupo ou em nome de Deus. O que, no frigidar dos ovos, dá no mesmo.

Além disso, toda essa discussão sobre o pecado me parece maniqueísta demais. Será que qualquer atitude pode mesmo ser classificada como certa ou errada? Não consigo ver a vida com essa cara de videogame. Seria muito fácil se fosse realmente assim. Experimente contextualizar esses atos e verá que os valores podem ser convertidos sem dificuldade. Basta um pouco de criatividade, e transformaremos pecados em benesses e caridades em prazeres egoístas. O próprio Jesus Cristo deve ter cometido seus “pecadinhos” quando se viu enrascado. E, mesmo assim, não deixou de ser muito mais do que um santo. Ou você não acha que havia um quê de gula e de soberba na transformação da água em vinho? Por que o homem precisaria de vinho, se a água já é suficiente para matar a sede? E por que ele não fez isso só para si próprio, em vez de aproveitar um momento de festa para se exibir? A verdade é que tudo tem seu lado santo e pecador. Não há como fugir disso. Pense assim, e a culpa desaparece. E se há um sentimento realmente pecaminoso e destruidor é a culpa. Essa, sim, deveria ser banida. Livre-se dela, e a vida será mais solta, desimpedida. Mais feliz. E por que motivo, senão esse, fomos colocados no mundo?

Quando cruzei as mesas da redação do *Jornal*, por exemplo, poderia estar me sentindo culpado pela forma como consegui aquelas informações. Mas não. Tinha orgulho da minha própria astúcia. E isso me fazia bem. Fazia-me triunfante. Era como se todos pudessem ver em volta de mim uma aura de sucesso. Talvez eles não tivessem mesmo percebido nada. É possível (e até provável) que muita gente ali nem tivesse notado que eu passei, mas me senti poderoso. E foi só por isso que tudo correu tão bem. Meu orgulho era pecado? Nem pensar.

Estava seguro. Um pouco nervoso, confesso, mas ainda assim confiante. Desde que acordei, naquela terça-feira, e reli pela última vez a matéria que escrevi de uma só tacada na noite anterior, me sentia assim. Ao longo da tarde, que se seguiu ao almoço com o Carlos, a Maria Eduarda conseguiu os diagnósticos das sete pessoas internadas com sintomas de envenenamento. E quando cheguei em casa, sentei em frente ao computador e redigi a melhor matéria que já tinha escrito até então, a tempo de ainda ter uma boa noite de sono antes da entrevista de emprego do dia seguinte.

Lembro que, assim que o elevador abriu, pensei: “Aqui estou eu, na maior redação do país”. Ela não era tão diferente das outras. Aliás, diria igual, não fosse as pessoas parecerem um pouco mais pálidas e desanimadas. Quem conhece uma redação, conhece todas. Enquanto caminhava por entre as mesas, identificava cada editoria pelas roupas que os repórteres vestiam. Passei pelos esquisitoides de cabelos coloridos do caderno de cultura, pelos adiposos do policial, e enfim me senti em casa quando meu terno cinza combinou com as roupas ao redor. Sabia que em qualquer redação do mundo os únicos repórteres que se vestiam daquela forma eram os de negócios e economia. (E os de política, claro, mas esses normalmente ficavam quase todos na sucursal de Brasília ou num andar diferente, como se tivessem sua própria redação.) Melhor ainda: economia era sem dúvida o lugar com mais mulheres de todo o andar!

De onde estava, avistei uma sala com paredes de vidro. A secretária levantou-se e veio em minha direção. Disse meu nome, e confirmei antes de ela me mandar entrar: “O Fred Siqueira está numa reunião com a diretoria e já volta”. Eu tinha no máximo meia hora para me preparar, pois o início da manhã é sempre crítico para a confecção de um bom jornal. Ele não ficaria longe tanto tempo.

Tomei o lugar indicado pela secretária e girei a cadeira para reconhecer o ambiente. Percebi que as meninas do andar cochichavam sem pudor enquanto olhavam em minha direção. Mas preferi me concentrar no encontro iminente. Elas poderiam esperar um pouco. Confesso que, por um instante pelo menos, me senti ainda mais motivado a conseguir aquele emprego. A luxúria que me dominava, portanto, me serviu de estímulo para conseguir meu objetivo. O que há de errado nisso?

Lembro que a mesa do editor era uma bagunça. Chegava a ser pior que a do Ítalo, que sempre acreditei ser o homem mais desorganizado do mundo. Isso devia ser parte do estereótipo do jornalista da velha guarda. Só podia ser. Nas paredes, os mesmos tipos de fotos P&B de momentos históricos que ele deve ter coberto. Nos cinzeiros, a mesma pilha de guimbas.

Pela sala, eu podia imaginar a personalidade do dono. Assim como o Ítalo, ele sem equívoco nutria a mesma ira pelos poderosos, mas nem por isso seu pecado o fazia pior. Novamente negando a tese religiosa, essa mesma ira comunista foi o que fez com que tanto o Fred quanto o Ítalo conseguissem chegar a uma posição de destaque, em que poderiam fazer alguma diferença no mundo. (Embora eu ache o comunismo tão idiotizante quanto qualquer outro movimento.) E preste

atenção no que estou falando, pois digo isso não só para confirmar minha tese, mas também para introduzir mais uma série de eventos importantes na história que prometi lhe contar.

Quando o Fred chegou, mal consegui conter o sorriso. Como eu havia imaginado observando as fotos, era um gigante. Mais de dois metros e uma barriga que devia pesar mais que eu. Levantei, pois já sabia que jornalistas da velha guarda gostam da reverência dos mais novos. Ambos sorrimos, e apertei a mão enorme do dono da mesa bagunçada. Mas em vez de me apresentar, fiz a pergunta: “Qual sua matéria principal para amanhã?”.

O Fred entendeu e resolveu brincar um pouco. Pude ler claramente que ele estava se divertindo com o joguete. Mas, como eu imaginava, ele não deixaria o controle de bandeja na minha mão: “Muito prazer. Eu sei quem você é e você sabe quem eu sou. Nós dois sabemos que você está aqui para uma entrevista. Então, fica combinado que quem faz as perguntas aqui sou eu. Mas por que o interesse?”.

Rebati sem piedade: “Que tal: ‘Envenenamento em iogurte mata criança de quatro anos’?”. O velho jornalista acendeu um cigarro e fitou-me como se quisesse ver até onde aquela história poderia chegar. Eu continuei: “Subtítulo: ‘Multinacional de alimentos e *O Diário* sabiam de tudo, mas não fizeram nada para evitar’. O que acha?”

O gigante se apoiou sobre a mesa, olhos fixos na minha direção. Ficou mudo, esperando uma reação minha. Eu conhecia bem essa técnica, é uma das maneiras mais simples de pressionar um entrevistado. Quase sempre funcionava. Mas dessa vez não seria tão fácil, pois eu estava preparado para esse confronto. Já o vivera algumas vezes em meu antigo emprego.

Fiquei quieto, sem deixar que meu adversário compreendesse o que se passava na minha cabeça. Nada no mundo desnorteia mais um jornalista do que a sensação de que a entrevista está nas mãos do entrevistado.

“Senhor Newton. Vejo que o senhor tem um estilo bastante... agressivo”, ele enfim declarou. Mas eu continuei impassível. Pelo menos até ele admitir sua curiosidade: “A matéria é quente?”.

Era a deixa para eu abrir o bico. Sabia que se ele fosse da mesma escola do Ítalo, estaria adorando aquela cena. Por isso mesmo, não me deixei constranger e ainda falei com a autoridade de quem já estava contratado, quando ele perguntou se eu tinha uma fonte. “Claro! Um ex-executivo da empresa”, respondi com as informações mais vagas que consegui imaginar.

O interrogatório continuou. Perguntou-me o nome e os fatos que provavam minha tese. Escapei do que pude e, quando ele enfim pediu que eu me sentasse num computador vago e escrevesse a matéria o mais rápido que pudesse, preparei o bote. Coloquei minha pasta no colo e tirei algumas folhas de papel, antes de perguntar quantos toques ele queria. “Três mil”, ele respondeu, antecipando meu xeque-mate. No mesmo instante me levantei e entreguei uma das folhas. Para ser ainda mais contundente, desta vez fui eu quem apoiou as duas mãos sobre a mesa, olhando-o nos olhos.

Ele já sabia que eu estava contratado antes de ler a primeira frase. Mesmo assim, representou seu personagem com dignidade. Colocou os óculos de leitura e pôs-se a analisar a matéria. Enquanto corria os olhos pelos parágrafos da folha à sua frente, perguntou, fingindo desinteresse, quanto eu ganhava no meu antigo emprego. “Dois mil e quinhentos reais”, respondi, fazendo uma ligeira correção em função das promessas não cumpridas do Ítalo. (Seria isso gula ou cobiça?) Ele continuou

a ler enquanto caminhava em direção à mesa da secretária. Indicou com os olhos que eu o seguisse e anotou um número no *post-it* que prendeu no monitor da secretária: 4.500,00.

Em nenhum momento sequer ele deixou a máscara do personagem cair. Levantou impassivo, como se uma matéria de negócios na primeira página fosse um fato mais que corriqueiro. Indicou minha nova mesa, mandou cortar uma frase – que eu havia colocado ali para que ele pudesse dar o último retoque – e pediu que enviassem a matéria para o copidesque. Dona Suzana, a secretária, me apresentaria às pessoas certas para que eu não tivesse problemas com a burocracia.

Não seria preciso. Quando ele se afastou, Maria Eduarda me olhava ansiosa. Acenei com a cabeça e, discreta, ela piscou seus lindos olhos verdes. Do outro lado do andar, o chefe ainda gritou meu nome e eu respondi, em um tom não muito baixo, para que todos pudessem ouvir que agora também fazia parte do time. “E se eu tivesse pedido mil ou quatro mil toques?”, ele perguntou. Levantei as duas mãos, cada uma segurando versões diferentes da matéria. Ele sorriu, como se já esperasse por aquela resposta, e continuou seu caminho em direção ao elevador.

Abro aqui um parêntese: quem poderia dizer que minhas motivações pessoais foram ruins? Mesmo assim, passei por, pelo menos, quatro pecados fundamentais enquanto conquistava meu novo emprego. Fecho o parêntese e volto à série interminável de pequenos pecados e grandes prazeres daquele mesmo dia.

No início da noite, a campainha tocou com apenas meia hora de atraso. O tempo exato que manda a etiqueta. Eu conhecia bem minha velha amiga de faculdade e sabia de cor os hábitos de sua educação de princesa. Não que ela fosse uma dessas patricinhas que se recusa a qualquer quebra de protocolo. E, mesmo se fosse, não gosto de patricinhas, mas as aceito na minha cama sem problemas. Odeio aqueles topetes duros e aquele monte de penduricalhos dourados, mas gosto de vê-las se descabelando e falando coisas inomináveis embaixo de mim. Ou em cima. Na faculdade de Economia, elas proliferavam como coelhos. No Jornalismo, dividiam o espaço com as ripongas, outra espécie intragável. Mas a Maria Eduarda não se encaixava completamente em nenhum dos grupos. Era só bonita e inteligente e, apesar de ela insistir que eu é que era o mauricinho, tenho certeza de que ela fazia isso só para implicar – sempre nos demos muito bem ao longo da graduação e ainda gostávamos um do outro quando voltamos a nos encontrar na redação do *Jornal*.

O perfume que ela usava era o mesmo da época de faculdade. Senti antes mesmo de abrir a porta. Assim como ela, eu já estava com tudo preparado: rolha ainda úmida em uma das mãos e um copo na outra. Maria Eduarda estava linda. Calça jeans e uma camiseta branca. Básica o suficiente para que seu rosto ficasse ainda mais iluminado. Suspirei sem querer. E ela atendeu ao convite estendendo a mão em direção ao vinho. Puxei o copo e dei um passo à frente, segurando-a pela cintura. Claro que ela não resistiu, não tinha ido até lá para me fazer charme. Ficamos ali, na porta mesmo, por alguns minutos, até que ela sugeriu que continuássemos com a porta fechada.

Havia pelo menos um ano, desde que ela saiu do *Diário*, que não trocávamos carinhos como aqueles. E parecia que fazia apenas alguns dias. Tanto que não senti necessidade de pedir qualquer permissão. E ela sequer estranhou minha atitude. Havia ido até ali para isso, como nos velhos tempos.

Brindamos com uma garrafa de Barolo que aguardava sobre a mesa (que ganhei de um entrevistado após uma matéria... positiva). “Ao seu novo emprego”, disse ela. “Por trabalharmos

juntos outra vez”, respondi.

Sentíamos muita falta um do outro. Fomos felizes quando estudávamos Jornalismo, vivíamos grudados. Estávamos os dois na segunda faculdade. Tínhamos ótimas notas e estudávamos sempre em dupla. Tenho certeza de que foi por minha causa que ela foi procurar a área de negócios. Acabamos ficando muito íntimos e transamos o que pudemos entre uma matéria e outra. Mas tudo como amigos, não como namorados. Graças a isso, tínhamos uma cumplicidade diferente. Sem cobranças nem qualquer tipo de obrigação. Nunca mais consegui um relacionamento tão desprendido quanto aquele. E confesso que ainda sinto falta disso, às vezes.

Quando terminamos o primeiro copo, voltei para a cozinha. A convidada até tentou se aproximar, mas foi imediatamente interrompida. Não queria que ela estragasse a surpresa. Hoje sei que o que ela queria, na verdade, era verificar se eu estava mesmo cozinhando! Quando era estudante, eu mal sabia fritar um ovo. E ela desconfiava que eu estaria apenas esquentando um prato comprado pronto. Mas, diante da visão insólita do velho amigo regando uma peça de carne com um molho escuro e cheiroso, ela percebeu que muita coisa havia mudado.

Enquanto eu terminava de preparar o jantar, ouvi o estalo conhecido das cartas de tarô que Duda, na época de faculdade, sempre levava na bolsa. Ela não havia abandonado o hobby, portanto. Confinada à sala de jantar, começou a abri-las sobre o tampo de vidro. Ela sabia que eu não apenas não acreditava nesse tipo de magia, quanto odiava a ideia de que meu destino já estava escrito de alguma forma. Mas ela insistia em tentar desvendar o que havia no futuro para mim. Como não podia deixar de ser, sempre errava e eu ganhava um bom motivo para zombar da cara dela por um bom tempo.

Para não perder o hábito, antecipei-me com a chacota. “Veja se suas cartas dizem o seguinte: o futuro me reserva muita prosperidade, saúde e reconhecimento. Se não disserem é porque estão com defeito”, gritei de longe. Ela riu, pois sabia que era verdade. Sempre acreditou em mim, às vezes mais do que eu mesmo.

“Fama e sucesso, meu caro. Você está adivinhando mesmo!” Ela ia anunciando cada carta como um arauto da minha sorte. “Muitos obstáculos pela frente. Um caminho difícil”, continuou. Mas isso era óbvio. Um emprego novo é sempre cheio de obstáculos...

Foi quando ela fez uma pausa e mudou de tom para depois falar alguma coisa sobre traição e um trabalho importante. Se eu a tivesse ouvido naquela primeira convocação – repito –, tudo poderia ter sido diferente. Mas meus planos estavam todos traçados para aquela noite, e eu não deixaria nenhum jogo de adivinhação me distrair. Aproveitei a deixa para entrar na sala com o jantar daquela noite.

“Minha única missão hoje é encantar os seus sentidos, Dona Adivinha”, acho que disse algo mais ou menos assim, sem imaginar o quanto as palavras “missão” e “adivinho” passariam a fazer parte da minha vida dali para frente. Mas, naquele dia, tanto ela quanto eu ignorávamos abençoadamente qualquer sentido oculto daquelas cartas, livres do peso da preocupação e da culpa, então ela se debruçou sobre a bandeja e sentiu o aroma enquanto eu colocava uma música da época que estudamos juntos. (Seal, com certeza. “Kiss from a rose”. Conhece?)

A explicação do menu veio em seguida: costeleta de vitela, regada ao molho do vinho que estávamos tomando, cebolas caramelizadas e, para contrastar com a carne, uma delicada farofa de

alcachofra, feita com cuidado para não ficar ressecada demais. (Eis aqui meu pagamento do dia. Se você tem alguma habilidade na cozinha, experimente esta combinação que eu mesmo inventei. Não vai se arrepender!)

Mesmo com tudo aquilo, ao longo do jantar, ela não desistiu da história das cartas. “Acho que você deveria procurar alguém que entenda realmente dessas coisas e não o conheça tão bem quanto eu.” Teria me poupado algumas dores de cabeça, nos dias seguintes, se eu tivesse ouvido o que ela estava dizendo. Mas, em vez disso, resolvi continuar com o plano. Saltei sobre ela, e, a partir dali, experimentamos todos os cantos da sala e chegamos ao quarto sem falar mais sobre o assunto. Tivemos uma noite tórrida, ainda mais se considerarmos os padrões infelizmente contidos de minha parceira. Dormimos abraçados e, no dia seguinte, acordei sozinho. Sobre o despertador, um bilhete num *post-it* cor-de-rosa dizia:

Eu te amo. De um jeito diferente, mas para sempre.

Beijos carinhosos,

Maria Eduarda.

Obs.: Procure a dona Adair. Ela vai ajudar a entender o que saiu no tarô.

Tinha um telefone junto e, embora eu nem considerasse a hipótese de ligar, guardei o papel na carteira pelo texto principal. Ela nunca havia dito que me amava.

Mais do que qualquer outra declaração de amor que eu já tenha ouvido, aquela me tocou. E até hoje eu ainda lembro, com o estômago queimando, da sensação de ler aquele bilhete. “Eu te amo. De um jeito diferente, mas para sempre.” Nunca retribuí essas palavras, mas elas poderiam perfeitamente ser minhas para ela.

Talvez o tempo um dia me mostre se estou certo ou errado. Mas sei que, de longe ou de perto, a Maria Eduarda será para sempre o meu maior pecado.

Axé,

New

São Paulo, 18 de junho de 2001.

A FLORESTA SAGRADA

No dia seguinte, Oxum tentou novamente convencer o pai a levá-la com eles. Mas Orunmilá já havia se convencido de que ela, tão acostumada às joias e ao conforto, jamais se adaptaria às condições dos próximos dias, pois Oxum era mimada demais. Sua vontade se dava muito mais pela proibição do que pelo espírito de aventura. Não havia dúvidas: mudaria de ideia assim que percebesse que não teria ninguém para lavar suas preciosas joias. Além de tudo, ela ainda era uma criança. Não tinha idade para nada daquilo.

Oxum, todavia, tinha certeza de que a decisão do pai não passava de excesso de zelo. Ele não percebera que sua filhinha havia crescido. Mas toda sua insistência não foi suficiente para demover o velho babalaô da decisão. Quando percebeu que nenhuma de suas palavras era ouvida, desistiu e calou-se.

A missão que o Orum ordenara seria perigosa demais para uma jovem frágil como ela, pensou Orunmilá. Além disso, seriam muitos dias de peregrinação e, talvez, de combates com desfecho inesperado. Ainda mais agora, que não poderiam nem contar com a orientação dos odus.

Odoguiá prontificou-se a cuidar de Oxum. Pela manhã, mandaria seus escravos acompanharem-na até sua cidade. E despediu-se de Orunmilá e seu mensageiro:

– Boa sorte, meus amigos. A viagem será longa e haverá poucos lugares onde parar. Por isso, insisto que levem essa comida. Que os orixás os acompanhem.

Ficaram todos à frente do portão da cidade até que perdessem a dupla de vista dentro da mata densa. E mesmo após tê-los visto sumir entre as

árvores, ficaram ali. Mudos. Absortos. De certa forma, todos invejavam aqueles dois. A aventura que se iniciava naquela manhã seria contada por muitas gerações. Se a missão tivesse êxito, seriam lembrados para sempre nas terras iorubás.

Quando, enfim, Odoguiá resolveu voltar para casa, já era tarde demais. Não havia mais sinal de Oxum.



Exu caminhava ansioso atrás do patrão. Mas sabia que não deveria fazer perguntas naquele momento, pois Orunmilá estava pensando. Imaginando o que deveria fazer a partir dali. Calculando a responsabilidade e suas chances de êxito. Exu conhecia seu mestre mesmo de costas e sabia que não era prudente interrompê-lo naquele momento.

Caminhavam em direção ao sul, isso era certo. Mas não conseguia imaginar o destino. Somente após duas horas de caminhada, Orunmilá deu alguma explicação.

– Vamos direto para Ifé. A Festa dos Inhames recebe bravos visitantes todos os anos e talvez lá encontremos nossos sete guerreiros.

Como sua voz não pareceu convidar para uma conversa, Exu ficou quieto. Continuou andando calado guardando as costas do mestre. Não que percebesse algum perigo iminente, mas uma sensação estranha de que estavam sendo observados não lhe saía da cabeça. “Talvez seja algum macaco”, pensou. A falta de intimidade com os assuntos da floresta confundia-o. Estivessem os dois caminhando em meio a um mercado de qualquer cidade deste mundo, ele reconheceria cada som, cada perigo. Mas entre toda aquela folhagem escura, que fazia um dia ensolarado como aquele parecer noite, ele se sentia novamente um jovem mensageiro inexperiente.

Pelo menos alguém ali parecia saber o que estava fazendo. Os passos lentos, porém decididos, de Orunmilá revelavam um incrível conhecimento

de todos os caminhos daquela floresta. E foi com essa segurança que se virou para trás e disse:

– Já é tarde. Vamos dormir por aqui. Comeremos só amanhã pela manhã para economizar provisões. Quero chegar a Ifé o quanto antes, e paradas desnecessárias para abastecer não estão nos meus planos.

Exu era só um mensageiro. Era seu patrão quem dava as ordens. Mas, naquela hora, teve vontade de desobedecer. Haviam comido de manhã! E só comeriam novamente no dia seguinte?

O jovem rapaz fingiu dormir e ficou ouvindo a respiração de Orunmilá, esperando que o ritmo cadenciado revelasse que enfim o mestre adormecera. A ansiedade diante da missão devia ser grande, pois várias horas se passaram até que realmente caísse no sono. Pelo menos assim lhe pareceu.

Exu levantou devagar sem fazer barulho. Foi até a bolsa em que estavam guardados os alimentos e pegou uma cabaça para si. Comeu um punhado de alguma comida que não reconheceu e guardou o resto no meio de suas coisas. Depois deixou o cansaço tomar conta do seu corpo e adormeceu.



Exu fingiu não perceber o som da bagagem sendo arrastada atrás de sua cabeça. Parecia ser cedo demais para recomeçar a jornada. Talvez, se não se mexesse, o mestre mudaria de ideia e resolvesse partir quando o Sol terminasse de nascer.

– Pare com esse barulho, Exu! Nós vamos comer antes de partir. Volte a dormir e descanse mais um pouco – soou a voz do velho adivinho.

Exu abriu os olhos. Se não era ele que estava fazendo aquele barulho todo, quem poderia ser? Virou-se a tempo de ver três chimpanzés correndo pela folhagem com algo que parecia ser a comida dos próximos quatro dias.

– Malditos! – gritou, acordando o patrão.

– O que foi?

– Nossa comida! Aqueles chimpanzés levaram toda a nossa comida! Malditos!

Orunmilá deu uma gargalhada:

– Sempre quis ver acontecer com você o que costuma fazer para os outros. Viu só? Os macacos pregaram uma peça em você. E agora você não tem mais o que comer.

– Tenho sim – disse Exu ainda mais enfurecido. – Guardei essa cabaça ontem depois que você dormiu...

Ao perceber que acabara de delatar seu próprio crime, Exu corou.

Orunmilá fez uma expressão severa de reprovação, mas não resistiu e caiu novamente no riso. Por alguns segundos, Exu sentiu-se desconcertado, mas logo se divertiu com a situação e eles riram juntos por algum tempo.

Naquela manhã, Orunmilá provou conhecer aqueles caminhos. Entre uma planta e outra, descobriu algumas frutas suculentas que os mantiveram de pé ao longo do dia. Exu poderia até ter aprendido alguma coisa, não fosse a incômoda sensação de que continuavam sendo observados.

– Se não fosse tão velho ainda o ensinaria a caçar, Exu. Talvez pudéssemos até apanhar a codorna de Olodumare.

– Sou um mensageiro, mestre. Trabalho para receber comida. Prefiro deixar que os outros corram atrás dela para mim!

Em meio às gargalhadas, continuaram a caminhada até que um som estranho chamou a atenção deles. Um cantarolar, parecia. Um belo cantarolar.

Naquelas condições, Exu sempre tomava a frente para garantir a segurança da situação. E foi ele quem avistou o dono da harmoniosa voz.

– Oxalá ouviu os meus pedidos! – gritou o mensageiro.

Orunmilá aproximou-se da clareira e pôde ver um sujeito baixo e forte que carregava um javali inteiro nas costas. O rapaz colocou a caça no chão e, a julgar pela expressão amistosa, divertiu-se com o grito do gigante.

– Vejo que têm fome, forasteiros – disse sorridente –, pois se aproximem. Tenho mais caça aqui do que poderia comer. Detestaria deixar um animal tão suculento para as hienas.

– Muito obrigado, senhor.

– Erinlé, mas podem me chamar de Inlé.

– Uns chimpanzés roubaram nossa comida e estamos desde o raiar do dia apenas com algumas frutas...

– As frutas daqui são ótimas, mas não valem um lombo de javali, não é mesmo?

Exu concordou, entusiasmado, enquanto via o caçador se agachar e começar a abrir o couro do animal.

– Vá buscar madeira, Exu – ordenou Orunmilá.

Os dois se divertiram com o entusiasmo faminto do grandalhão. O clima descontraído ajudou a iniciar a conversa.

– Você não é da região, é? – perguntou o caçador.

– Não, sou de bem longe, de uma pequena cidade chamada Ijebu, bem ao sul de Ibadan. Vim visitar um amigo em Ilorin e estava a caminho de Ifé.

– Ah, também vai para a Festa dos Inhames, então?

– Sim. Estamos à procura de sete grandes guerreiros para cumprir uma missão que me foi enviada pelo próprio Olodumare.

O caçador tocou o chão e a testa em respeito à menção do nome do deus supremo.

– Certamente você encontrará guerreiros de valor em Ifé. Mas nenhum como Ogum, de Irê.

– Acho que já ouvi falar dele.

– O guerreiro louco que, tendo água, se lava com sangue – disse Inlé imitando o tom amedrontado do povo local.

– Ah, esse mesmo. Mas é mesmo louco esse homem? – quis saber Orunmilá.

– Contam-se muitas histórias por estas bandas, mas ele não me parece tão louco assim. Parece, sim, um guerreiro imbatível. E se foi o próprio Olodumare que o mandou juntar sete guerreiros, acho que não pode prosseguir sem ele.

– Acha que daria tempo de ir até Irê e chegar em Ifé antes da festa?

– Sem dúvida. Posso indicar alguns atalhos.

– Obrigado. Vejo, portanto, que é daqui.

– Na verdade, sou de Ikijá. Mas há tempos não volto lá – abaixou os olhos num movimento triste.

– Parece que não gosta muito de falar no assunto...

– Apenas algum ressentimento. Fui acusado de roubar as ovelhas do rei. Mas provei a todos que não passava de uma armação de alguns vizinhos invejosos. Por que eu, que tenho dúzias de presas de elefantes e um incontável número de chifres de antílopes, roubaria ovelhas?

– Se provou sua honestidade, por que partiu?

– O rei ordenou que ninguém mais tocasse no assunto, mas fiquei triste. Noto que algumas pessoas ainda me olham com um ar meio desconfiado.

– E você mora na floresta desde então?

– Eu? Não! Estava só praticando enquanto meus amigos não chegam. Estou saindo em viagem para caçadas mais longínquas. Ouvi dizer que além de Okene há um rio majestoso, em que habitam cobras de quatro pernas que comem um gnu com uma só dentada. Só retorno com o couro de uma dessas nas costas.

Orunmilá já ouvira falar dessas histórias, mas sempre desconfiou que eram apenas lendas de caçadores. Lembrou do pedido do Orum e resolveu perguntar:

– Será que você não aceitaria uma caçada mais simples?

– Que tipo de caça?

– Uma codorna. Olodumare me pediu que lhe enviasse uma codorna.

– Seria uma honra atender a um pedido de Olodumare, mas é preciso que saiba que codornas são uma caça difícil. É preciso procurar muito e ter muita pontaria para capturá-las. Estou mais acostumado a grandes caçadas, animais perigosos, porém fáceis de acertar. Se Olodumare precisasse de um elefante, eu lhe traria dois. Mas, para uma codorna, você precisará de um arqueiro preciso. Infelizmente esse não sou eu.

– Não tem problema. Temos uma viagem muito longa pela frente e acabaremos encontrando quem possa nos ajudar. Você já foi de grande auxílio nos oferecendo o que comer e concedendo informações tão valiosas.

Nesse momento, Exu chegou com a lenha.

– Façam fogo aqui mesmo – sugeriu Inlé. – E depois de comerem, deixem o que sobrar para aquelas malditas hienas. Não tentem levar nada, pois isso só atrasaria a viagem. Vocês têm de se apressar, se quiserem chegar em Ifé a tempo da colheita dos inhames. Depois vocês descansam; primeiro sigam na direção do amanhecer da terra que encontrarão um rio. Continuem pela margem que ele os levará bem próximo de Irê. Chegando lá, perguntem pelo grande guerreiro Ogum.

Exu se assustou ao ouvir esse nome. Conhecia algumas histórias. Não tinha medo dele, pois Exu não tinha medo de ninguém. Mas sinceramente não sabia se um homem com um temperamento tão explosivo poderia de fato ajudar nessa missão.

Passaram bons momentos conversando sobre assuntos sem a menor importância, a maior parte do tempo sobre as caçadas desbravadoras de Inlé. O caçador descreveu animais e povos dos quais mesmo um homem sábio como Orunmilá nunca ouvira falar. Falaram de lugares exóticos onde nunca foram os iorubás ou os nagôs. Mas, quando o assunto voltou à floresta em que estavam, a leveza desapareceu.

– Quando partirem, tomem muito cuidado – avisou Inlé. – Em algum lugar desta floresta, durante esta época do ano, um grupo chamado ghelede costuma realizar seus rituais secretos para louvar os eguns. Esta floresta é

considerada sagrada por eles. É aqui que promovem suas cerimônias de iniciação, e eles não costumam ser muito amistosos com intrusos que interrompem seu culto.

Orunmilá já havia ouvido falar desse povo e suas máscaras coloridas. Sabia bem do perigo que corriam se esbarrassem acidentalmente com o grupo no momento errado.

– Conheço bem a sua fama. Muito obrigado pelo conselho mais uma vez.

– Então comam bem e prossigam com cuidado. Que os orixás iluminem seu caminho.

– Mas você não vai comer conosco?

– Já comi. Pouco antes de vocês chegarem, eu assava um cachorro do mato. Esse javali passou no meu caminho e acabei não resistindo...

– Entendo perfeitamente – disse Exu lambendo os lábios na direção do pedaço de carne que assava na fogueira.

O caçador divertiu-se com o apetite do corpulento rapaz e, após uma ligeira gargalhada, despediu-se e desapareceu por entre as árvores. A carne ainda não estava no ponto e por isso se despediram com calma antes de voltar a sentar diante do fogo. Passaram mais alguns minutos apreciando a carne corar antes de um ruído repentino quebrar o silêncio:

– Flesh, flesh! – quando um som de folhas, seguido de silêncio, chamou a atenção, os dois levantaram-se em um só movimento. Poderia ser mais um chimpanzé, ou algum tipo de leopardo à espreita. Mas desta vez, a dupla nem se lembrou da própria segurança. Nenhum dos dois queria era perder a refeição.

O silêncio continuou, até que um grito abafado rasgou seus ouvidos:

– Socorr...

Era Oxum. Orunmilá não se enganaria quanto à voz de sua própria filha. Mas o que aquela menina mimada estaria fazendo no meio da mata? Não havia tempo para raciocínio, era hora de ação.

Instintivamente, ele seguiu Exu pelas folhagens. Correu desesperado. O grito de horror na voz da própria filha ainda lhe congelava o estômago, quando sentiu o braço forte de Exu barrando-lhe o caminho.

Olhou para frente e congelou por inteiro. Lá estava ela, bem à sua frente, nos braços de um homem de máscara a lhe tampar a boca.

– Fica quietinha, e eu não vou precisar te matar – sussurrou o mascarado.

Muitos outros homens, rostos cobertos com máscaras de cores berrantes, surgiram de todos os lados, apontando suas lanças pontudas na direção de Orunmilá e Exu.

Quisera achar que estava errado. Mas sabia mais uma vez o que estava acontecendo.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(9): Pedido de ajuda

Caro Laroîê,

Posso não ser um homem cheio de talentos. Mas dois, pelo menos, eu tenho. Farejo uma matéria e uma boa refeição como poucos. Por isso fui parar no caderno de negócios do *Diário Nacional* e depois no *Jornal de São Paulo*. Sempre em busca dos prazeres do sucesso e do paladar. Não importa o lugar ou o tipo de comida, estou sempre pronto. Caros ou baratos, chiques ou populares, nenhum restaurante escapa da minha curiosidade. Sempre há uma especialidade do chef, mesmo quando não há chef algum. E conto isso porque meu gosto por ser lido é igualmente exagerado. Pecaminoso, como falávamos ontem.

E pecados compartilhados são melhores do que pecados solitários, qualquer adolescente sabe disso. Por isso, gostei de saber que você experimentou e gostou do Marcel, assim como me lisonjeia saber que você quer a receita do vitelo ao Barolo (que estou enviando anexada). Mas tenho de protestar diante de sua ironia ao comentar minhas peripécias sexuais. Não tive a intenção de me exhibir, se é isso que você imaginou. Pode ter certeza: os detalhes privados foram protegidos, e apresentei apenas aquilo que julguei necessário que você soubesse para me dar as respostas desejadas. Como não sei exatamente o que aconteceu na minha vida a partir do último dia desta história, talvez tudo o que eu puder lembrar possa lhe ajudar a me trazer uma resposta. Uma ou várias, do jeito que você preferir. Só não me deixe em branco.

Aliás, ao invés de respostas, você só tem trazido mais perguntas. Não foi isso que achei que havíamos combinado. Continuo confuso em relação ao seu apelido, por exemplo. Você não vai me explicar o que significa? Hoje percebi que nos falamos há mais de uma semana e ainda não sei quase nada a seu respeito. Por que o mistério, afinal? Se for uma espécie de vingança para o suspense que estou fazendo, você ainda não viu nada, pois, no dia seguinte à entrevista de emprego, experimentei uma das sensações mais assustadoras de toda a minha vida.

Quando cheguei à redação, ninguém sequer me cumprimentou. Mas a caixa de charutos cubanos assinada pelo diretor de redação e o e-mail desaforado assinado por Ítalo Sant'Anna (que reenviei orgulhoso para meu novo chefe) eram um prelúdio à grande notícia do dia. Se ninguém queria falar comigo, tudo bem. Eu falava com o público. Naquela manhã, o *Jornal* havia vendido 4% a mais nas bancas e ultrapassado o *Diário* em circulação na capital paulista, feito que não acontecia desde o ano anterior. Com esse triunfo das bancas, quem precisava de uma ovação particular?

Eu era o futuro das redações. E eles odiavam isso. Vestia-me bem, circulava na alta roda. Sabia vender jornais, havia aprendido a investigar nas ruas e a pesquisar na internet como poucos, falava inglês e espanhol fluentemente, conversava sobre economia com desenvoltura, e meus entrevistados costumavam preferir contar suas novidades a mim a soltá-las para os comunas que ainda infestam as redações. O que eles não sabiam é que sempre ganhei o mesmo, talvez menos, que vários deles, e

tinha de chegar mais cedo e gastar o triplo que meus colegas para me vestir bem. Boa aparência é essencial para quem quer circular no meio do poder.

Como iria entrar no Fasano, por exemplo, sem estar bem vestido? Meus colegas nunca entraram no Fasano e, com certeza, costumavam falar mal da opulência do lugar. Mas eles não conhecem aquela comida. Não sabem o que estão perdendo. Só acham que “aquele mauricinho não merece a vida de príncipe que leva”. Incrível como a inveja pode nublar a vista de uma pessoa.

Permita-me, mais uma vez, abrir um parêntese: você sabia que esse pessoal de informática consegue tomar seu computador, igualzinho um espírito que possui o corpo de um médium? Pois é, eles podem. Quando cheguei do almoço, naquele dia, vi meu computador funcionando sozinho, como se um fantasma estivesse mexendo o mouse. Quando chamei o primeiro que passou para ver o que estava acontecendo, juntou uma pequena multidão em volta. Por pelo menos 20 minutos, eles me apavoraram fingindo que isso nunca havia acontecido com eles. Na verdade, era um sujeito do suporte, que conheci mais tarde, fazendo uma limpeza no disco. Até que eu entendesse o que estava acontecendo, eles se divertiram um bocado às minhas custas. A palhaçada só terminou porque o Betânio, o “fantasma cibernético”, me mandou uma mensagem explicando que havia terminado de limpar os arquivos antigos. Fechando o parêntese, logo após o incidente do computador que funcionava sozinho, o telefone começou a tocar sem parar. Todos os assessores de imprensa da cidade queriam almoçar com o novo repórter-sensação do *Jornal de São Paulo*. Aquela seria uma semana bastante engordativa, calculei satisfeito. Recebi polidamente os cumprimentos e agendei alguns compromissos mais interessantes para os próximos dias. Ao longo de toda a tarde, chequei os horários da academia (precisaria compensar as calorias que iria consumir) e escrevi algumas pequenas matérias baseadas nos press releases que entupiam meu e-mail. Mas foi no final da tarde que chegou o convite que tanto esperava.

Era uma secretária. Até aí, nada de mais. Mas ela pediu que eu aguardasse, pois o “senhor Antônio Zanato” iria falar comigo. Bingo! Sentia o cheiro de sangue. Abri o editor de textos e me preparei para fazer as anotações. Quando atendeu, após alguns esnobes minutos, me chamou pelo primeiro nome, simulando intimidade. “Aqui quem fala é Antônio Zanato. Creio que você se lembra de mim”. Adoro quando começam assim. Deixa mais espaço para eu atacar logo de primeira: “Claro. Acabei de escrever uma matéria sobre a empresa em que você trabalha”, torpedeei como resposta.

Ele queria conversar. Claro. Disse ter havido um mal-entendido na minha compreensão dos fatos e acrescentou mais um modesto lote de pequenas, porém educadas, bobagens. Por fim, me convidou para jantar. Eu podia reconhecer a voz da diretora de comunicação sussurrando instruções àquele pobre diabo. Mais fácil ainda. Aceitei o convite e sugeri que fosse no mesmo dia. Ele tampou o bocal do telefone enquanto pedia autorização à coitada da assessora e depois aceitou, dizendo que “admira gente com objetividade”.

Meu sadismo fica mais à flor da pele quando lido com babacas poderosos. Sugeri nos encontrarmos às dez da noite, no Fasano. Senti que ele se engasgou, mas não poderia mais voltar atrás. Aceitou e desligou. Fazia algumas semanas que eu não jantava lá. Estava com saudades.

Restaurantes são o terreno perfeito para minhas técnicas avançadas. Uma delas é esperar o entrevistado num lugar em que possa assisti-lo chegar. Fiz isso com o Carlos, mas como as janelas do Fasano não dão uma boa visão da rua, aguardei do lado de fora. Ninguém veio me incomodar

sugerindo que aguardasse no bar. Já havia feito isso diversas vezes, e minha aparente excentricidade já havia se tornado um hábito respeitado pelo porteiro e por seus assistentes de casaca.

O motivo pelo qual gosto de vê-los chegar é que muito do estilo dos entrevistados se percebe pelo carro que eles dirigem. Poucos minutos depois das dez, Zanato estacionou e entregou as chaves ao manobrista pedindo cuidado com a BMW preta, último modelo. Daquelas que os shoppings costumam sortear no Natal, como diziam maldosa e sabiamente meus colegas de redação. E se tinha algo certo sobre essa gente poderosa é que sempre que o entrevistado chega com um carro desses é porque gosta de falar. Era só afagar-lhes o ego.

Quando entramos, o *maitre* me chamou pelo nome. Um hábito que me custou várias gorjetas gordas para que pudesse impressionar meus anfitriões logo de cara. E, para compensar a humilhação, meu companheiro escolheu um vinho toscano de quase mil reais. Estávamos novamente em igualdade de condições, deve ter imaginado!

Conversamos sobre amenidades como se fôssemos íntimos, enquanto aproveitávamos os prazeres delicados dos pães servidos nos imponentes salões negros com pé direito de seis metros e os maiores candelabros de cristal que já vi na minha vida.

Enquanto bebíamos, minha pálpebra voltou a palpitar sobre a mecha branca do olho esquerdo. Estava virando rotina. “Será que teria microataques epiléticos toda vez que entrasse num restaurante caro?”, pensei. Olhei em volta e não percebi nada. Só quem olhava para mim era o *maitre* que trazia o menu. O Zanato escolheu o javali com purê de batatas ao estragão, um clássico do lugar. Eu, por princípio, escolhi a sugestão do chef para aquele dia: a delicada Codorna Fasano.

Quando o *maitre* se retirou, iniciamos a conversa mais séria. Durante vários minutos, meu companheiro tentou explicar sua versão para o incidente do iogurte. Mas garanti que minhas perguntas indigestas contrastariam com a perfeição dos pratos servidos pouco depois. Ao final da primeira hora e da segunda garrafa (não foi sem pesar que precisei permitir que ele bebesse muito mais do que eu), meu interlocutor não só havia perdido o apetite, como também havia mencionado o nome de quase todos os demais executivos envolvidos na “operação abafa”. Apenas o dr. Régis Alvarez, o presidente da companhia, não havia sido mencionado. Eu precisava descobrir se ele estava de fora ou não.

Embora sentisse que a situação não estava boa para o seu lado, Zanato não sabia ao certo quão mais complicada havia se tornado. Apesar das perguntas pouco favoráveis, meus modos comedidos e gentis lhe pareciam os de um homem disposto a ajudar (parte da estratégia, claro).

Já não lembro o que pedimos de sobremesa. Como me disse uma vez um entrevistado gourmet, os doces são para os amadores. Acho que foi um *tiramisù*. Mas, a essa altura, só precisava de mais um momento de relaxamento para arrancar tudo mais que precisasse. Dei uma de ingênuo e pensei alto: “Engraçado...”. Ele perguntou o que havia de engraçado naquela conversa estressante que tivemos. Eu expliquei: “Quando o Carlos Delgado me contou essa história, me lembro de ele ter mencionado que viu você e mais dois vice-presidentes discutindo o assunto com o próprio dr. Alvarez...”.

Em uma situação normal, um profissional experiente como Zanato não cairia na armadilha. Mas com todo aquele vinho e a surpresa de saber quem havia sido a fonte, ele certamente se

comprometeria. “Filho da puta! Aquele merdinha ficava ouvindo atrás da porta!”, gritou, sem a menor compostura.

Enquanto as mesas ao redor nos olharam com reprovação, apertei o guardanapo por debaixo da mesa e tentei não comemorar. Eu deveria parecer constrangido por ter revelado minha fonte: “Por favor, Antônio, queria lhe pedir que essa informação fique apenas entre nós dois”. Num gesto aliviado, ele propôs um pacto. Eu poderia confiar nele, assim como ele havia confiado em mim.

Com aquela última declaração, selamos o pacto final. No dia seguinte, Zanato chegaria tranquilo na empresa, certo de que havia feito um acordo de não divulgação, e eu estaria preparando o nó da sua forca nas impressoras do *Jornal*. (Antes que você questione meus métodos, meu compromisso com o Carlos era o de não publicar nada que pudesse identificá-lo na reportagem. Jamais falamos de não mencionar o nome dele diretamente para o ex-chefe. E quer saber? Não tenho nem um pouco de culpa a esse respeito. Quando você conhecer o Carlos melhor, vai entender o que estou dizendo.)

Chamei o garçom e pedi um táxi, indicando sem hesitar quem pagaria a conta e quem precisava de condução. O carro dele chegou antes, mas ele fez questão de se exibir com a BMW de promoção de Natal sob o pretexto da cordialidade com o convidado. Cumprimentamo-nos como se o teor da conversa tivesse sido excelente. (Para mim, havia sido. Já para ele, o mínimo que o esperava era a demissão. Isso se não tivesse que enfrentar ainda um processo criminal.) Quando meu táxi chegou – um desses carros executivos com vidros escuros e motorista de gravata –, embarquei e acenei com o máximo de educação antes de fechar a porta.

Disse o nome da rua em Moema, e o taxista fez sinal de positivo antes de dobrar a esquina da Haddock Lobo com a Estados Unidos. Duas quadras adiante, porém, dois homens de terno acenaram, e o motorista parou.

Não entendi nada. Só pensei que ele teria ficado louco e queria pegar duas corridas de uma só vez. Quando protestei, os engravatados abriram as portas. Um deles sentou no banco da frente. O outro entrou atrás e me empurrou para o lado. Eu teria reagido, mas senti uma ponta rígida pressionando minha costela, e o sujeito me olhou bem de perto: “Fica quietinho aí, e eu não vou precisar te matar”.

Nunca mais vou esquecer aqueles olhos.

Axé,

New

São Paulo, 20 de junho de 2001.

O SONHO GRANDE

Orunmilá tinha certeza de que, não fosse pela segurança de Oxum, Exu já teria reagido e pulado sobre um dos mascarados. E, sem dúvida, a essa altura já estariam todos mortos. Olhou para a filha e pôde sentir o medo em seus olhos. Por que não ouvira sua ordem? Por que não obedecera a seu pai?

Apesar do visual agressivo, no entanto, os mascarados foram bastante delicados com os prisioneiros. Nenhum golpe de violência foi utilizado e, por mais de uma hora, os três caminharam apenas sob a ameaça daquelas lanças, sem amarras.

O amarelo, vermelho e preto das roupas dos gheledes eram bem mais vivos do que havia imaginado, pensou Orunmilá. Mas definitivamente eles eram muito mais altos e desproporcionais. Os longos tecidos que se estendiam do queixo ao punho escondiam onde era o ombro, não permitindo que se soubesse se eles possuíam longuíssimos pescoços ou braços que se grudavam às pequenas cabeças. Quase monstruosos. “Quem sabe não sejam tão violentos quanto se costuma dizer” – considerava Orunmilá. Afinal de contas, eles não são nenhuma horda de malfeitores, apenas um grupo religioso cujos métodos para manter intocada sua cultura pareciam mais vigorosos do que em outras partes do mundo.

O pensamento não foi nada confortante. Percebendo que cada tentativa de amenizar a situação só fazia sua ansiedade aumentar, o babalaô preferiu parar de pensar.

Caminhavam em direção ao rio, podiam sentir o cheiro. Mas para onde? Para quê? As perguntas logo foram esclarecidas quando chegaram a uma

vasta clareira de onde se ouvia o som das águas correndo em direção ao mar.

À sua frente, o círculo de mascarados se abriu e, diante de um imponente rufar de tambores, um homem igualmente alto e desproporcional, mas com roupas ainda mais coloridas e suntuosas, apareceu. No alto, sua máscara de madeira continuava a crescer em direção ao céu, eventualmente se transformando na escultura de uma serpente, que mordida o pé de um pássaro, que comia o rabo da própria serpente. Pelo tamanho da máscara e a reverência ao redor, aquele só podia ser o líder do grupo.

Exu olhou para o mestre, pedindo autorização para tomar uma atitude. Era aquele momento ou mais nenhum. O adivinho olhou para a filha, frágil e indefesa, ainda nas mãos de um dos gheledes e abaixou a vista. Exu compreendeu e repetiu o gesto de respeito.

– O que fazem aqui? – perguntou o líder.

– Estávamos a caminho de Irê. Uma missão importante nos foi delegada e precisamos chegar lá o mais rápido possível – disse o adivinho. – Nossa intenção não era atrapalhar o ritual de vocês. Eu também sou um homem de ritos, sou um babalaô e jamais me intrometeria sem ser chamado numa cerimônia religiosa. Fosse ela qual fosse.

– E por que acreditaria nisso? Há séculos sacerdotes, adivinhos e caçadores de recompensa nos perseguem e tentam descobrir nossos segredos. Por que vocês seriam diferentes? Um homem da religião dos orixás acompanhado de um gigante... Diga-me: por que deveria acreditar que vocês também não estão atrás dos segredos dos egunguns?

– Compreendo sua desconfiança. Mas por que envolver minha própria filha numa aventura tão perigosa? Não sei se algum de vocês aqui tem descendentes. Mas, se tiverem, digam-me o que faria um pai pôr em risco sua própria cria?

– O poder do mundo dos mortos – respondeu secamente o mascarado chefe.

– Escute: nós não estamos aqui para roubar segredo algum. Estamos apenas atendendo a um pedido do Orum...

– Repita! – gritou abruptamente um dos mascarados menores.

– O quê?

– O que você disse sobre o Orum?

– O próprio Olodumare nos mandou um recado. Disse que procurássemos sete guerreiros e saíssemos em busca dos odus raptados pelas Iá Mi Oxorongá.

O grupo se entreolhou. Num gesto rápido, o líder calou os tambores e se dirigiu ao tronco da maior árvore daquela clareira. Sentou-se e fez sinal para que os prisioneiros fizessem o mesmo.

Orunmilá havia ouvido muito pouco sobre os gheledes. Mas diziam as lendas que eles eram seguidores do culto dos espíritos ancestrais, e que os orixás não lhes inferiam nenhum poder. Não fazia sentido, portanto, tanto respeito diante do nome do deus supremo.

– Mensageiros do Orum, o que vocês fizeram foi muito perigoso. Poderiam ter sido mortos antes mesmo de dar qualquer explicação. E, se agora estão vivos para ouvir o que tenho a dizer, foi porque seus próprios ancestrais intervieram por vocês antes de chegarem até esta Floresta Sagrada.

O líder dos gheledes fez uma pausa, olhou para cada um dos três e continuou:

– Uma noite, enquanto preparávamos nossos corpos para vir dançar com os eguns, os espíritos dos nossos ancestrais, um de nós teve um sonho. Não um sonho pequeno. Um daqueles sonhos grandes que quando você acorda sabe que tem de contar para o resto da tribo. Aiudé, conte você mesmo o sonho que teve.

– Eu estava dançando com meus ancestrais quando a música cessou sem explicação. Um egum que jamais tinha visto surgiu entre eles, que, de pronto, se ajoelharam aos seus pés. Ele disse que descendentes seus iriam nos visitar. Pediu que os tratássemos bem, pois eram três guerreiros de grande nobreza e que tinham uma missão muito importante. Ele me disse que eguns e orixás estavam olhando por vocês, mas que tomassem cuidado, pois a guerra que enfrentarão não será uma guerra comum.

O líder retomou a palavra a partir daí:

– Mensageiros do Orum. Vocês viram o que não deviam. Ouviram o que não deviam. Mas se o conselho dos eguns decidiu que vocês hão de viver, nós deixamos de ser algozes e passamos a seus protetores. Enquanto estiverem no solo desta Floresta Sagrada, serão responsabilidade nossa.

Ao levantar, o líder se aproximou de cada um dos três e abraçou-lhes cada um dos ombros. Os demais mascarados ficaram em volta e, vez ou outra, um deles lhes tocava o corpo, como se estivesse diante de divindades vivas.

Exu estava tão incomodado com toda aquela cerimônia que nem percebeu que havia sido incluído no grupo dos heróis. A jovem Oxum, ao contrário, sorria sem reprimendas. Todos haviam ouvido bem: “Três guerreiros de grande nobreza”. Isso a incluía também. O pai não poderia mais mandá-la de volta para casa, embora ela o tivesse desrespeitado quando os seguiu pela floresta. Orunmilá sabia disso, e seu instinto paterno se confundia com uma estranha sensação de alívio:

– Agora só faltam quatro.



Com o apoio dos gheledes, foi fácil chegar até a região de Irê, onde morava o grande guerreiro Ogum. Em apenas um dia de caminhada chegaram aos limites da floresta e à região da cidade.

– Aqui nos despedimos – disse o mascarado encarregado de levá-los até ali. – Temos de continuar com nossas obrigações. Tenham uma boa sorte nesta batalha. E, se em algum momento precisarem da ajuda dos espíritos ancestrais, mandem nos chamar.

Retomaram suas provisões de viagem e rumaram para o portão da cidade, onde um homem velho afiava uma grande faca escura.

– Viemos à procura do general Ogum. Sabe onde podemos encontrá-lo? – perguntou Oxum.

– Mestre Ogum não vive mais entre nós. Deixou a cidade há mais de seis meses e foi viver na Floresta Sagrada. Ele envergonhou o pai e, como castigo, foi viver sozinho entre as árvores. Às vezes vem até aqui deixar as ferramentas que fabrica com o ferro que descobriu. Mas nunca passa destes portões. E nunca fala com ninguém. Desde que foi pego dormindo com a própria mãe, ele nunca mais falou com ninguém.

– Dormindo com a mãe? – até Exu havia se impressionado.

– Não julgue assim com tanta facilidade. A rainha é a mais bela mulher que já pisou nesta terra. Tão bela que nem seu filho pôde resistir.

– Onde ele costuma ficar na floresta? Precisamos falar com ele o mais rápido possível.

– Não tentem. Muitos já foram até lá. Poucos sobreviveram. Ogum ficou louco desde que tudo aconteceu. Não quer mais ver ninguém. E quem vai perturbá-lo não volta com vida. Não com Ogum. Não com o homem que se lava com sangue.

Frustrados e decepcionados, os três se entreolharam. Haviam enfrentado dias de fome na selva, quase perderam a vida ao invadir o culto de uma seita sagrada e, quando chegaram ao seu destino, o tal grande guerreiro está foragido por ter dormido com a própria mãe? Não era justo!

– Mas se estão procurando um grande guerreiro – completou o velho –, há dois homens de igual bravura na cidade. Talvez eles possam ajudá-los, seja qual for o seu problema. Hospedem-se na casa de Sapeteri nos fundos

da cidade. Amanhã cedo procurem por Timo e Gbonka. E tenham uma boa noite.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(11): Pedido de ajuda

Meu caro Laroie,

Você tem toda razão. Fui mesmo um sádico interrompendo a história daquela maneira, sem nem mesmo me despedir. Mas, convenhamos, precisava arrancar alguma reação de você. Depois da sua mensagem anterior, estava com medo que tivesse perdido o interesse. Note, no entanto, que minha estratégia funcionou, pois não só você respondeu quase no mesmo instante, como fez várias considerações e comentários.

Para tentar organizar as ideias, vou enumerar minhas respostas antes de prosseguir com a história. Nesse meio tempo, não se aflija. Se eu tivesse morrido nas mãos dos bandidos, você não estaria trocando e-mails comigo. Portanto, calma. Andemos um passo de cada vez.

Primeiro: se eu sei por que escolhi a codorna? Porque não costumo desprezar o *consiglio del giorno* do Fasano. Só isso. Segundo: se você prefere deixar o apelido sem sentido, tudo bem. Não vou mais perguntar sobre isso. Terceiro: é bom saber que você vem trazer as mensagens dos orixás (palavras suas). Significa que realmente escolhi a pessoa certa. Espero que, no seu jogo de búzios, ou seja lá que forma de comunicação eles têm com você, os orixás tenham explicado o que houve. Só não entendi por que você quer saber a minha versão da história antes de me contar o final que você já sabe, e eu não. Mas se o combinado é esse, façamos do seu jeito.

Confesso que me recordo de muito pouco do que aconteceu depois que deixei o Fasano naquele táxi. Acho que eles colocaram um saco preto na minha cabeça ou algo assim. Foi tudo muito rápido e confuso. Lembro de ter ensaiado chorar, confesso, mas eles me ameaçaram mais ainda. Tive certeza de que iria morrer e cheguei a sentir a bala atravessando meus pulmões e me sufocando com meu próprio sangue. Imaginei a dor como se fosse real. E me vi morrer ali mesmo naquele banco de táxi. Sei que parece melodramático, mas é isso mesmo que se sente quando um revólver pressiona sua costela.

Sei também que mais tarde – não me pergunte quanto – tiraram o capuz e me jogaram num quatinho pequeno sem janela, só com uma cama e um penico, e mandaram que eu dormisse. Obedeci por puro pavor. Acordei de manhã cedo (sei que era manhã porque ouvi um galo cantar umas três vezes) e abri os olhos torcendo para que fosse tudo um pesadelo. Tinha uma impressão esquisita de que nada daquilo era real. Era como se eu pudesse clicar o mouse no comando *undo* de um programa qualquer, e tudo voltaria a ser como antes. Mas não era ficção. Sem volta.

Do outro lado da porta, as mesmas vozes dos homens que me raptaram. Eles conversavam alto. Encostei o ouvido para entender o que estava acontecendo. Falavam todos juntos, e daquele jeito meio incompreensível que o povo da periferia fala. Dava para entender muito pouco, mas o suficiente para descobrir que eles haviam me sequestrado a pedido de alguém. Quem era eu não sabia e, pelo visto, eles também não. Nem por que o tal Delegado havia pedido que me prendessem lá. Quanto

mais eu ouvia, mais meus intestinos se embaralhavam: “Será que o cara é rico?”, um perguntava. “Deve ser, pelo tipo de bacana que sai daquele restaurante!”, dizia o outro. “E se o Delegado só quiser que a gente apague o cara? Pra matar é mais caro. O Delegado vai ter que pagar mais uns três conto pra gente.”

No desespero, esmurrei a porta e dei um grito chamando por eles. Era a última coisa que eu deveria ter feito. A porta arreventou para cima de mim. Dois mal-encarados, um branco e um negro, me jogaram contra a parede e enfiaram um cano grosso na minha garganta. Gritavam sem parar: “Cala essa boca se não quer morrer!”, “Fica quieto, mano! Fica quieto!”.

Pareciam animais. Deviam estar cheios de crack na cara, pelo grau de nervosismo. Nunca imaginei que tivesse que viver uma situação como aquela na minha vida. Não somos educados para isso. Talvez um palestino, que cresceu no meio da guerra, saiba conviver com tanto medo. Eu não – fui bem nascido, bem criado, não sei como me comportar num momento destes. Os caras gritaram loucamente por uns dois minutos, e eu só podia fazer com a cabeça que tinha compreendido. E devagar, pois com um cano tocando suas amídalas você não arrisca movimentos muito amplos. Quando tiveram certeza de que eu tinha compreendido a ordem, tiraram a arma da minha boca e continuaram gritando, os dois ao mesmo tempo: “Entende uma coisa, mauricinho, você aqui não manda nada nem em ninguém!”. O branco completou: “É! Aqui a gente manda e você obedece! E a primeira regra é: gritou, morreu. Sacou?”.

Fiz que sim com a cabeça, e um deles, o mais escuro, continuou: “Vamos ver se entendeu: fala aí o que você queria dizer.” “E beeem baixinho”, emendou o branco com o cano da arma encostado no meu queixo.

Aí veio a parte difícil. Além de ter que recuperar a fala e ainda me equilibrar sobre os joelhos que não paravam de tremer, como eu iria explicar que eles tinham sequestrado o homem errado? Que eu não conhecia nenhum Delegado e que não era rico para pedirem resgate algum!

Tentei ser o mais claro possível, sem ser arrogante. Não queria que eles achessem que eu os estava chamando de burros. Conteí que eu era só um trabalhador, “igual a eles”. Que tinha um emprego num jornal e que não tinha nada a ver com aquela história de Delegado. Nem do caderno policial eu era!

Eles se irritaram mais ainda. Acharam que eu estava tentando enganá-los, que eu subestimava a inteligência deles. Apontaram mais uma vez a arma para me testar, armaram o tiro mais de uma vez e senti o choque da pistola ao tocar minha têmpora pelo menos mais duas. Mas, por simples falta de opção, mantive minha declaração. “Vocês pegaram o cara errado”, repeti. Infelizmente, eles me provaram que eu estava muito enganado: “Quantos mauricinhos com o olho pintado de branco você acha que têm por aí?”.

As gargalhadas seguintes deviam ser por causa da minha cara de susto. Meus joelhos falharam, e eu caí no chão, desajeitado e perplexo. Era mesmo eu.

O que eles disseram em seguida, já não me lembro. As palavras e gargalhadas altas (nem parecia que eles estavam precisando esconder um sequestrado) soam na minha cabeça como se fossem memórias fora de rotação. Mas o que houve um pouco depois eu ainda sei de cor e com detalhes.

A porta de madeira descascada explodiu na parede, e um terceiro homem, cuja voz eu reconheci como sendo a do motorista do táxi, entrou correndo e largou um exemplar do *Jornal* sobre a cama. “Repórter do *Jornal* é sequestrado” vinha estampado na capa. Embaixo, uma foto minha.

Senti um vento gelado atravessar minha espinha e uma sensação de vazio no saco que nunca mais quero experimentar. “A operação ficou muito arriscada”, sentenciou o homem que eles chamavam de Capitão.

O rapaz branco pegou o *Jornal* e começou a ler. Parecia preocupado. Bem preocupado. Mas, de repente, soltou uma risada e leu alto um trecho da reportagem: “A polícia não descarta da lista de suspeitos o nome de Antônio Zanato. Segundo colegas de redação, o executivo convidara o jornalista sequestrado para jantar no restaurante Fasano por causa de uma denúncia publicada pelo *Jornal* nesta terça-feira, em que Zanato aparece como um dos responsáveis pela morte de uma criança de quatro anos. O executivo não foi encontrado para comentar o caso até o fechamento desta edição.”

Por um segundo, eu quase me diverti com a situação. Cheguei até a esboçar um sorriso. Mas será que o Zanato seria capaz de uma coisa dessas? Não acreditava. Um homem que tem uma BMW não se prestaria ao papel de trocar figurinhas com bandidos de segunda classe como aqueles. Se bem que sempre existia a possibilidade da existência de um capanga...

O clima voltou a ficar pesado. Tentei parecer que estava do lado deles, mas fiz tudo errado. Nervoso, desandei a falar besteiras: “A essa altura a polícia já está procurando por mim. O *Jornal* não vai parar de pressionar enquanto eles não me encontrarem. É até perigoso para vocês...”

No mesmo instante, os três se juntaram no canto oposto do quarto, falando baixinho. Depois, olharam para as próprias armas e, em seguida, para onde eu estava.

Cheguei a tentar uma ave-maria. Nem sei o que eu esperava disso, mas o fato é que não consegui lembrar a reza. (Sim, eu sei de cor, estudei em colégio de padres. Mas o nervosismo me deu um branco.) Quando o chefe disse “Vamos matar o mauricinho”, eu não tinha mais reação. Já me considerava morto pela segunda vez em menos de 24 horas.

Por algum motivo, no entanto, um deles contrariou o Capitão, dizendo que a polícia estava toda me procurando e se um tal de Figura soubesse que eles mataram uma pessoa de jornal, estariam fodidos.

“Então fodeu mesmo, Capitão”, disse da porta um homem de gorro preto empunhando uma dessas metralhadoras de filme. O sujeito parecia ter um prazer sádico em dar a notícia: “O Figura quer que você vá na casa dele”. O encapuzado veio na minha direção e mandou que eu me levantasse. Ficou entre os três bandidos e mim, como se me protegesse deles, e mandou que eu o seguisse sem tentar fugir, pois o bairro todo era controlado pela turma do Figura. Se tentasse escapar, aí sim eles teriam autorização para mandar bala.

A casa do tal Figura era um castelo no meio da pobreza. Por fora, parecia um galpão velho e abandonado. Por dentro, era arrumada com cuidado (apesar do péssimo gosto da decoração). Móveis caros e muitos homens armados: era tudo o que eu via. Da porta, contei pelo menos oito seguranças exibindo suas metralhadoras como se fossem guarda-chuvas.

No interior, uma grande e luxuosa poltrona ocupava o centro da parede oposta à entrada, como se fosse um trono. De certa forma, era mesmo. Imaginei que o sujeito tranquilo, sentado, deveria ser

o dono da casa. O Figura. Não sabia em que favela eu estava, pois a única vista possível era escondida pelas paredes de um Cingapura.

Aquele deveria ser o chefe do tráfico. Ou alguém igualmente importante no crime, pois, assim que entramos, ele gritou para o homem que chamavam de Capitão: “Ô, Pica-pau, dessa vez tu foi longe demais, mano!”.

Resumindo a conversa, como eu havia previsto, meus sequestradores eram só um grupo de ladrões de carro tentando mudar de ramo.

“Ganância”, foi o diagnóstico do Figura. “Tu foi ganancioso, Pica-pau. E ganância só leva nego pra um lugar...”, disse o dono da casa, como uma professora primária que espera que os alunos completem uma frase repetida exaustivamente durante a aula. “A vala”, respondeu o Capitão olhando para os pés.

Demorei alguns meses para conseguir compreender do que eles falaram quando o Figura completou: “E pior: pegou a última pessoa que podia pegar”. “Um jornalista?”, perguntou envergonhado o Capitão. “Não, seu burro ignorante! Vocês pegaram o cara que a dona Preta disse que viria visitar a gente!”.

Dona Preta de Omolu, conforme entendi mais tarde, era algum tipo de benzedeira do lugar. Ao que tudo indicava, ela havia avisado que a comunidade seria visitada por “um irmão importante”, uma pessoa de fora. Que ia todo mundo falar disso e que a polícia ia acabar parando lá por causa dele. Pelo visto, o Figura achava que esse irmão era eu.

Como reparação, eles me ofereceram um banho, roupas novas (sim, me mijei inteiro quando o primeiro fuzil entrou na minha garganta) e um almoço de rei. Tive que esperar a feijoada ficar pronta enquanto o som alto tocava algum grupo de rap (ou hip hop, sei lá!) que eu desconhecia por completo. E quer saber? Às vezes ainda penso naquela feijoada! Apaguei da memória muita coisa que se passou naquele dia. Mas se tem uma sensação que eu ainda lembro é que, talvez pela perspectiva recente da morte, o feijão tinha um cheiro ótimo. Pena que não conseguia me concentrar no sabor. E, repito, ironicamente, talvez tenha perdido uma das maiores oportunidades gastronômicas da minha vida. Como já havia dito, meu apetite não é só por grandes casas de renome. Um bom feijão preto na casa de um traficante também é capaz de confortar minha alma.

Bem, voltando ao Figura. Arranhei o prato de um lado para o outro e esperei que todos terminassem de comer para que enfim pudesse perguntar o que seria feito de mim. Gente de estômago cheio é menos raivosa. Antes que eu perguntasse, no entanto, ouvi que a profecia da dona Preta dizia que o visitante iria salvar da perdição todo o povo dali. Eu não pretendia ajudar ninguém, claro, mas não era o tipo de coisa que me atreveria a comentar numa hora como aquela. O chefão Figura mandou que eu me aproximasse e pediu desculpas em nome da comunidade: “Não é com uma arma apontada que se trata um amigo da dona Preta”, disse ele antes de ler, num pedaço de papel, escrito com garranchos semianalfabetos, o tal recado que tinha para mim:

Elas tão querendo ti pará. Mais magia num funciona com voçe, que é protegido pur todos os santo. É por isso qui elas precisam de violência. Mas num conseguiram di novo, porque eu to aqui pra ajuda. Mas podi ispera qui elas vam tenta di outra forma. Siga eim frente qui ELES estão te esperando. ELES precisam falar com voçe. Cumpri sua missão qui tudo vai dar certo.

Era assim mesmo que estava escrito. Tenho memória fotográfica. Se não entendeu, leia em voz alta, é o som que importa. Só não queria tirar a grafia da narrativa porque ela é importante. Note como, apesar da ortografia manca, as frases são bem estruturadas. Parecia que alguém mais culto havia ditado essa mensagem, e a dona Preta havia escrito do jeito que pôde. E eu nem conheci essa velha. A mulher que salvou minha vida me chamando de Jesus Cristo...

E assim que fui parar no porta-malas do táxi. Rodamos o suficiente para que eu não conseguisse mais saber onde eu estava, e me largaram no meio da favela Paraisópolis, no Morumbi. Deve ter sido um último agrado do chefe, pois dali era fácil voltar para casa.

Depois das últimas ameaças, do tipo “Fica quieto senão vem um aqui te dar um pipoco”, fui liberado para tomar um táxi. Devolveram até o meu celular e me deram mais uma grana para chegar em casa. Preferi ligar para a única pessoa que me veio à mente:

“Eles me soltaram. Estou numa esquina da Giovanni Gronchi, em frente ao McDonald’s. Vem me pegar?”.

A Maria Eduarda demorou um pouco, e deu para comer um Big Mac com os trocados que eles deixaram. Nesse tempo, só tinha uma coisa na cabeça: quem eram “Eles” e “Elas”? O que queriam comigo?

Se você é mesmo um mensageiro dos orixás, provavelmente já sabe quem são. Mas eu, àquela altura da história, não tinha a menor ideia. Só fui descobrir mais tarde. O que posso lhe dizer é que, se me dessem a oportunidade de voltar no tempo e apagar um dia inteiro da minha vida, escolheria esse mesmo. Não por causa do trauma do sequestro. Esse eu já apaguei e boa parte foi sem querer. O que eu queria mesmo era apagar a ideia fixa que tomou conta de mim a partir desse dia. Quem era essa entidade misteriosa e o que tanto “Eles” precisavam falar comigo.

Axé,
New

São Paulo, 21 de junho de 2001.

OS AMIGOS

Embora não estivesse presente quando os três viajantes chegaram, o velho Sapeteri revelou-se um anfitrião caloroso, mesmo com desconhecidos que batiam à sua porta naquela hora da noite. Precisaram apenas contar que estavam em viagem pela região e foram levados pelos criados a confortáveis acomodações – maiores do que os cômodos de muitos palácios da região, reparou Orunmilá. A julgar pela prontidão dos escravos do lugar e pela sugestão segura do homem velho que os recebeu nos portões da cidade, o dono da casa estava bastante acostumado a hospedar estranhos.

Descansaram um pouco, mas foram acordados poucas horas depois por um grande barulho. Naquela noite uma enorme festa acontecia na casa, e o som dos atabaques atraiu de imediato os visitantes ao lado de fora.

Na casa de Sapeteri tudo era abundante. A orquestra de 301 tocadores cadenciava todos os tipos de instrumentos num som harmonioso e contagiante. Tão embriagante quanto o vinho de palma que era servido em tigelas maiores do que todas as que Exu já havia visto. O banquete parecia prever 21 festas daquelas, mas a exuberância do evento era exatamente o que os convidados precisavam para amenizar a frustração da viagem. Dançaram muito alegres por toda a noite.

Só Oxum não dançou. Passou a noite toda perguntando a homens e mulheres sobre as virtudes da rainha. Que beleza extraordinária seria aquela que seduzira até o próprio filho?

Tantas histórias lhe foram contadas que ela cansou. Depois de ouvir mil vezes sobre o olhar enfeitiçante da mãe e o arrependimento do filho, recolheu-se sem se despedir.

Seu pai e Exu, no entanto, continuaram se divertindo por tempo suficiente para ver chegar o dono de tão grandiosa celebração. Os tambores calaram e o povo saudou Sapeteri como se fosse um rei. Como se não notasse a balbúrdia ao seu redor, e com muita calma, se dirigiu aos convidados estrangeiros. O pequeno homem que lhes falara na entrada da cidade era mesmo um sujeito com o dom da surpresa.



Na manhã seguinte, Orunmilá acordou um tanto indisposto e foi até os aposentos de Exu. Ele não estava. Lembrou-se da noite anterior, quando o mensageiro, no meio da bebedeira, reassumiu sua função de guardador da porta e dormiu ao relento, tomando conta da casa.

O adivinho acordou-o com natural dificuldade e foram juntos até o quarto em que dormia Oxum, mas novamente a bela jovem os surpreendeu. Não havia ninguém no lugar. O pequenino Sapeteri, que presenciou a cena toda, foi quem deu a primeira explicação:

– A jovem Oxum se aprontou formosa e saiu para procurar flores para enfeitar a casa. Muito simpática a sua filha, senhor babalaô.

Orunmilá e Exu, que já imaginavam que Oxum aprontava mais uma, se divertiram com a notícia e aproveitaram a situação para agradecer a hospitalidade.

– A festa e a hospedagem estavam maravilhosas, senhor Sapeteri. Não temos como agradecer a hospitalidade desinteressada com que nos recebeu – disse Orunmilá.

– Sintam-se à vontade. Os orixás me deram muita riqueza e fartura. Mais do que eu e minha família podemos usufruir. Por isso, faço essas grandes festas para o povo e recebo em minha própria casa todos os forasteiros que vêm visitar Irê.

– E sua família, onde está?

– Minha filha e minha mulher foram a Oká visitar uma tia que adoeceu e só voltam daqui a uma semana. Até lá, a casa estará vazia e, portanto, a

presença de vocês me agrada muito.

– Desculpe-nos, mestre Sapeteri, mas temos compromissos urgentes a cumprir. Precisamos estar em Ifé em poucos dias para a Festa dos Inhames. E, para complicar, Olodumare nos pediu para levar-lhe uma codorna.

– Codornas são difíceis de capturar, senhor Orunmilá, não sei se sabe.

– Já fui informado, sim. Um caçador habilidoso recusou meu convite por não ter pontaria suficiente.

– Vocês têm muita sorte, senhor adivinho. Só conheço *um* caçador capaz de caçar uma codorna sem precisar de muitas semanas de tocaia.

– Quem é ele? Mora por aqui? Como fazemos para encontrá-lo? – Orunmilá não conseguiu conter sua excitação.

– Oxóssi é o seu nome. Um jovem de habilidade incrível e agilidade incomum. O maior caçador de todos os tempos.

– E onde posso encontrá-lo?!?

– Ele é o irmão caçula de Ogum, filho mais novo da segunda mulher do rei.

– Um príncipe? Será que o filho do rei nos atenderia?

– Oxóssi é um jovem desprendido. No entanto, há uma coisa neste mundo a qual ele não resiste: feijões-fradinhos com miúdos de carne. Por sorte, uma de minhas escravas é uma das melhores cozinheiras da região.

– Parece-me que você tem um plano...

– Tenho, sim. Hoje você irá ao palácio convidá-lo para comer aqui à tarde. Ele lhe dirá que sim, mas não é de sua natureza se prender demais a compromissos. Não por desprezo, mas qualquer coisa que lhe lembre uma caçada o fará esquecer de tudo.

– Então...

– Para sair da cidade, ele terá que passar pelos fundos da casa. Ele faz isso todos os dias, no mesmo horário. Quando estiver passando, abriremos a janela para o cheiro passar. E você estará estrategicamente esperando à porta. Ele não terá como resistir.

– Ótimo! Sigamos sua sugestão, então.

Virando-se para o lado, Orunmilá completou:

– Exu, enquanto vou procurar o príncipe Oxóssi, preciso que você encontre os dois guerreiros sobre os quais Sapeteri nos falou ontem quando chegamos.

– Isso! – exclamou Sapeteri – Procure por Gbonka e Timo. Todos na cidade conhecem os amigos inseparáveis que guerreiam como búfalos. Com Oxóssi e os amigos guerreiros, vocês farão um time e tanto e trarão muito orgulho para as terras de Irê. Espero que, no futuro, quando contarem as aventuras que viveram, se lembrem do nome deste humilde mercador que os recebeu em sua casa.

– Meu caro anfitrião, se tivermos sucesso, seu nome será lembrado por toda a eternidade. Que os orixás o recompensem pela ajuda que nos está dando.

– Muito obrigado, babá. Mas já tenho tudo que preciso nesta vida. Quero apenas uma história que possa encher de orgulho meus descendentes.

– Vamos, Exu. Temos muito trabalho a fazer. Meu amigo Sapeteri, se minha filha Oxum aparecer de volta, diga-lhe que pedi que me esperasse. Gostaria que ela me ajudasse a dar as boas-vindas ao caçador.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(13): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Imagine o seguinte: você é vítima de sequestro, dorme 18 horas seguidas à base de tranquilizantes e passa a ter medo de qualquer carro de vidros escuros que lhe passe pela frente. Ainda assim, a segunda coisa que faz depois de acordar (a primeiríssima, como eu havia previsto, foi dar uma entrevista para o caderno policial do *Jornal* a pedido do próprio diretor de redação), assim que o repórter gordo do caderno policial passou pela porta rebobinando a fita com a minha história, foi voltar a pensar no enigma: que diabos “Eles” queriam tanto me falar?

Maria Eduarda, que acompanhou a entrevista do canto da sala como um bondoso anjo da guarda, não precisou de explicações. Pegou a chave do carro e perguntou com toda a cumplicidade que somente amantes de longa data podem se permitir: “Está pronto?”.

O pacto silencioso foi mantido até desembarcarmos diante de um pequeno sobrado no Brooklin. Eu mesmo toquei a campainha, curioso sobre como seria a tal dona Adair, que ela havia me indicado no *post-it* que levaram junto com a minha carteira.

Confesso que ela não era nada do que eu esperava. Deparei com uma senhora bem-vestida e elegante, que deveria ter sido bonita na juventude. Ainda no portão, senti minha pálpebra voltar a pular sobre a mecha branca. Ia colocando a mão no olho quando ela sorriu para mim: “Não se preocupe. Essa marquinha funciona como uma antena. Capta tudo à sua volta. Toda vez que tem muita energia voltada para você, ela avisa. E é bom você se preparar. Ela vai pular muito nos próximos dias”.

Não havia badulaques cênicos para impressionar clientes nem músicas orientais para abobar visitantes. Isso me deixou mais tranquilo – pelo menos não parecia mais uma picareta a explorar o desamparo dos outros. Razoável, considerando que ela não cobrava para dar consultas. (Aliás, se tem uma coisa com a qual não consigo concordar é esta história obscena de gurus que cobram para interpretar os sinais divinos! Se alguém deveria cobrar, seriam os deuses, não eles!)

Dona Adair indicou um sofá confortável onde Maria Eduarda deveria aguardar e me conduziu pelo braço até um pequeno cômodo pouco iluminado, onde também não havia bolas de cristal nem cartas, apenas um leve cheiro de incenso de baunilha e um copo de água sobre a pequena mesa redonda. Olhou-me nos olhos e perguntou: “Por que você precisou que Eles lhe dessem um susto para que aceitasse vir até aqui?”.

Respondi com uma expressão de desconforto, e ela acariciou minha mão enquanto me olhava por cima dos óculos de leitura, dizendo algumas coisas que demorei a entender. (Para ser sincero, muito do que ela tentou explicar naquele dia eu ainda não compreendo. Talvez você possa me ajudar com isso também.)

Continuando, ela falou sobre uma “missão”, sobre eu ter sido escolhido para “retomar o rumo correto das coisas do mundo”, e sobre eu ter que “me conscientizar a respeito do meu destino”. Perguntou se no passado recente eu não havia percebido uma pessoa de branco me olhando com muita intensidade, o que me fez lembrar do dia que uma chef de cozinha doida vomitou em mim. Aparentemente esse foi o dia que Eles me escolheram. Mas o que eu lembro é que fui lá para saber se ela era essa Coca-Cola toda, e como ela ficou tão constrangida e solícita depois de me sujar todo, aproveitei para levá-la pra cama. Então como assim a escolha foi deles?

O frio na espinha veio mesmo quando ela falou de “traições”. Era a mesma profecia que o velho do parque havia feito. Não fosse essa combinação, não teria levado a sério sua pergunta seguinte: “Você não tem achado que o mundo ficou estranho de uns tempos para cá? Violência generalizada, modismos esquisitos, conflitos, descobertas científicas que podem ser usadas contra a humanidade? Não parece que alguma força está fazendo o mundo girar meio solto pelo universo?”.

“Como se o destino tivesse enlouquecido”, pensei, meio hipnotizado, sem dizer palavra. Ela acenou como se eu realmente tivesse dito isso, me assustando ainda mais, e comentou sorrindo: “Você é esperto, New. Eles fizeram você direitinho”.

As perguntas não paravam de pular na minha cabeça: 1) que porra de missão era essa para a qual eu havia sido selecionado?; 2) por que eu havia sido escolhido?; 3) quem são *Eles*?; 4) e *Elas*?; 5) Que caralho ainda não me contaram?

Novamente não precisei verbalizar minhas dúvidas para que ela pedisse calma. Ela explicaria tudo que pudesse ser dito naquele dia e me indicaria o caminho para que eu descobrisse sozinho as respostas que faltavam. Sobre a primeira pergunta, explicou, eu fazia parte de um grupo de pessoas que participaria de uma guerra para a qual foram preparadas desde o nascimento. E a profecia do velho Omolu era apenas a confirmação disso. O velho Omolu, disse ela, e eu me lembro bem. Assim como me lembro que o nome da mulher que me salvou era dona Preta de Omolu. Não poderia ser coincidência. Ela estaria mesmo dizendo que o tal velho Omolu, como ela chamou o velho do parque, era um desses espíritos de macumba?

Assustado com a facilidade com que ela lia meus pensamentos, tentei parar de pensar. Mas ela continuou a responder o que eu não havia perguntado. “Sua missão é trazer de volta a ordem do mundo. Mas calma. Como eu já disse, essa não é uma missão só sua. E você não será solicitado a fazer nada para o que não esteja preparado. Siga o caminho que o destino for apresentando à sua frente e vai dar tudo certo.”

Sobre minha segunda pergunta, ela continuou, eu havia sido escolhido por Eles e por Elas. De uma só vez. E havia sido “forjado” para isso, inclusive. Na hora achei que isso só poderia ser um sinal de que ela não queria responder. Talvez porque não tivesse tanto poder assim. Por via das dúvidas, contudo, preferi continuar não pensando em nada. Ela continuou falando como se lesse na minha cabeça: “Quem são Eles? Você vai conhecê-los mais breve do que imagina. Aí todas as suas dúvidas começarão a desaparecer. É só seguir com muita atenção as minhas instruções”.

Antes de mais nada, eu deveria parar de resistir (como se alguém pudesse resistir a um fuzil enfiado na sua boca!). Em seguida, ela me estendeu uma embalagem usada de filme fotográfico, cheia de pequenos comprimidos, e anotou, num bloco de papel, algumas instruções esquisitas.

Eis o que eu deveria fazer: a) Naquela noite, deveria me preparar com muito cuidado e ser minucioso com cada detalhe do que estava escrito, começando por passar alfazema com água por todo o chão da minha casa, concentrando no quarto, que era onde “tudo iria acontecer” e tomar um dos comprimidos daquela embalagem de filme fotográfico; b) No primeiro dia, não deveria comer carne. Nas “demais vezes” não precisaria ser assim, mas na primeira viagem, a carne poderia dificultar a experiência; c) Antes de dormir, eu teria que pegar um saco plástico pequeno e colocar um punhado de sal grosso e completar com água, depois molhar o corpo, do pescoço para baixo, e deixar a água escorrer pelo ralo. “Aí você não se lava. Vai dormir com o resto daquele sal no corpo”, frisou; d) Depois do banho, eu deveria vestir um pijama branco e eliminar qualquer vestígio de vermelho no quarto; e) Deveria enfeitar minha casa com flores brancas, principalmente o quarto, e acender uma vela em nome do Nosso Senhor do Bonfim; f) Por fim, teria que me deitar na cama do jeito mais confortável, focar na própria respiração com os olhos fechados e aguardar.

Caso eu fizesse tudo que ela havia indicado, em pouco tempo sentiria meu corpo adormecer, mas estaria estranhamente lúcido. Sentiria o ritmo da respiração diminuir de forma lenta até quase parar. Mas deveria manter a consciência. Em algum momento, mesmo de olhos fechados, eu iria conseguir ver meu próprio quarto. E perceberia que uma luz meio azulada estaria deixando tudo mais claro do que quando eu havia me deitado. Somente então sentiria estar levitando, até perceber meu corpo deitado alguns centímetros abaixo de mim mesmo!

Segundo dona Adair, nessa hora, muita gente fica com medo e acaba voltando. E eu tinha certeza disso. “É como uma sensação de morte. Você vai achar que morreu e vai querer voltar. Mas não se assuste. É assim que acontece.”

Talvez para você, meu amigo Laroíê, isso também pareça trivial e pode estar agora dando boas risadas às minhas custas. Mas será que você consegue imaginar como tudo isso soa apavorante para uma pessoa que não acredita nem na vida após a morte? Ela, pelo visto, não considerava essa possibilidade, pois disse que eu não me apavorasse, que era só experimentar ficar de pé e andar pela casa que “Eles” estariam lá me esperando.

Quando falei, no início deste e-mail, sobre ter ficado obcecado, era por causa disso. Somente uma obsessão absoluta poderia me convencer a experimentar tudo aquilo só para saber quem eram “Eles”. Simples assim, eu pensei. Tomaria um remédio alucinógeno, me vestiria com uma mortalha branca, me salgaria como um churrasco na beira da brasa e sairia do quarto enfeitado com flores de defunto, voando fora do corpo, como se estivesse morto, para dar umas dicas de como colocar o mundo nos eixos! Que tal? E se eu recusasse? Fiquei com medo até de perguntar, diante das delicadas formas de persuasão que esses fantasmas filhos da puta tinham utilizado até ali.

Mas ainda iria piorar. Segundo ela, eu deveria receber todas as outras instruções diretamente com Eles, tanto para essa viagem quanto para as outras. Isso mesmo! Não seria apenas uma vez que teria que brincar de defunto. Seriam várias! Repito: várias vezes eu teria que me deitar de branco depois de esfregar sal pelo corpo e sentir minha alma despregar dele! Era só olhar a maçaneta da porta toda vez que chegasse em casa. Quando um feixe de mariô, um tipo de palha feita da folha seca do dendezeiro, estiver preso a ela, eu deveria considerar aquilo um “convite”.

Preferi me permitir a desculpa da ignorância e não perguntei o que aconteceria se não atendesse o chamado. Dona Adair arrancou a folha do bloco e, como um psicanalista que vê a hora do cliente

se esgotar, levantou e estendeu as anotações, indicando o caminho da porta com um sorriso simpático.

Encontrei Maria Eduarda suando frio de curiosidade e expliquei o mínimo possível enquanto seguíamos para minha casa. Mas as últimas palavras que dona Adair me disse antes de nos despedirmos ficaram martelando na minha cabeça de uma forma ainda mais forte do que as outras: “Vão tentar te impedir. Não deixe. A gente confia em você”.

O trágico nisso tudo foi que, mesmo tendo sido avisado e de ter sinceramente tentado me manter vigilante, eu não percebi o que aconteceu nos dias que se seguiram. Até porque, naquele momento, eu não havia tido oportunidade de tirar minhas dúvidas de uma forma razoável. Cada pergunta que eu fazia criava ainda mais dúvidas. Muitas dúvidas. E eu me sentia como se andasse pela rua com uma cara de bobo, com um ponto de interrogação estampado na testa.

Infelizmente, meu amigo, em nenhum instante nos dias que se seguiram eu tive a oportunidade de encontrar alguém como você. Não havia ninguém para me explicar com tanta clareza sobre esse mundo sobrenatural. Talvez você, como um representante dos orixás, saiba alguma coisa sobre tarô, levitação, sonhos lúcidos... Se bem que são mundos completamente diferentes.

Axé,

New

São Paulo, 24 de junho de 2001.

OS NOVOS HERÓIS

No caminho para o castelo de Irê, Orunmilá se perguntava se havia feito a coisa certa. Ainda não tinha notícia alguma de Oxum nem sabia se poderia confiar uma mensagem importante como aquela a Exu. Afinal, ele era apenas um mensageiro. Mas se os egunguns haviam escolhido os três como “heróis”, quem era ele para questionar?

Quem sabe, se os búzios estivessem funcionando, os odus poderiam orientá-lo. Mas nas atuais circunstâncias não parecia haver alternativa. Se ao menos Oxum tivesse um pouco mais de responsabilidade... Onde já se viu colher flores no meio de uma missão como aquela?



Oxum passou pelas flores sem nem lhes dirigir a visão. Seus olhos e ouvidos estavam atentos à procura de algo mais importante. Continuou andando, procurando. Havia colhido algumas referências do lugar exato durante a noite anterior, mas a falta de familiaridade com aquela floresta não ajudava muito.

Chegou enfim ao sítio procurado. Esticou os braços e a cabeça para trás e começou a dançar. Estava mais bela do que nunca com o corpo coberto apenas por uma saia feita de cinco lenços transparentes.

O vento batia e espalhava o perfume do corpo de Oxum. E ela continuava a dançar. Um barulho se fez ouvir no meio dos arbustos. Ela continuou dançando como se não tivesse ouvido nada. Mas já sabia que estava sendo observada.



Exu não precisou perguntar muito para descobrir quem eram os guerreiros inseparáveis. Próximo ao mercado, dois sujeitos altos andavam abraçados em meio a gargalhadas. Pelos músculos, não se tratavam de agricultores comuns. E toda aquela cumplicidade... Só poderia ser a dupla procurada.

Uma voz anônima confirmou a suspeita:

– Timo! Andando desse jeito com Gbonka o povo da cidade vai acabar desconfiando de suas virtudes!

O povo ao redor respondeu numa ruidosa gargalhada. Sem hesitar, o grandalhão da direita respondeu:

– Cuidado, mercador. Posso querer mostrar minhas virtudes comendo suas tripas em praça pública!

Timo e Gbonka pareciam ser mesmo muito amigos e todos na cidade os respeitavam. Mas até que ponto? Exu, curioso, resolveu testar.



Orunmilá parecia estar no seu dia de sorte. Quando se aproximou do palácio, um homem magro e alto, que se movia como um pássaro, carregando um arco e algumas flechas, saía pelo portão.

– Príncipe Oxóssi?

– Sim, sou eu. Mas não me chame de príncipe, por favor. Sou um homem da floresta, não dos palácios. Trate-me como um caçador.

– Muito bem, se assim deseja. Pois estou aqui exatamente por conta de uma caçada.

– Caçada? Não precisa dizer mais nada. Quando será?



Oxum dançava como se estivesse encantada. E, a cada passo de sua dança, o homem à espreita fraquejava um pouco mais. Suas costas arqueavam diante das voltas da bela moça, mas ela fingia não perceber que estava sendo observada.

Girava, saltava e se movia como se fosse uma nuvem. Lentamente, depois com vigor e de novo lento. Oxum tinha as coxas grossas e os glúteos firmes de quem nunca parou de dançar. Uma cintura fina sob peitos do tamanho e da idade que não se consegue tirar os olhos. E sabia disso. Assim, de pouco em pouco, ela foi mudando de lugar. Passando por outras clareiras, outras árvores e outros caminhos. Um passo depois do outro, o estranho observador seguiu a dança sedutora de Oxum sem perceber seu estratagema.



Mercados são propícios às artimanhas de Exu. E no meio daquelas barracas uma delas trouxe a ideia. Um chapéu pontudo, de um lado branco, do outro preto. Exu vestiu o estranho chapéu e deu a volta na praça de forma que pudesse caminhar no sentido contrário às suas vítimas. Quando cruzou com os dois amigos, fez questão de passar bem no meio deles e cumprimentá-los:

- Bom dia, senhores guerreiros.
- Bom dia, senhor forasteiro – responderam ambos com muita educação.



Bastou uma simples explicação e os dois já estavam na floresta. Oxóssi, o grande caçador, nem precisou da oferta do jantar para aceitar a caçada. Também não precisou saber que Olodumare havia pedido a codorna, embora isso tornasse a emboscada ainda mais excitante.

- Antes do anoitecer, a codorna de Olodumare estará em suas mãos, meu caro adivinho. Aí poderemos desfrutar do amável jantar na casa de Sapeteri.

Com seu arco e flecha de caça em punho, Oxóssi se enfiou mata adentro procurando a pequena e arredia ave. Atento aos pequenos barulhos da selva,

logo a encontrou e, com uma única flechada, capturou o alvo. Orunmilá ficou impressionado e não conteve o elogio:

– Incrível! Nunca imaginei que seria tão fácil.

– Não é fácil, caro Orunmilá. Não se esqueça de que você está diante do maior caçador do mundo. Eu nunca erro uma flecha. Mesmo sem que eu mire, elas sempre atingem o alvo. Agora vamos deixá-la para que seja devidamente limpa no palácio – depois vejamos se você é tão bom nas suas promessas quanto eu nas minhas. Quero experimentar os feijões de que falou.



A visão dos movimentos sensuais transtornava e paralisava aquele homem sujo e maltrapilho. Passo a passo, Oxum ia se aproximando da cidade. Ela distraía o espectador com seus movimentos lânguidos, passando a poucos centímetros do seu rosto como se ignorasse sua existência. E ele a seguia, inadvertidamente, para longe das árvores.



Exu ficou à espreita atrás de uma barraca do mercado e conseguiu ouvir o desfecho de mais uma de suas traquinagens.

– Aquele forasteiro de chapéu branco... ele conhece a gente?

– Achei que sim. Mas o chapéu era preto.

– Claro que era branco, está querendo me confundir? Ou está me chamando de mentiroso?

Exu tinha conseguido. Assim que os viu, teve a sensação de que aqueles bravos guerreiros não eram tão amigos assim. Grandes lutadores normalmente têm respeito, não amizade, por seus iguais. Mas nem tudo correu como o mensageiro havia planejado.

Como ambos eram de boa fé, sustentaram seus pontos de vista até o fim. No início com cordialidade, depois com mais ardor e, em seguida, com a cólera orgulhosa de um bom homem de armas. Foi então que, embalados

pelo fogo do vinho de palma e pelo calor da discussão, um deles sacou a espada. O outro, é claro, o seguiu.

E a feira de pronto se calou. Sentiam cheiro de sangue.

Com o desaparecimento de Ogum, aqueles dois passaram a ser os mais temidos lutadores da região. Ninguém imaginava o que poderia ocorrer caso eles se enfrentassem. Num mórbido sentimento que misturava medo e curiosidade, ninguém gritou nem tentou impedir.

Timo jogou a espada sobre o pescoço de Gbonka. E Gbonka lançou sua lâmina sobre o ventre do oponente. Gbonka abaixou-se e desferiu mais um golpe lateral. Timo desviou e atacou o peito à sua frente. O povo em volta suava frio quando veio o grito.

Os gritos, na verdade, pois ambos foram atingidos. Parecia grave. Os dois, ali caídos no chão, envoltos em sangue, provavam a perspicaz teoria de Exu. Mas isso não ajudaria em nada na missão que tinham a cumprir.

Exu correu como corre quando tem notícias urgentes do Orum. Em três passos, chegou à casa de Sapeteri e viu os rostos sorridentes de Orunmilá e de um sujeito magro e alto sentado à sua frente. O mensageiro interrompeu as risadas e, numa versão providencialmente curta, colocou a situação:

– Timo e Gbonka estão mortos. Desentenderam-se e iniciaram uma briga. O povo do mercado assistiu a tudo. Eu estava lá e vi também. Estão os dois estendidos na praça do mercado, banhados em sangue. Acho que não eram tão amigos assim.

Ao lado de Oxóssi, Orunmilá empalideceu. Tudo parecia ir tão bem... Não sabia o que fazer. Tinham pouco tempo. Esses imprevistos não poderiam acontecer. Se tivesse como consultar os odus, isso não teria ocorrido. Saberria como proceder. Mas agora não tinha mais os guerreiros que fora buscar. Ainda olhava atônito para Exu quando outro homem entrou assustado na casa de Sapeteri.

– Já sabemos de Gbonka e Timo, Akolowo – interrompeu Oxóssi, antes que o escravo dissesse a que veio.

– Sinto muito, senhor. Eu fui até o jardim por um instante e, quando voltei, a codorna havia sumido. Nunca imaginei que uma codorna poderia desaparecer como num feitiço dentro do palácio real...

– Como assim? – perguntou Orunmilá com um espanto desanimado. Em poucos segundos toda a viagem que fizeram havia voltado à estaca zero.

– Quem foi o responsável, Akolowo? – perguntou Oxóssi.

– Não sei, senhor. Ela simplesmente não estava mais lá. Vim para cá o mais rápido possível, mas foi difícil passar pela multidão que recebia mestre Ogum...

– Ogum, meu irmão? Ele está de volta?

– Ao que parece, mestre. Ele veio trazendo consigo uma bela jovem estrangeira. Ouvi que, enquanto passeava, a moça se perdeu na floresta.

Quando uma coisa vai mal, outras vêm junto. E se duas vêm de uma só vez, não há porque não esperar a terceira e a quarta. Orunmilá lembrou-se do sumiço de Oxum e congelou. Antes que o escravo pudesse completar a explicação, Exu estava abrindo caminho entre o povo. E Orunmilá ia atrás.

– Ogum voltou da floresta! Ogum salvou a forasteira perdida! – gritava o povo maravilhado.

– Salve o guerreiro violento do chapéu coberto de sangue!

– Deem as boas-vindas ao príncipe dos músculos de aço de Irê!

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(15): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Desculpe se pareci grosseiro ao duvidar de seus conhecimentos. Jamais acreditei que tudo o que você entendia era de orixás, nada mais. É que, uma vez que não tenho muita informação a seu respeito, acabei inventando algumas coisas na minha cabeça. Cacoete de jornalista, embora poucos realmente admitam que o fazem. E quer saber? Como tem muita gente burra na redação de qualquer jornal, revista e (principalmente) emissoras de TV, quem tenta deduzir normalmente acaba se estrepando. Eu tenho o hábito de pelo menos passar perto com as minhas “flechadas” – que é como o Ítalo costumava chamar esse tipo de adivinhação –, por isso me habituei a usá-las sem muita parcimônia. Neste caso, minha intuição me traiu, e acho que uma das minhas flechas errou o alvo!

Vamos adiante com a história, pois me pareceu que o tom de revolta na sua mensagem só era menor que a ansiedade de saber o que aconteceu depois.

Como estava lhe dizendo, saímos, eu e a Maria Eduarda, da casa da tal adivinha. Eu cheio de caraminholas na cabeça e ela com um sorriso estranho no rosto. Fiquei meio distante quando paramos para almoçar no Pasta e Vino, onde é servido um dos melhores espaguete à carbonara da cidade, mas me restringi a um *strapatti* básico para evitar as carnes, como havia recomendado a tal dona Adair. A Duda, para meu estranhamento, sequer ameaçou interromper meus pensamentos. Parecia quase tão distante quanto eu, quando normalmente estaria dando saltos de um metro e meio de tanta curiosidade.

Comemos sem pressa e, no caminho para a casa, o celular dela tocou. Resmungou qualquer coisa e desligou dizendo que já estava indo. Chegou a perguntar se eu gostaria de ir com ela escolher as fotografias que ilustrariam uma entrevista que ela fez na véspera. Ela sabia que eu odiava selecionar fotos. Nem precisei responder.

Seguimos lentamente em direção a Moema e, excetuando meu estranho pedido de parar para comprar flores brancas (que ela encarou com uma naturalidade fora do comum), permanecemos calados até a esquina da rua Jamaris. Lembro com clareza que só havia uma vaga, que alguém já tinha reservado, bem na frente do meu prédio. Duda buzinou e, quase no mesmo instante, o porteiro saiu do pequeno cubículo envidraçado que esconde quase todos os porteiros de São Paulo. Correndo, dirigiu-se até a vaga reservada por um desses cones plásticos alaranjados e o retirou de lá.

Achei estranho, mas nada espetacular diante do que vinha vivendo. Decidi não perguntar naquela hora, assim como não questionei o modo como o porteiro me cumprimentou na porta. Quando estávamos no elevador, ele nos alcançou, dizendo que um entregador havia deixado um pacote em meu nome. Era um embrulho de papel pardo escrito à mão com uma letra tão incompreensível que me surpreendeu o Antônio ter conseguido entender que era para mim. O

elevador chegou antes que eu pudesse abrir o embrulho, e uma algazarra me interrompeu. Só então compreendi o que estava acontecendo.

Colegas do *Jornal* e até alguns do *Diário* estavam lá, tocando cornetas e bebendo cerveja com os vizinhos, que a essa altura preferiram se juntar à festa surpresa a reclamar com um monte de bêbados profissionais. Não eram nem cinco da tarde e eu imaginei que tipo de reportagens eles haviam inventado para despistar seus editores.

Como a festa era para mim, não poderia decepcionar. Bebi umas duas latinhas de refrigerante (dona Adair havia me orientado a evitar o álcool nos dias de “viagem” para não nublar os sentidos) e, de repente, me lembrei novamente do pacote. Estava bem em cima do braço do sofá. Arrebentei o barbante e encontrei um embrulho de plástico com umas folhas secas. Os colegas imaginaram que seria algum tipo exótico de erva da amizade, e as folhas de seda começaram a aparecer no meio da sala. A euforia só foi interrompida quando o Betânio, aquele “fantasma” intrometido do suporte técnico, reconheceu o conteúdo do embrulho: “Hum, adoro o cheiro de alfazema!”.

Enquanto os mais bêbados se perguntavam se alfazema também se fuma, levantei correndo e fui até a porta. Um feixe de palha estava pendurado na maçaneta. Na confusão da chegada nem havia reparado que estava lá.

Perguntei para Duda, mas ela não sabia quem tinha posto aquilo. Ou se tratava de uma grande brincadeira de mau gosto, mas incrivelmente bem feita, ou meus medos estavam muito mais próximos de se realizar. Pedi para que ela esvaziasse a casa o mais rápido possível sob o argumento (verdadeiro) de que estava exausto.

Ela aproveitou para perguntar pela primeira vez os detalhes sobre o que dona Adair havia me dito, mas não insistiu quando lhe disse que falaríamos sobre isso depois. Fiel e eficiente, em menos de cinco minutos, não havia mais ninguém além dela. Nós nos despedimos com um beijo carinhoso e combinamos de nos falar no dia seguinte.

Sozinho, catei no quarto as latinhas de Coca-Cola e eliminei qualquer vestígio de vermelho. Tinha as orientações da adivinha tão vivas em minha cabeça que nem precisei reler o papel no bolso: passei água com a alfazema, que recebi de presente, por todo o chão; coloquei o sal grosso num pequeno saco plástico, tomei o tal banho e vesti uma boxer branca bem confortável.

Apaguei a luz e tirei o telefone do gancho. Ficava mais ansioso a cada segundo, quase histérico. Mas minha curiosidade era ainda maior que o nervosismo. Logo que tomei o pequeno comprimido, tudo desacelerou. Eu ouvia as palavras da adivinha como se ela me conduzisse remotamente a um sonho hipnótico: “Relaxe, sinta a respiração reduzir, sinta-se leve”.

Conforme fui instruído, acompanhei minha própria respiração por um longo tempo. A excitação lutava com o torpor, e eu não conseguia dormir nem acordar. Naquele dia, até mesmo as sempre movimentadas ruas de Moema pareciam tentar ajudar. E, naquele silêncio profundo, comecei a sentir meu corpo ficar mais leve. Tão leve que me senti descolar da cama. A pressão do corpo sobre o colchão praticamente desapareceu e, como havia sido dito, percebi uma luz azul tomar conta do quarto inteiro. Procurei não olhar para baixo. Sabia, pelas explicações de dona Adair, o que encontraria. A visão do meu próprio corpo não era uma imagem que pretendia ter naquele dia.

Fiquei de pé sem nenhum esforço nem movimento. Apenas pela simples vontade de assumir aquela posição. Pensei em ficar de pé e já estava! Observei o quarto, evitando olhar para a cama, à

procura do tal emissário. Mas ele não estava ali.

Tentei abrir a maçaneta, mas minha mão simplesmente atravessou o metal da porta. Era como se todas as histórias de fantasma que ouvi a vida inteira estivessem acontecendo. Só que o fantasma era eu. E, se era assim, só havia uma forma de chegar até a sala. Dei um passo para trás e corri em direção à parede. Pum! Era como se conseguisse me misturar à parede, mas não atravessá-la. Aquilo doeu.

“Você tem de *atravessar* a parede, e não *tentar* atravessá-la, meu jovem”, disse uma voz grave e suave, vinda não sei de onde. Senti o pânico tomar conta. “Quem disse isso? Quem está aí?” Uma estranha força puxou minha nuca em direção ao corpo que devia estar dormindo na cama às minhas costas. “Calma, menino. Sou seu amigo.”

Meus pesadelos estavam se tornando realidade. Lentamente, pedaços de panos brancos surgiram de dentro da parede, do mesmo modo como se conta para as crianças: um fantasma coberto por um lençol branco atravessando a parede. Outro puxão na nuca, mas me mantive firme. Já que estava ali, iria até o fim. Olhei para meu próprio corpo estendido na cama. Talvez já estivesse até morto. Saberá em breve.

Em vez de pavor, minha imagem ali deitada trouxe mais determinação. Mirei o fantasma com firmeza e aguardei que terminasse de passar pelo concreto.

Um cajado de prata, uma mão negra. Os pés descalços. Um rosto sereno e envelhecido, costas curvadas e joelhos enfraquecidos de um homem que aparentava uns 90 anos. Não sabia quem era, muito menos o que queria. Mas estava lá para me levar a algum lugar. Só podia ser um Deles. E se Eles quisessem me fazer algum mal, já o teriam feito.

Respirei fundo e disse com toda a segurança: “Estou pronto. Pode me levar.”

Axé,
New

São Paulo, 26 de junho de 2001.

DE VOLTA À FLORESTA SAGRADA

A algazarra estava formada. O povo todo correu do mercado, como se houvesse esquecido do trágico acidente com os amigos guerreiros, e se juntou à entrada da cidade para ver o homem que impôs o temor às florestas entrar com a linda forasteira.

– Ogum voltou da floresta! Ogum salvou a forasteira perdida! – gritavam a todo instante.

Oxum estava mesmo bela. O corpo de curvas sinuosas e a pele firme de quem mal deixou a puberdade encantaram os presentes. Mas o leve soar de seus brincos e dos colares reluzentes, somados ao seu olhar triunfante enquanto caminhava por entre o público, levantou uma outra possibilidade entre alguns incautos.

Diante da ausência prolongada do príncipe guerreiro e da estonteante visão de Oxum, envolta apenas em cinco véus transparentes, um homem bêbado sussurrou alto demais:

– Aposto que foram os peitinhos da forasteira que trouxeram Ogum de volta, e não o contrário.

Enquanto dois amigos riam ao seu lado, um grito insano percorreu a multidão. Em um instante, as três cabeças rolavam sem corpo pelo chão de Irê.

Orunmilá chegou a tempo de presenciar a ira de Ogum e a resposta imediata de sua poderosa espada de ferro de que tanto falavam os habitantes da cidade. Oxum pareceu não se impressionar e continuou caminhando na direção do pai. Sorriu e colocou as mãos nos lábios em sinal de silêncio. Beijou-o no rosto e, no mesmo ritmo calmo que entrara, continuou caminhando na direção da casa que a hospedava.

– Deve ser o velho Orunmilá, pai da menina Oxum, creio eu – disse Ogum.

O adivinho estremeceu diante da voz do homem cujo olhar era ainda mais forte do que qualquer músculo de seu corpo.

– Sim, sou eu. Obrigado por trazer minha filha de volta, majestade.

– Por favor, me chame de Ogum. Ou de general, se preferir as formalidades. Não sou afeito a realezas nem frescuras. Meu lugar é no mato, caçando, ou nos campos, guerreando. É isso que sei fazer, por isso aceitei o convite que sua filha me fez.

– Convite? – respondeu Orunmilá engolindo em seco.

– Sim. O convite para juntar-me a vocês na busca dos odus sequestrados pelas Iá Mi Oxorongá. Há tempos não participo de aventuras como essa. Preciso mesmo me exercitar.

– O guerreiro louco vai lutar contra as Iá Mi! – começou a bradar o povo que ouvia cada palavra de seu príncipe.

– Morte às Iá Mi! Vida longa a Ogum, o príncipe de Irê!

– Vida longa ao maior guerreiro das terras iorubás!

– Pois então, partimos amanhã mesmo. Encontre-nos na entrada da cidade ao raiar do Sol – ordenou com autoridade Orunmilá, deixando claro seu domínio sobre o grupo.

– Só tenho uma condição – replicou Ogum.

– Estou ouvindo.

– Enquanto em campanha, o comando do grupo é seu. Mas, no momento da batalha, todos, inclusive você, seguirão as minhas ordens.

– Mestre Ogum, você é o general aqui. Seria imprudente, até estúpido da minha parte pensar em algo diferente. Estamos combinados.

Cumprimentaram-se com respeito, caminharam em sentidos opostos e deixaram o povo recolhendo os pedaços de gente que manchavam o chão da cidade. A multidão, enquanto lamentava a morte dos três companheiros,

relembrava de jamais ofender um homem tão forte e louco que morde a si mesmo e lava-se com o próprio sangue.



Quando os primeiros raios de sol quebraram a escuridão de Irê, Ogum viu seus novos companheiros de viagem chegarem ao portão. Oxóssi sorriu e foi ele quem os cumprimentou.

– Vejo que conseguiram convencer meu irmão a ir com vocês na missão enviada pelo Orum. Garanto-lhes que não há no mundo guerreiro mais poderoso que ele. Foi ele quem me ensinou a lutar e a caçar. E como não o vejo há tanto tempo, decidi ir com vocês por um trecho do caminho. Assim, tento encontrar outra codorna para Olodumare – abaixou-se para tocar o chão e, em seguida, a testa.

Orunmilá sorriu de alívio e satisfação. Em apenas algumas horas, viveu todas as possibilidades que um homem pode viver. A excitação de estar próximo de trazer dois grandes guerreiros para o time, a felicidade de capturar o pedido de Olodumare, a surpresa de tê-lo perdido em seguida, o susto de saber que seus heróis haviam se matado sem nenhuma explicação e, ainda, o medo de que algum mal tivesse acontecido à sua filha.

Todos se cumprimentaram efusivamente. Todos menos Ogum, que continuava sério e mudo, apenas aguardando o momento de partir.

– O caminho até Ifé será longo e perigoso. É melhor partirmos de uma vez – sugeriu Ogum.

Aquilo soou quase como uma ordem e, com o assentimento de Orunmilá, saíram todos de volta à floresta.

Peregrinaram durante horas guiados por Oxóssi, com Ogum abrindo o caminho com sua espada de ferro. Os irmãos conheciam como ninguém as matas da região e, para evitar os perigos e o terreno difícil da área que circunda Aramoko, seguiram pela margem do rio até o trecho entre Osogbo e Ipondá.

Durante o percurso, falaram sobre o tempo, sobre as guerras que felizmente haviam cessado, sobre lendas de terras distantes, mas principalmente sobre a missão do Orum e o golpe das Iá Mi.

Exu parecia não prestar atenção. Andava de um lado para outro, mais agitado que o resto do grupo, mas sorria. É possível que estivesse apenas excitado com tudo aquilo.

– Essas Iá Mi vão se ver conosco. Eu nunca tive medo delas. Agora terei a chance de enfrentá-las!

– Cuidado, Exu. Você pode ser grande e forte, mas não há no Aiê pessoa capaz de enfrentar a força das Iá Mi Oxorongá – repreendeu Orunmilá. – Do alto do baobá, que é de onde retiram sua força, elas só precisam pensar em alguém que essa pessoa morre no mesmo instante. Nem sua força, sua velocidade ou sua vivacidade poderiam livrá-lo da fúria das Iá Mi se elas resolvessem de fato acabar com você.

– Mas, pai – perguntou Oxum –, se elas são tão poderosas assim, por que deixaram os orixás no comando por tanto tempo?

Antes que Orunmilá tivesse tempo de responder, Ogum falou pela segunda vez desde o início da caminhada:

– Enquanto os homens faziam suas oferendas aos deuses do Orum, o mundo estava protegido. Mas elas conseguiram uma forma de mudar isso. Talvez porque o povo acha que precisa fazer menos oferendas.

Oxum sorriu diante da surpreendente atenção que Ogum lhe dispensara. E sentiu seu estômago queimar quando ele se virou para trás, olhando-a nos olhos. Durante boa parte da viagem, havia observado o porte robusto e as linhas perfeitas do homem que por todo o tempo andou à frente do grupo. Admirou seu contorno e a perfeição de sua forma: ombros, costas, pernas... Mas agora percebia que, atrás daquele corpo musculoso e do comportamento rude, havia um homem sábio. Consciente das coisas do Orum e conhecedor das magias do mundo.

– É possível. Mas elas também foram ardilosas – completou o adivinho.
– Ao sequestrarem os odus, deixaram o mundo sem os príncipes do destino, os homens que contam as histórias das pessoas. Nessas histórias estão todas as oferendas que precisam ser feitas. E, sem oferenda, não há troca de axé entre Orum e Aiê. Assim, os homens se enfraquecem em virtude de todo o tipo de má sorte e confusão que caem sobre suas vidas. E, como não há orixá sem o homem, as Iá Mi ficam livres para tomar o poder.

Oxóssi era o único alheio à conversa. Até Exu começara a prestar atenção, mas o caçador tinha um único interesse: a codorna que prometera a Orunmilá.

E assim foi pelos três dias seguintes. Ogum ficou calado, Exu continuou agitado, e Orunmilá permanecia pensativo. Nas conversas que esporadicamente surgiam, Oxóssi tampouco participou. Preferia aproveitar os momentos de descanso do grupo para rastrear as redondezas à procura do pássaro pedido por Olodumare. Dessas caçadas, resultaram variadas e fartas refeições, mas nunca a tão desejada codorna.

Por todo esse tempo, o grupo viu o velho adivinho trabalhando com pequenas pedras sobre um pedaço de tronco. Lascava a madeira e murmurava algumas palavras. Mas quando perguntado sobre o que fazia, Orunmilá dizia apenas que estava passando o tempo.

Ao final de três dias e três noites de caminhada, no entanto, reconheciam-se sensíveis mudanças de ânimo em todos os integrantes do grupo. Ogum e Oxum se mostravam cada vez mais íntimos e suas caminhadas ao entardecer ficaram longas e demoradas. Oxóssi ficava cada vez mais frustrado diante do constante fracasso de suas buscas pela codorna. Orunmilá acabara o estranho objeto que entalhava e passou a se preocupar com o envolvimento da filha com o rude guerreiro. Tinha um mau pressentimento. Em busca de orientação, chegou a jogar os búzios algumas vezes, mas todas as jogadas continuaram mudas.

Na manhã do quarto dia, já estavam nas cercanias da cidade de Osogbo, terra onde Oxum fora criada antes de sair em companhia do pai em suas andanças pelo mundo. Era ali que deveriam atravessar o rio.

O que não esperavam era que as águas estivessem tão elevadas e revoltas. Daquele jeito, não conseguiriam transportar sua bagagem para a outra margem. E ainda correriam o risco de alguém ser arrastado pela correnteza.

Ogum olhou para os dois lados e tomou a iniciativa:

– Podemos continuar na direção de Osogbo, até encontrarmos uma árvore grande e forte perto de um trecho mais estreito do rio. Se conseguirmos cortar essa árvore a ponto de ela chegar ao outro lado, teremos uma ponte segura para atravessar. Ou então teremos que seguir mais uns quatro ou cinco dias até encontrarmos uma ponte construída.

– Em quatro ou cinco dias já teremos perdido a Festa dos Inhames de Ifé. Temos apenas três dias para chegar lá ou perderemos nossa maior chance de completar o grupo dos sete guerreiros – comentou Orunmilá, sendo imediatamente complementado por Exu:

– Mas é nossa única alternativa, mestre. Olhe para esse rio. Eu não tenho medo de quase nada, o senhor bem sabe, mas não me arriscaria a entrar nessas águas bravas. Além do mais, não há espada no mundo capaz de derrubar uma árvore a tempo. As árvores daqui são mais duras do que qualquer espada que o homem já fez. A não ser que um raio derrubasse uma delas e bem a que precisamos...

Era evidente a fúria de Ogum com a simples alusão de que algo poderia ser mais poderoso do que sua arma:

– Não será necessário raio algum, mensageiro. Você viu minha espada em ação na cidade de Irê. Viu como ela cortou aqueles pescoços como se fossem de água? Essa é uma lâmina diferente, feita da forja de uma terra preta que chamei de ferro. Deve ter ouvido, na minha cidade, falar das ferramentas feitas com ela.

– Sim, ouvimos, mas ela é capaz de derrubar uma árvore? – perguntou Orunmilá, ainda descrente. Antes que tivesse uma resposta, o guerreiro teve um sobressalto.

– Shhhhhhhh! – Ogum, com uma expressão rigorosa, de repente mandou que todos se calassem. Olhou para Oxóssi, que parecia saber exatamente o que seu irmão percebera. Ninguém mais havia entendido, mas ao menos não parecia ser mais uma de suas reações loucas diante de uma afronta. Era algo mais sério, pois, em vez de saltar sobre a cabeça de seus interlocutores, Ogum correu para a floresta numa direção. E Oxóssi correu na outra.

Silêncio. Um silêncio de incompreensão. Quebrado apenas por um grito louco de dentro do mato:

– Hiôôô ô!

Silêncio.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(17): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Se era o que você queria, eu reconheço: estou impressionado. Depois que recebi seu e-mail, fui pesquisar na internet e encontrei algumas descrições sobre os tais “sonhos lúcidos” conforme você indicou. Embora não tenha encontrado, em nenhum deles, uma experiência de viagem ao mundo mágico – que eu contarei a seguir –, o processo todo, a “técnica” envolvida, pareceu-me praticamente idêntica àquela ensinada pela dona Adair. Mas, antes que volte ao relato do que aconteceu naquela noite, permita-me um breve parêntese.

Você realmente me pegou quando falou sobre a questão das consultas pagas que esses adivinhos sempre fazem. Veja só: eu, que sempre defendi que ninguém faz nada por caridade, agora venho questionar que uma pessoa não possa cobrar pela sua única habilidade. Desculpe. E fecho aqui o parêntese.

Voltamos ao meu quarto, no meio da noite em que experimentei aquilo que você chamou, com tanta propriedade, de sonho lúcido. Vi aquele homem cruzar a parede sem dificuldade e, por mais estranho que pareça, consegui me manter calmo. Cheguei perto do velho e lhe estendi a mão, mas ele passou direto por mim e foi em direção à mesinha de cabeceira, na qual acariciou de leve as flores e a vela que eu tinha arrumado antes de dormir.

“Obrigado pela oferenda, menino. Gente da sua idade às vezes esquece que a gente gosta de presente”, disse ele. Parecia até emocionado. Depois voltou na minha direção e me abraçou. Primeiro do lado esquerdo, depois do direito. Já tinha visto aquele tipo de cumprimento na televisão, mas jamais imaginei que traria aquela sensação de paz.

Quando nossos rostos novamente ficaram um de frente para o outro, uma luz muito forte me cegou por alguns segundos. Era tão intensa que fez tudo ficar escuro. E, quando retomei a visão, estávamos num lugar todo diferente.

A planície se estendia sem fim, recortada apenas por palmeiras tão altas que quase não se viam suas copas. Éramos apenas nós, as palmeiras tocando o céu e uma casa imponente, pintada de giz e coberta de palha branca. O velho apontou seu cajado prateado naquela direção e me guiou.

“Você foi muito corajoso, menino” (ele dizia isso como se tivesse me oferecido alguma alternativa que não fosse estar ali, naquele momento), depois se apresentou com vários nomes diferentes, mas pediu que eu o chamasse de Oxalá, que na língua do seu povo significa o rei do pano branco.

“Dá para entender por que, não?”, ele perguntou, apontando a própria roupa. Não era a piada mais engraçada que já ouvi, mas confesso que me diverti com o humor inocente do velhinho! Logo me afeiçoei a ele, e sem demora já estávamos nos entendendo. Ele não precisou que eu perguntasse nada para que começasse a me explicar o que era tudo aquilo.

“Preste muita atenção, menino. Neste exato momento, há vários mundos e muitos tempos diferentes acontecendo ao nosso redor, todos simultaneamente, mas em tempos e lugares diferentes”, disse ele, não sei se tentando explicar ou me confundir.

Nove mundos paralelos, pelo que me recordo. O mundo em que vivemos é apenas um deles, e o lugar onde eu e Oxalá estávamos era outro, a que eles chamavam de Orum, o lugar mágico onde moram os orixás. (Aliás, meu amigo Laroiê, você saberia me explicar o que são, exatamente, os orixás?)

E isso é tudo que eu consigo explicar, pois ele não parecia muito disposto a grandes esclarecimentos. “Vamos nos apressar agora. Estamos atrasados. Explico o resto depois”, o velho andava e falava mais rápido do que sua idade permitiria. Chegamos à suntuosa casa, que atravessamos sem perder nenhum segundo, e mal tive tempo de apreciar as esculturas de madeira e barro que enfeitavam cada aposento. Conforme andávamos na direção da porta do outro lado daquele palácio, um alegre batuque aumentava de volume.

Senti o sol arder nos olhos e tive de proteger a vista para enxergar o jardim. Mesmo assim, não consegui identificar de onde vinha o som dos tambores. Um grande lago me chamou a atenção –era bem maior do que a casa, e eu deveria tê-lo visto do lugar onde “aterrissamos” – mas tenho certeza de que não estava lá até aquele momento. As pessoas sentadas ao redor da margem pareciam olhar para nós, como se estivessem nos esperando há séculos. Enquanto seguíamos em direção ao único lugar vago, voltamos a conversar. Lembro-me bem das suas palavras.

“Meu povo acreditava que, no início dos tempos, os odus, 16 príncipes que moravam no Orum, foram ao mundo e coletaram algumas histórias – 16 histórias cada um. Essas histórias representavam tudo aquilo que os homens, de qualquer tempo e qualquer mundo, deveriam viver. Assim, aquilo que aconteceu na vida das pessoas do passado acontecerá na vida das pessoas do presente.”

“Você disse que o povo acreditava. Mas isso era verdade?”, perguntei. “Mais ou menos, meu filho. Os 16 príncipes realmente existem e são mesmo conhecidos como odus. Cada um realmente controla um tipo de situação: crise, desgraça, vitória, traição, riqueza... Mas a verdade é que eles não colheram essas histórias. Eles as inventaram. Criaram cada uma das histórias que compõem o oráculo do meu povo. E não só as histórias, mas também os desfechos e as oferendas que precisam ser feitas para que os homens possam evitar as consequências ruins.”

“Como o que chamamos de destino?”, perguntei, como se estivesse no meio de uma entrevista. Ele preferia não usar essa palavra. “Não gosto do sentido imutável que vocês dão a essa palavra.”

Essas histórias que os odus criaram, segundo Oxalá, davam aos homens justamente o direito de mudar o curso de suas vidas. E isso tem a ver com o motivo pelo qual eles haviam me escolhido. Não entendi o que ele queria dizer naquele momento, mas o deixei prosseguir sem mais interrupções.

Continuamos caminhando depressa enquanto ele, curiosamente para um homem daquela idade, falava sem ofegar:

“Num dos mundos de que falei, o Aiê, vivem jovens sábios e corajosos: guerreiros, príncipes, caçadores e feiticeiros. É um mundo em que a magia da natureza ainda não foi esquecida.” Questionei na hora: “Por que *ainda*?”. “Porque, em algum momento, o futuro deles vai encontrar com o passado de vocês. Como nos filmes a que você assistia quando era criança”, sorriu o velho, orgulhoso de seu conhecimento das coisas do nosso tempo.

“E o que isso tem a ver comigo?”, não sei ao certo se cheguei a dizer isso ou se ele conseguiu ler meus pensamentos. O fato é que respondeu: “Você já vai entender. Está vendo aqueles homens sentados ao redor do lago? Eles estão à sua espera. Você ficará no lugar do 16° odu”.

Isso mesmo, Laroieê, meu amigo! Quando eu achava que estava começando a entender a situação, o velho me joga uma dessas na cara! Eu, que nunca fui exemplo de moral, estava sendo “convidado” a tomar decisões sobre a vida dos outros! Se pelo menos aqueles sobre quem teria de decidir fossem pessoas normais...

“Calma, menino. Vou explicar melhor”, ele continuou, acariciando-me o ombro e apontando um sujeito com chapéu de cone bem no centro da fileira de 16 lugares. Era Ifá, o mestre dos odus. Há algumas semanas, seus 16 príncipes haviam desaparecido, e ele foi procurar ajuda com os outros orixás.

Quando perguntei sobre quem havia feito isso, Oxalá foi o mais reticente que pôde. Disse apenas que havia uma batalha de poderes no Orum e que aquilo devia ser obra de um grupo de mulheres conhecidas como Iá Mi Oxorongá. Pronunciou esse nome tão baixo que tive a impressão que tinha medo até do som das palavras. Quando percebi que ele não estava muito confortável falando das tais mulheres, arrisquei mais uma pergunta: “Então elas são as vilãs e nós os...?”. Não sei se ele percebeu meu sarcasmo (não consigo resistir mesmo em situações como essa), mas, se notou, não parecia se importar muito quando respondeu que não era tão simples assim.

“É bom que você esqueça suas ideias de bem e mal enquanto estiver por aqui. Não vão ajudar muito”, disse ele, misterioso, e voltou ao início da conversa:

“Quando um dia Ifá chegou com a notícia de que os odus tinham sido sequestrados, mandei chamar todos os grande orixás. Enviei uma mensagem ao próprio Olodumare, o deus supremo, a quem todos nós devemos obediência, explicando o que acontecia. Ele indicou que, caso conseguíssemos substituir os odus originais por um grupo provisório, nos concederia o poder de manter a ordem das coisas por algum tempo.”

Oxalá já tinha tudo planejado, pois sempre soube que um dia o destino iria trazer esse desafio. Por isso, havia pedido a Ajalá, o orixá que forja as cabeças das pessoas antes de nascerem, que preparasse 16 cabeças especiais com um pouco de cada orixá e com uma marca branca para identificá-las quando, enfim, chegasse o dia em que precisariam da nossa ajuda.

“Naquele dia em que fui te visitar no restaurante, queria ter certeza de que era você.” Ele indicou meu olho esquerdo com o dedo e imediatamente compreendi que se tratava da mecha branca nos meus cílios. “Você tomou o corpo daquela menina? Sem ela querer? E se cada odu é dono de um tipo de história, que odu eu vim representar?”, perguntei de bate-pronto. A resposta me frustrou, evasiva: “No fundo, você já sabe. Mas é melhor que não tenha certeza por enquanto. Preciso que seus sentimentos sejam honestos. acredite em mim. Se não for assim, não valerá o esforço”.

O caminho que eu havia feito, ele explicou, não era um caminho natural. (Isso eu já sabia há muito tempo, mas não comentei nada!) E, pelo que entendi, o próprio Olodumare, que jamais havia deixado seu trono de nuvens, teve de ajudar o Orum a sustentar essa “ponte artificial”. Ele precisou fazer um encanto com uma codorna enviada pelo Aiê para que pudéssemos criar um caminho energético entre o nosso mundo e o deles.

Como não consigo perder o cacoete investigativo, continuei a perguntar. Descobri que só os orixás do Orum podem ir de um mundo para outro e que o tal encanto de Olodumare permitiu que alguns humanos escolhidos, como eu, pudessem cruzar essa mesma fronteira. Mas a pergunta principal, não tive tempo de fazer: “Por que eu? Por que não um pai de santo ou um africano de verdade? Não seria mais útil que alguém com menos perguntas e mais respostas viesse ajudar a salvar os ‘caminhos do mundo’?”.

Havíamos chegado ao único banco vazio sob os olhares de Ifá e dos 15 homens sentados em volta do lago. Eram todos negros, se bem que com tonalidades de pele e características que me faziam crer que vinham de lugares completamente diferentes. Alguns exibiam algum tipo de adereço que me levava a acreditar que eram todos – ou quase todos – de alguma forma ligados àquele universo religioso. Só eu era branco e desprovido de ornamentos rituais.

Oxalá apontou meu lugar e disse suas últimas palavras para todo o grupo, e dessa vez tenho certeza de que não havia pronunciado nem um som: “Procurem não pensar. Sintam. Aqui há gente dos lugares que hoje vocês conhecem como Nigéria, Benin, Cuba, Haiti, Estados Unidos, Brasil... Cada um de vocês foi moldado para viver tudo o que precisaria para que pudesse cumprir seu papel quando chegasse aqui. Cada um com sua história, seus poderes e suas crenças. Por isso, são dezesseis, e não um. Sejam bem-vindos”. Disse isso e seguiu novamente para o casarão branco. Enquanto acompanhava seu caminho com os olhos, a voz poderosa do homem com chapéu cone quase rompeu meus tímpanos. “Hora de começar!”.

O batuque cessou. De imediato, imagens nítidas se formaram na superfície da água. E embora não houvesse som, era como se eu soubesse cada palavra que eles falavam. Ifá deu uma única explicação: aquela era uma porta de onde poderíamos acompanhar as consultas de Orunmilá, o adivinho, um senhor de aparência frágil, que tinha uma missão muito importante. Nós deveríamos apenas observar o que estava acontecendo. Apenas isso: ver e ouvir.

No meio da água, as imagens mostraram, como se estivéssemos num cinema moderno, toda a busca de Orunmilá. Vi uma menina linda ser capturada por uns mascarados, depois libertada. Vi-a seduzir um homem forte que metia medo em todo mundo... Engraçado que não vi ninguém reagir quando a mocinha rebojava de um lado pro outro, de peitinho de fora e tudo! Mas quando víamos o fortão de perto, o sujeito do meu lado se abanava todo. “Viadagem astral!”, pensei.

Continuamos assistindo ao grupo andar pela mata, mas as imagens logo foram se diluindo e esmaecendo, até desaparecerem. Ifá levantou, agradecendo nossa presença: “Vocês vão receber um novo chamado meu quando for necessário”.

A indignação tomou conta do grupo, e eu tenho certeza de que todos nós, embora não nos conhecêssemos nem tivéssemos tido nenhuma chance de conversar, pensávamos a mesma coisa: “Como assim? Estávamos ali para decidir o que deveria acontecer ou não? Não estávamos ali para ajudar?”.

Sem que ninguém tivesse realmente dito palavra alguma, o mestre dos odus respondeu: “Vocês assistiram e tiveram, intimamente, suas próprias sensações. O lago captou esses sentimentos e um deles foi transmitido sob a forma de axé para os búzios de Orunmilá. Agora voltem para suas vidas normais. Sejam vocês mesmos e, da próxima vez que forem chamados, tragam seus sentimentos mais legítimos”. Ifá acenou pela última vez antes de se despedir: “Podem ir”.

Não senti o caminho de volta. Só lembro de ter acordado com a campainha tocando. Fui correndo abrir, ainda confuso em relação ao mundo em que estava. Do lado de fora, não havia nada de místico. Apenas um policial com cara de buldogue e um delegado almofadinha querendo me fazer algumas perguntas.

Axé,
New

São Paulo, 28 de junho de 2001.

A BÊNÇÃO DA LUA

Na margem do rio, não se continham a ansiedade e o medo. O que teria acontecido com Oxóssi e Ogum? Só se viram os dois entrando entre as folhagens para, em seguida, ouvirem um grito louco há vários passos de distância.

A tensão, porém, foi quebrada por uma sinfonia de risos que se aproximava novamente da margem. Ogum, pela primeira vez com um olhar divertido desde que saíram de Irê, foi o primeiro a aparecer. Ainda não tinha fôlego de tanto rir. Em seguida veio Oxóssi. Com o braço direito levantado, expunha seu troféu.

– A codorna! – gritou Orunmilá, tocando o chão e a testa em louvação.

– A codorna de Olodumare!

– Ouvi o som da bichinha enquanto conversávamos. Oxóssi também. Fiz sinal para ele e fizemos como na época em que eu o ensinei a caçar – explicou Ogum.

– No tempo em que ele ainda caçava melhor do que eu! – divertiu-se Oxóssi, exibindo a codorna ainda viva a espernear em suas mãos.

– Nas nossas caçadas, eu costumava encurralar codornas e preás para que Oxóssi os pegasse ainda vivos.

– Era só escolher um lugar sem saída e ficar esperando. Quando Ogum gritava, espantava o bicho naquela direção. E quando não havia mais por onde ir, eu o pegava com relativa facilidade.

– Também, eu fazia todo o trabalho difícil...

– Desde quando gritar é difícil? E você bem que tentou o contrário, mas sempre deixava os bichinhos escaparem. Confesse, eu sempre fui muito mais rápido do que você.

– Pelo menos em alguma coisa tinha que valer a pena ter esse bracinho fino! – replicou o irmão mais velho.

Os dois caíram novamente no riso diante da situação que fazia reviver seus tempos de infância. Tão logo compreenderam que não passava de uma briga encenada, os demais acompanharam as gargalhadas. Menos Oxum, que caminhava sem pressa na direção das águas revoltas do rio à sua frente.

A jovem deu passos lentos em direção da água e, sob os olhares perplexos dos outros, parecia que, quanto mais Oxum andava para dentro do seu leito, mais o rio se acalmava.

– Exu! – gritou Orunmilá apressado. Tome esta codorna e leve agora mesmo para o Orum. Carregue com você este porrete, que fiz especialmente para esta ocasião. Numa dessas noites na floresta, sonhei que Oxalá me mandava fabricar um desses e me ensinava a encantá-lo. O grande orixá pediu que lhe desse o objeto de presente e, usando a magia contida nele, você poderia se mover muito mais rápido nas suas viagens para o Orum. Agora vá. Encontre-nos em Ifé daqui a três dias, no máximo. Se não chegarmos a tempo, avise o rei sobre o que se passa e mande socorro. Corra.

Exu partiu sem pestanejar. O velho se voltou para o rio e correu para segurar a filha, que parecia enfeitiçada pelo movimento das águas.

– Calma, babá. Conheço bem este rio. Brincava aqui quando era criança, lembra? Sei que ele gosta de mim. Ele não me fará nenhum mal. Mas não sei se é seguro para todos nós. Se tivéssemos uma maneira de atravessá-lo sobre as águas...

Como num feitiço, um assovio veio de longe. Mais precisamente de dentro do rio. Do alto de uma canoa, aproximava-se uma pessoa estranha que acenava animada na direção do grupo. A princípio parecia um homem; depois, pareceu mulher. Ogum puxou sua espada e deu um passo à frente, pronto para atacar o estranho assim que se aproximasse da margem. Mas se acalmou quando Oxum pareceu reconhecer o homem da embarcação.

– Logun! Logun Edé! Meu amigo Logun!

– Oxum! Quanto tempo! Então a rainha dos rios voltou ao lar? Onde esteve esse tempo todo? – virou-se para os outros e reconheceu o velho Orunmilá. – Babá! Como vai? Muito tempo se passou desde a última vez que nos vimos, não é?

Orunmilá fez que sim, sem esconder a emoção por ver crescido o menino travesso que morava do outro lado do rio. Conhecia o rapaz desde criança e sabia que, se até ali Oxóssi e Ogum conheciam cada árvore daquela mata, a partir daquele trecho, ninguém saberia mais que Logun Edé.

Ele ainda era moço, mas sua voz serena impunha respeito. Não um respeito amedrontado como o de Ogum, mas sereno e carinhoso, fazendo que mesmo os mais velhos ouvissem seus conselhos. Na verdade, Logun tinha uma cabeça tão diferente quanto seu corpo, que às vezes parecia masculino, às vezes feminino. Convivia com o certo e o errado, com a regra e a contradição, com a paciência e compreensão, como um homem que viveu muitos anos para compreender os segredos do mundo. Por isso, desde sua tenra idade, tornou-se respeitado pela sabedoria única dos rios e das matas que só ele detém.

Tempos atrás, as crianças de Osogbo, como Oxum, e de Ipondá, como Logun, não tinham contato umas com as outras, pois o rio que separava as duas cidades era muito forte, e apenas os adultos tinham autorização para cruzá-lo. Mas essa regra não valia para os dois travessos que acabavam de se reencontrar depois de crescidos.

Do pai, caçador habilidoso, Logun aprendeu a ouvir a mata e a lidar com ela como se fosse uma irmã. Mas, quando não estava caçando, costumava acompanhar a mãe até o rio. Um dia, enquanto ela lavava as coisas da casa, Logun resolveu quebrar a proibição e mergulhar. Nadou tão fundo que a correnteza o levou e começou a afogá-lo. Uma menina que andava do outro lado da margem presenciou a cena e chamou os

pescadores. Ao salvá-lo, os donos dos barcos se afeiçoaram tanto à criança – meio menino, meio menina – que acabaram lhe ensinando a tomar o barco e cruzar as águas por conta própria.

Assim, Logun passava metade do seu tempo no rio, metade na mata. E se tornou o único caçador-pescador da região. O único dono de todos os segredos do lugar. Conhecia os dois lados do rio. Escondia-se de dia ou de noite. Andava pela água e pela terra. Entendia os homens e as mulheres. Logun Edé via os dois lados de tudo.

Já Oxum, por algum motivo que nunca se soube, jamais temeu o rio. Respeitava-o como se respeita um pai, nada mais. E quando conheceu aquele garoto diferente, que andava sozinho num barco de adultos, sem temer ou evitar o rio, entrou em sua canoa e, a partir desse dia, viveram tantas aventuras quanto puderam.

– O que faz aqui de volta, Oxum? Voltou para a terra dos seus ancestrais?

– Não, meu querido amigo. Estou com meu pai e alguns amigos em uma missão que nos foi dada pelo Orum. As Iá Mi estão tentando transformar o mundo num caos, e nós temos que impedi-las – disse com orgulho.

– Não sei o que elas fizeram, mas pelo olhar de vocês, deve ter sido algo muito sério. Só não sejam tão rigorosos nas suas opiniões. Garantilhes que as Iá Mi não querem fazer mal algum. Conheço-as bem. Elas são apenas mulheres muito poderosas e cheias de ideias sobre como o mundo deveria ser governado. Às vezes elas vêm até aqui conversar comigo. Sei que elas nunca concordaram com as regras e as histórias de Ifá ou com a influência do axé dos orixás do Orum sobre a vida dos homens do Aiê, por exemplo. Então não as julguem de todo. O que quer que tenham feito, não devem ter tido má intenção. Podem acreditar em mim.

Orunmilá entendia o que Logun dizia. Embora nenhum dos presentes soubesse, ele já havia sido casado com uma das Iá Mi. E a descrição do

“santo menino”, como era conhecido, novamente mereceu o tempo que tomou. Todavia, tinham uma missão a cumprir, e cada minuto perdido da caminhada poderia fazer falta no final. Orunmilá então tratou de mudar o rumo da conversa para algo mais prático e urgente:

– Meu jovem e sábio Logun, outra vez você faz valer a sua fama. Receba humildes cumprimentos desse velho babalaô. Mas agora temos que partir. Talvez você pudesse nos ajudar a atravessar o rio na sua canoa.

– Claro que sim. Mas o barco é pequeno. Só cabem dois de uma vez.

Puxando uma flecha de suas costas e a estirando na corda fina do arco, Oxóssi interrompeu:

– Então aproveito para me despedir daqui. Cumpri minha missão com Olodumare. É melhor voltar para casa. Minha mãe está doente, e prometi ajudar a cuidar dela. Mas antes, preciso fazer uma coisa.

Zap. A flecha correu para o meio do mato e nenhum ruído se ouviu. Percebendo que ninguém compreendera, o caçador explicou enquanto seguia de volta para casa:

– Eu nunca errei um alvo. Pois essa flecha acertará o coração do maldito ladrão que roubou a primeira codorna que cacei com Orunmilá. Adeus. Espero revê-los um dia.

No barco de Logun, atravessaram Ogum e Orunmilá. Depois Logun voltou para o outro lado e trouxe sua amiga Oxum. Logun se despediu de todos. Por último, deixou sua amiga de infância, em quem deu um abraço comprido e carinhoso; disseram coisas ao ouvido que ninguém mais conseguiu ouvir. Ogum interrompeu:

– Hora de acabar com essa bobagem e seguir adiante.

Andaram o resto da tarde e, ao cair do Sol, Oxum se preparava para a caminhada habitual ao lado de Ogum. Mas ele pareceu não se animar. Entendendo o que se passava, ela sentou na frente do guerreiro, segurou sua mão e convidou:

– Vamos conversar, seu bobo.

Andaram até uma clareira próxima e, vendo-se protegido dos olhares do pai da moça, Ogum começou a esbravejar.

– O que pensa que faz? Que pode me seduzir depois me tratar como qualquer um que se derrete diante de seus encantos? Como se fosse um fraco? Eu sou Ogum, um guerreiro com o peito forjado pelo ferro. E não vou admitir que uma mulher faça pouco de mim. Já cortei muitas cabeças por bem menos!

O general colocou sua mão na empunhadura da espada e, num movimento rápido, puxou-a da cintura. Mas o movimento foi interrompido. Com um simples passo à frente, Oxum se aproximou e passou as mãos em seu rosto.

– Não seja assim tão rude. Logun é apenas um amigo de infância. Quero a ele como um irmão. O que é bem diferente do que sinto quando penso em você.

– Ahn?

Diante da cara de bobo de Ogum, Oxum sorriu.

– É você que eu quero. Só você.

E, acariciando-lhe o rosto, ela o beijou. Ogum parecia sem reação. Queria se mexer – sentia seu corpo em chamas –, mas não conseguia. Sempre foi o líder de seus exércitos. Combateu sem medo hordas de bárbaros e guerreiros destemidos. Venceu a todos. Mas enquanto aquelas pequenas mãos deslizassem pelos desenhos do seu peito, aquela frágil mulher o dominaria por completo.

Os dedos delicados continuaram a se arrastar pelo seu corpo marcado pela guerra, arrancando calafrios que o soldado jamais sentira. E foi no meio de um desses arrepios que Oxum passou os lábios úmidos pelo rosto de um Ogum quase imóvel, não fosse o tremor que vez ou outra lhe desmascarava o aparente controle. Sentiu suas coxas se encostarem e os seios firmes tocarem a pele do guerreiro. Seu ventre queimava, mas era ele que primeiro deveria se subjugar.

Ela sentiu a temperatura subir e a respiração do oponente arquejar. Sabia que o tinha em suas mãos, o cheiro no ar declarava tudo. Sabia que o dominava como ele fizera com os exércitos inferiores ao seu. Segura de seu poder, enfim, sussurrou numa voz doce como o mel, o feitiço final:

– Você me quer?



O Sol terminou de cair, e seus corpos continuaram num movimento contínuo de entrelaçamento cadenciado. Deitados no chão, Ogum foi o dono dos movimentos rudes, Oxum foi a dona da ternura. Juntos eles se encantaram e viraram um. Sentiam que, a partir dali, nenhuma força da natureza poderia separá-los.

E, enquanto a Lua refletia no suor das jovens peles negras, Orunmilá fazia, mais uma vez, a súplica insistente. Segurou os búzios com as duas mãos, concentrou-se e soltou as 16 conchas. Surpresa. Depois de tanto tempo eles deixavam sua primeira mensagem.

– Ajuntamento de corpos, gozo, morte.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(19): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Lendo sua resposta, lembrei da maniçoba, um prato típico da região Norte, feito de carne cozida e folha de mandioca-brava. Conhece? Dizem que, se for cozida por menos de 24 horas, mata. Morte instantânea. De uma engolida só. Você come diante da perspectiva da morte, igual àquele baiacu tóxico japonês do livro do Verissimo. A verdade é que, embora a maniçoba não seja tão saborosa quanto o sashimi venenoso, a mística em torno dela – aquele suspense que faz a gente olhar o garfo duas vezes antes de colocar na boca – faz dela uma experiência igualmente especial. Afinal, quem não respeitaria uma garfada capaz de levá-lo para a cova?

Digo isso porque estou começando a entender o seu jogo. Você faz tanto suspense que parece uma maniçoba. A esta altura, imagino que esteja aí, sentado diante do computador, morrendo de rir do clima que causou com sua última declaração. “Não precisa dizer o que aconteceu dentro do lago. Eu já sei.” E eu pergunto daqui: Como assim “já sabe”?!

Pois, se já sabe mesmo, por que me obriga a contar tudo de novo? Faço a pergunta e já te dou a resposta: porque você quer saber a minha versão, correto? Pois então, pularei as descrições da programação da “TV Orum”. Só não venha depois reclamar que queria saber os detalhes “na minha própria versão”.

Falando em reclamar, ainda não acabei. Que suspense danado! Por que você não me conta logo pelo menos como sabe o que aconteceu? Já estou começando a desconfiar de que você não sabe é nada... Mas deixe estar. Uma hora desiste de me esconder as coisas ou de ouvir minha história. Vejamos quem cansa primeiro. Por ora, voltemos ao interrogatório.

Lembra que contei no e-mail anterior que acordei com a polícia na minha porta? Pois naquele dia, os caras me encheram o saco. Não só me levaram para a delegacia como queriam de qualquer forma que eu explicasse por que a carta do maluco dos iogurtes foi enviada para mim e não para o editor, que seria o caminho mais eficiente. “Não sei! Se entendesse de louco, não seria jornalista, seria psiquiatra!” Acho que eles se irritaram...

Entre uma resposta e outra, tentava descobrir o motivo daquele súbito interesse por mim. Demorei, mas consegui entender – um bom repórter sempre chega à informação que procura. Os policiais haviam prendido uma estranha quadrilha de assaltantes de carro, que foi entregue de presente na porta da delegacia da Vila Nova: os sujeitos estavam amarrados, amordaçados, encapuzados e com um bilhete preso na camisa de um deles dizendo:

Estes são os delinquentes que sequestraram o jornalista do Jornal de São Paulo. Divirtam-se.

Os bandidos contaram que foi o Figura que os mandou entregar lá. De pronto os três foram interrogados e, cada um numa sala, contaram a mesma história. Por isso, a polícia deu um certo crédito ao que diziam: um sujeito cujo apelido era Delegado, que eles nem chegaram a conhecer,

havia encomendado o sequestro. A primeira suspeita, naturalmente, caiu sobre o Zanato, mas, diante da facilidade que eu havia sido libertado – no dia seguinte, sem resgate e sem violência –, logo as atenções se voltaram para mim. Fiquei furioso com a hipótese, mas depois até entendi o raciocínio: 1) eu havia recebido uma carta anônima, sendo que meu editor seria um destinatário mais apropriado; 2) com a reportagem nas mãos, consegui um novo emprego e um salário significativamente maior; 3) após o jantar com meu acusado, um sequestro providencial que me afastou do caso e me transformou em herói exatamente durante as investigações; 4) uma libertação mal explicada, por ordens de uma mãe de santo da favela. Ou seja, eu tinha um certo motivo – mesmo que bizarro – para criar toda essa confusão, e havia estranhas coincidências que só me incriminavam ainda mais.

Eu também desconfiaria, confesso. Mas, embora não pudesse explicar que havia uns caras chamados “Eles” me protegendo de outro grupo chamado “Elas”, numa disputa pela minha ajuda numa outra dimensão, os policiais não tinham nada sólido contra mim. Apenas suposições.

Eu sabia disso, eles também. Mas eles não pareciam dispostos a me liberar de jeito nenhum. Só me deixaram ir quando liguei para o Gordo, o repórter do caderno policial que me entrevistou depois do sequestro. Ele chegou na delegacia, com fotógrafo e tudo, fazendo uma algazarra, querendo saber por que eles estavam me pressionando daquele jeito. Impressionante como até a polícia tem medo de jornalista. Com câmera na mão, então... Mas claro que os sujeitos não me deixariam ir embora sem antes ameaçar: “Estamos de olho em você, hein, bonito!”.

O próprio Gordo, conhecido assim na redação apesar de ter sido batizado João Fernandes, me deu carona para o *Jornal*. Ele parecia tenso com os boatos de que poderia haver demissões naquela tarde. A origem da história não era totalmente infundada: uma das secretárias da diretoria executiva havia convocado todos os editores para uma reunião com o diretor de redação pouco depois do fechamento da edição.

Assim que cheguei, fui direto ver se a Duda sabia de mais alguma coisa. Mas ela não parecia nem um pouco interessada na reunião dos editores. “Você está bem? Estava tão preocupada...”

Confesso que fiquei lisonjeado. Mesmo com a foice da demissão bem perto do pescoço, ela estava preocupada comigo. Na hora, imaginei que era apenas por causa daquela manhã na delegacia (mulheres, mesmo jornalistas, têm pavor de distritos policiais) e não me preocupei por mais tempo. Não tinha sido uma manhã de sonhos, mas também não foi um pesadelo tão grande assim para ela ficar daquele jeito. Marcamos de almoçar para conversar com calma e fui para minha mesa verificar a correspondência.

Não que estivesse esperando algo especial. Mas, com o tempo, a gente acaba desenvolvendo uma certa compulsão por verificar a caixa de e-mails. O que eu não esperava é que houvesse algo bem mais antiquado me aguardando sobre a mesa.

Era uma carta anônima, impressa no computador e assinada do lado de fora do envelope por um sujeito que se autodenominava Delegado.

Eu não havia falado sobre esse nome para ninguém, a não ser para a polícia. Além disso, o envelope havia sido postado na véspera, o que descartava totalmente a hipótese de aquilo ser algum tipo de sacanagem de um espírito de porco dali da redação. Ou era uma coincidência improvável ou um contato macabro com meu adorável anfitrião.

A mensagem não tinha aquele charme das letrinhas recortadas, mas possuía o mesmo teor simbólico. Pelas falhas de impressão, dava para perceber que se tratava do mesmo lunático que me procurou no *Diário*, ou seja, o Delegado e o maluco dos iogurtes pareciam ser a mesma pessoa! Dessa vez, ele havia colocado apenas um pedaço do mapa da cidade de São Paulo com lugares marcados com um xis: Morumbi, Campo Belo, Pinheiros, Moema. Tirando Moema, que ficava bem no centro do círculo que ligava as outras marcas, aqueles eram exatamente os lugares onde haviam sido encontradas vítimas do iogurte envenenado.

O canalha queria brincar de polícia e ladrão, pensei imediatamente, me sentindo o próprio detetive de filme. Guardei a carta e decidi que não contaria para ninguém, pois não me agradava a ideia de passar mais algumas horas naquela delegacia suja. Não contei nem para Duda. Quando ela insistiu para que fôssemos almoçar juntos, portanto, tentei escapar de todo o jeito. Mas você já teve de fugir de uma pessoa precisando desesperadamente conversar?

Para minha surpresa, ela não tocou nos assuntos polícia, carta ou iogurte durante todo o almoço. Sua aflição era outra:

– Eu tirei as cartas ontem. Saíram umas coisas estranhas de novo.

Nunca havia acreditado nessas adivinhações da Duda, já disse, mas as circunstâncias haviam abalado muito minhas crenças (ou descrenças) mais enraizadas. Além do mais, ela me parecia muito segura do que estava dizendo, então resolvi escutar.

As cartas avisavam que algo muito ruim estava para acontecer: “O inimigo está chegando”. Não pude deixar de ser sarcástico e desdenhar mais essa premonição. O único risco que corríamos era o de sermos demitidos. E, para saber isso, eu não precisaria me consultar com dona Adair outra vez. Era só esperar a reunião dos editores no final daquela tarde.

Maldita boca!

Às seis e meia da tarde, saíram todos os editores da sala de vidro em que aconteciam as reuniões de pauta. Cada um reuniu sua equipe, e vieram as más notícias. Haveria mesmo demissões, pois a empresa precisava cortar custos para enfrentar a concorrência e as turbulências do mercado: diminuição dos investimentos publicitários, aumento no custo de máquinas, tinta e, principalmente, papel, sem o qual nenhum jornal tradicional sobrevive.

“É duro para nós, mas precisamos salvar o *Jornal*”, declarou Fred, claramente desconfortável com a notícia que trazia. Naquele momento, várias pessoas estavam sendo demitidas ao mesmo tempo. E, na nossa equipe, a escolha do Fred foi a Duda, a única vítima do nosso caderno.

Contrariando a minha interpretação do jogo de tarô que a Duda havia feito, segundo a qual um perigo *nos* aguardava, ela foi demitida, e eu não. Numa situação normal, já a teria sacaneado com um “não te falei que esse seu tarô é ruim?”. Dessa vez, seria mais desumano do que mesmo eu me permitiria.

Pelo que pude entender ao longo daquele dia, e confirmar algumas semanas depois, naquela manhã um grupo de investidores havia feito uma primeira oferta de compra de uma gorda participação no *Jornal*, mas ainda iria investigar se a empresa seria capaz de cumprir rigorosamente todas as suas metas antes de fechar qualquer negócio. O que a direção executiva fez? Apelou de imediato para a “aspirina dos administradores de empresa”: meu velho conhecido corte vertical.

Tenho de confessar, todavia, que fiquei aliviado. Por mais que tenha sentido o sofrimento da minha amiga, pelo menos eu, dessa vez, havia escapado. E, considerando que eu era o mais novo no time, a vítima mais provável não era outra. Quem sabe o contato com os orixás não estaria me trazendo uma nova maré de sorte?

Com ou sem maré, com ou sem orixá, decidi que se eles me chamassem naquela noite para mais uma viagem àquela planície astral, eu não estaria disponível. Tinha o dever moral de consolar minha amiga. Eles teriam de compreender, não acha?

Axé,

New

São Paulo, 30 de junho de 2001.

OFERENDA

– Sua filha agora me pertence.

Orunmilá ouviu sem surpresa a declaração franca de Ogum. O casal voltou ao acampamento pela manhã, e o sorriso dos dois apenas confirmava a adivinhação da noite anterior. O velho babalaô não compreendia como poderia ter recebido uma orientação, diante do rapto dos odus, mas achou por bem respeitar o que lhe fora dito.

A questão agora era simples: poderia separar o casal, uma solução mais segura, ou remediar a situação, o que poderia ser muito perigoso. Resolveu tentar o caminho mais confiável, embora soubesse que tanto sua filha, que conhecia como a si mesmo, quanto o jovem general que aprendera a respeitar nos últimos dias, não mudariam sua posição.

– Vocês não podem se casar. Ontem me foi feita uma revelação. Não sei como os búzios puderam me indicar um caminho com os odus raptados, mas o fato é que eles falaram. E me disseram que a união de vocês só trará desgraça. Vocês são jovens e decidem tudo com base no coração, mas pensem um pouco. Não deixem de ouvir esse velho babalaô.

– Meu sogro, você sabe bem que respeitei sua sabedoria desde o princípio, mas não posso atender ao seu pedido. Nós decidimos que ficaremos juntos para sempre e nada mudará o curso dessa história. Não há deus ou homem capaz de nos separar. E você verá isso.

– Pai, há anos eu acompanho suas adivinhações. Foi você mesmo quem disse que a interpretação correta dos caminhos indicados pelos odus depende do babalaô. Não que esteja duvidando da sua sabedoria, mas desde que nossa missão começou, você tem se comportado mais como um pai do

que como um líder em relação a mim. Será que isso não o estaria influenciando? Acho que deveria refletir um pouco mais...

– Oxum, minha filha. Ogum, meu filho. Eu sei bem o que estou falando. Porém, entendo o sentimento de vocês. Saibam que eu também já fui jovem, sujeito ao mesmo tipo de paixão que vocês vivem hoje. Vocês são adultos, donos de suas cabeças e seus corpos. Portanto, não tenho como liderar seus corações. Só peço que me escutem.

Ogum e Oxum ouviam tudo em profundo silêncio. Sabiam de antemão que o pai da menina seria contra, mas não esperavam um motivo tão contundente quanto uma orientação explícita da tábuca de Ifá. E, embora suas declarações tenham parecido seguras, ambos temiam pelo que poderia acontecer. Mas agora parecia muito tarde para voltar atrás.

O babalaô se calou. Pensou calmamente por alguns minutos enquanto caminhava em torno do ansioso casal. A sentença veio logo após uma profunda inspiração seguida de uma expiração tão intensa que fez levantar a terra ao seu redor. Oxum sabia que aquilo significava uma decisão.

– Agora que meus instrumentos voltaram a falar, posso outra vez saber não só o que está acontecendo como também as oferendas necessárias para resolver a situação. E se vocês pretendem de fato levar essa história adiante, sugiro que, em nome da união de vocês e do sucesso dessa empreitada, seja feito um sacrifício. Mas vocês, e não eu, deverão levar a oferenda aos deuses.

– Faremos o que o senhor mandar, babá – concordou rápido o general.

– Pois saiam já pela floresta e me tragam de volta dois preás, dois peixes assados, um punhado de jenipapo verde e um pedaço do couro de um búfalo. Mas não demorem. Corram o quanto puderem. Vou ficar aqui preparando um assentamento para fazer a oferenda.



Graças à infância de aventuras com o amigo Logun Edé, Oxum aprendera a se virar daquele lado do rio. Foi ela, portanto, que tomou a iniciativa.

– Naquele lado da floresta, os leopardos levam seus filhotes para aprender a caçar, porque é habitado por pequenos roedores. Vá até lá e capture os dois preás. Logo ali para cima fica um trecho do rio em que os pescadores saem antes do nascer do Sol e voltam ao entardecer. Vou até lá ver se consigo algum peixe. Mais tarde, encontre-me embaixo daquela árvore com os galhos retorcidos no alto daquela elevação. Dali, partiremos juntos e lhe mostrarei onde os búfalos se reúnem para descansar. No caminho de volta, catamos os jenipapos que encontrarmos, pois eles são razoavelmente abundantes nessa região.

– Encontro você lá. Mas tome cuidado, pois o alerta de seu pai me pareceu grave. E até concretizarmos a oferenda, estamos totalmente desprotegidos.

Saíram os dois nas direções indicadas por Oxum. Ela atrás dos peixes, ele em busca dos preás. Sabiam que deveriam correr, porém ter cautela em cada passo. Durante todo o caminho, por mais pressa que tivessem, a mensagem dos odus não lhes saía da cabeça.

Oxum pegou um atalho que só ela conhecia e logo chegou ao leito do rio. Diante da sua presença, as águas turbulentas ficaram mais calmas, assim como havia acontecido quando as atravessaram na canoa de Logun Edé.

Esse era um segredo só seu, que não contava para ninguém, pois sabia que os homens a buscariam na tentativa de controlar seu poder. E Oxum era vaidosa demais para isso. Estava disposta a compartilhar de seus estranhos poderes com um grande amor, mas sempre desejou que um homem se deitasse aos seus pés por causa da sua beleza.

O segredo de Oxum nem ela mesma conhecia direito. Sabia que águas revoltas sempre acalmavam quando ela chegava; que o rio parecia gostar de

lamber sua pele e, por mais de uma vez, ela sentiu que os peixes eram enviados para saudá-la. Mas como jamais havia precisado de nada disso, nunca se preocupou em controlar esse dom, muito menos em utilizá-lo para alguma coisa que não fosse uma brincadeira solitária no fim da tarde.

Mas, se havia uma hora em que precisava daquela competência, era aquela. Achou estranho Ogum acreditar na história sem pé nem cabeça de que preás habitavam um lugar específico da mesma floresta. Mas ele havia aceitado aquela versão, e isso a deixara sozinha com o rio. Diante do leito agora pacífico, Oxum caminhou pelas margens de seixos e mergulhou. No fundo, abriu os olhos e pensou no que fora fazer ali. No mesmo instante, peixes de todas as cores e tipos se aproximaram da dona do rio. Quando se levantou para tomar fôlego, os peixes repetiram seu gesto e pulularam para fora da água como se estivessem em festa. Oxum se encantou com a dança e experimentou mais um movimento: sem pressa caminhou pelos seixos até estar em terra firme. Quando parou, sentiu algo encostar em seu pé e olhou para baixo. Um peixe parecia tê-la acompanhado até ali.

Voltou-se para o rio e assistiu a outras dezenas deles saltando para a margem, como se tivessem entendido seu pedido. Mas Oxum só precisava de dois deles. Escolheu aqueles que mais agradariam aos deuses e pegou-os no colo. Com uma mesura, agradeceu ao rio e deu dois passos para trás. Imediatamente, as águas retomaram sua velocidade e, num movimento rápido, lambeiram a margem, trazendo seus peixes de volta.

Tão encantada ficou Oxum que demorou horas até que conseguisse parar de contemplar o rio. Até então, a relação com aquelas águas não passava de pequenos e divertidos truques de menina. Mas agora começava a descobrir que aquilo poderia tomar dimensões muito maiores.



Ogum já se preocupava com a rapidez com que o Sol se punha quando viu Oxum chegar ao lugar combinado, no alto do pequeno morro. Ele tinha

dois pequenos preás espetados num galho pontudo e um punhado de jenipapos presos à cintura, e se levantou para saudar sua nova esposa.

Um longo beijo quase quebrou a determinação de salvar suas próprias vidas. Mas diante da lembrança da voz do velho adivinho, romperam o torpor de seus próprios corpos e avistaram a manada.

– Bem ali. Dentro de pouco tempo, os búfalos devem passar por aquela planície para pastar e descansar. Precisamos tomar cuidado, pois é comum que grupos de leas também procurem essas mesmas manadas por aqui.

Ogum já não era um grande caçador. Desde que ensinara ao irmão a arte da caça e percebera que as habilidades dele eram naturalmente superiores à sua, pôde se dedicar por completo à verdadeira paixão: a guerra. A forja era a única atividade que ainda o ocupava entre uma batalha e outra, até porque o ferro era responsável por tantas batalhas quanto fora sua força e determinação. Mas era preciso mais do que isso para abater um búfalo. Mesmo assim, não poderia decepcionar sua esposa no primeiro dia como casal.

Desceram e se mantiveram à sombra da árvore mais frondosa que encontraram. E ali ficaram até que o som dos cascos da manada se fez ouvir.

O ruído alto indicava um grupo grande. Os pássaros em revoada identificaram a direção de onde vinham. O casal se levantou, e Ogum, cedendo ao instinto, empunhou sua espada.

Ao chegar à clareira, no entanto, o grupo lhes pareceu dócil. Ogum olhou para cada um dos búfalos: reconheceu os mais velhos, os mais fracos e os líderes do bando. Ainda se lembrava desse treinamento. Levantou sua espada e, num brado de guerra, avançou sobre o lado onde, tudo indicava, estavam os mais velhos do grupo. Imediatamente eles correram para longe e, retomada a distância inicial, voltaram a pastar como se nada tivesse acontecido.

Repetiu o ataque, e os animais de novo se afastaram sem lhe dar muita importância. Ogum olhou para trás e viu sua esposa contorcendo-se de rir sob a grande árvore. Ele mesmo forçou-se acompanhar a gargalhada, como se tivesse feito aquilo para entretê-la. Diante do riso de Oxum, traçou outro plano.

Ogum havia se esquecido da lição que ele mesmo ensinara ao irmão: “Silêncio é a melhor arma do caçador. E surpresa, a melhor armadilha para a presa”. Tantas vezes dissera isso e agora ele mesmo tratava aquele bando de bestas como se fosse uma codorna.

A manada permanecia coesa, e isso dificultaria bastante a ação. Todavia, uma búfala de porte médio pastava sossegada fora do perímetro do grupo. Longe o suficiente para permitir uma aproximação despercebida e um ataque surpresa pelos flancos. Percebendo isso, Ogum se abaixou com cuidado e devagar e, detrás de um arbusto que o deixava contra o vento em relação ao inimigo, observou-o com calma.

O animal permanecia praticamente imóvel; ele começou a avançar, colado ao chão. Mas, de repente, o vento mudou. E no mesmo instante os olhos amarelos da búfala cruzaram-se com o de Ogum.

A essa altura, o general já se encontrava longe de qualquer lugar em que pudesse se proteger. Levantou-se e procurou um lugar menos vulnerável. Mas, antes que pudesse tomar qualquer decisão, os chifres do inimigo já disparavam em sua direção. Ogum esperou imóvel.

O búfalo corria em disparada. A expressão furiosa do animal deixava claro que aquele não seria um combate qualquer. E quanto mais se aproximava, mais tensos se tornavam os olhares de ambos.

A poucos metros de sua vítima, o búfalo desceu a cabeça, preparando uma chifrada mortal. Ogum esperou. E quando já podia sentir o hálito úmido tocar seu corpo, saltou para a direita.

Rolando no chão, chegou a sentir o rabo do animal roçar seu pé direito. E ao se erguer, não enxergava nada, tão forte era a nuvem de poeira que o

cercava.

Mas, tão logo pôde ver através da terra levantada, percebeu seu oponente fitando-o com fúria ainda maior. Novamente, esperou até o último segundo antes de saltar. Mas, dessa vez, num gesto de incrível habilidade, girou no chão sobre os próprios ombros e, ainda com a espada em punho, correu na direção de Oxum.

Ele tinha algum tempo de vantagem até que o animal percebesse que não o atingira e conseguisse frear sua corrida, preparando-se para persegui-lo na direção oposta. Mas isso não lhe daria mais do que alguns segundos.

– Suba! – gritou Ogum, apontando para a árvore.

– O quê?

– A árvore! Suba na árvore – bradou desesperado.

Oxum entendeu a ordem e de imediato se lançou sobre o tronco. “Oito metros”, calculou Ogum, que chegou a tempo de ajudá-la a subir, mas, ao olhar para trás, notou que a búfala estava muito mais perto do que imaginava. Nesse exato momento ouviu um estalo... Trac! E um grito de mulher. Não precisava nem olhar para saber que o galho de Oxum havia partido.

“Quatro metros.” Já não dava tempo de nenhum dos dois subirem. O animal estava a poucos metros deles. O guerreiro pensou ter visto um sorriso sádico no rosto da besta que se aproximava. E, diante da iminência do encontro, viu sua vida passar diante de seus olhos.

“Dois metros.” Sabia que ainda não haviam completado o ebó. Mas, ainda assim, permaneceu com a espada em punho, aguardando a chegada do golpe final.

“Um metro.” Entre a árvore e o marido, Oxum gritou de pavor. Ogum viu a si próprio dizendo para o pequeno irmão que jamais atacasse um búfalo solitário, pois eles imediatamente se transformavam de animais dóceis em bestas furiosas. Lembrou-se da noite anterior e dos carinhos de

Oxum e decidiu que não a abandonaria. E ouviu com perfeita nitidez as palavras de Orunmilá: “Ajuntamento de corpos, gozo, morte”.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(21): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Sei que faz algum tempo que não nos comunicamos. Muitas coisas aconteceram nesses dias e acabei ficando “fora de circulação”. Mas, no meio de tanta correria, encontrei o livro sobre hinduísmo que você me indicou. Foi por isso também que demorei para escrever. Fiquei grudado nele, o que, de certa forma, substituiu nosso diálogo na minha busca por uma resposta. Portanto, não fique magoado comigo. Como foi você mesmo quem me recomendou a leitura, pode considerar esse sumiço parte da nossa relação.

Passei boa parte desse tempo tentando estabelecer uma comparação entre as explicações sobre viagem astral que estão no livro e o que aconteceu comigo. Mas quanto mais penso, pior fica. E se tudo não passou de uma alucinação? E as outras pessoas envolvidas, existiam ou eram só parte do meu próprio sonho? No final, acabei achando que você estava mesmo era zombando da minha cara e que havia indicado aquele livro muito mais para me confundir do que para me ajudar. Se isso é verdade, desista. Você não vai me enrolar tão fácil.

Voltemos à nossa história.

Na minha última mensagem, falávamos do dia em que Duda saiu do *Jornal*. Achei que ela merecia uma atenção especial, pois, por mais que eu não tivesse culpa daquela demissão, me senti aliviado por não ter sido eu. O antídoto para todo aquele baixo-astral? Uma receita infalível: uma noite carinhosa na minha casa e um jantar estrelado pelo fettuccine Alfredo da minha avó italiana. Esse é de comer rezando... Creme de leite fresco e manteiga, salgados em banho-maria apenas com um bom pedaço de parmesão ralado na hora, e despejado da panela sobre uma porção generosa do fettuccine cozido *al dente*. É do santo caralho voador! Experimente e me diga se não é. Caso um dia você precise impressionar uma mulher, esse é o prato. Mas faça suspense: diga que é uma receita que só pode ser feita uma vez por ano ou algo do gênero. Sempre funciona. A vítima não terá chance alguma. É praticamente certo que ela cairá nos seus braços. Coisas da natureza.

Estávamos no fettuccine e com a Maria Eduarda, não é mesmo? Passei a noite com ela e, conforme havia planejado, procurei ser muito mais carinhoso do que de costume. Quando o despertador tocou, em ponto às oito da manhã, eu o desliguei antes que ela pudesse ouvi-lo. Passei alguns segundos apreciando o corpo e os cabelos dela, numa certa nostalgia de quem sabia que, voltando a trabalhar longe um do outro, acabaríamos nos afastando mais uma vez. Uma pena, pois ela tinha um dos corpos mais lindos que eu já havia tocado, e nós tínhamos uma combinação química que, só de lembrar, sinto minha temperatura subir. Era só nos encostarmos que tudo parecia explodir.

No mais absoluto silêncio, me arrumei e deixei um bilhete antes de ir embora.

Tive de ir para o Jornal. Fique o quanto quiser. Nos falamos depois.

P.S.: Adorei a noite.

Quando cheguei ao trabalho, mais encrenca. Os policiais já haviam ligado duas vezes e deixado dois recados desaforados na caixa postal. Quando retornei a ligação, felizmente eles já haviam saído. Mesmo assim, resolvi me precaver. Tinha um trunfo nas mãos e, se havia uma boa hora para utilizá-lo, era aquela.

No dia seguinte, o *Jornal* estampou uma matéria sobre as suspeitas da autoria do meu sequestro, com perfil psicológico dos bandidos, reconstituição da libertação e uma entrevista com o oficial responsável pela investigação a respeito do que se sabia sobre o homem que encomendou o trabalho. Tudo muito bem combinado com o Gordo, que escreveu cada linha do jeito que eu havia pedido, pois não era todo dia que ele recebia de mãos beijadas um material tão rico e exclusivo.

Ainda na mesma edição, assinei uma matéria que contava como as investigações sobre os crimes do iogurte e a possível tentativa de calar a imprensa por meio da violência de alguma forma implicavam o sr. Antônio Zanato, principal envolvido do escândalo. Com uma repercussão dupla como essa, a opinião pública acabaria pressionando a polícia a procurar pistas e evidências em outro lugar. E assim me deixariam em paz.

A visibilidade que o *Jornal* me dava também me protegia. Essa era a verdade. Se um policial buldogue babava só de pensar em prender um jornalista famoso, o chefe dele também tremia ao pensar em ser atropelado com denúncias sobre truculência policial que sabia muito bem que eu poderia criar. Pensei nos orixás que pareciam estar me protegendo e agradei por terem mantido meu emprego. Sem ele, seria uma presa fácil. E, considerando o número de inimigos que vinha formando nos últimos dias, eu precisava manter meu emprego a qualquer custo.

Só que, se por um lado a matéria publicada serviu como um aviso contra o excesso de ânimo dos policiais, teve também alguns efeitos colaterais. Assim que cheguei em casa, duas mensagens me esperavam. Uma delas era da Duda, agradecendo a noite, o jantar e o carinho. A outra era uma caixa de papelão com o nome do remetente escrito à mão: Delegado. Ele mesmo!

Abri a caixa excitado como um adolescente e fiquei ainda mais eufórico quando vi o que tinha dentro: uma seringa de aplicar insulina, daquelas com a agulha bem fina, e um pequeno frasco com um líquido esbranquiçado. Saí dali direto para um laboratório onde já havia feito uma entrevista e pedi que eles me ajudassem a descobrir que substância era aquela. Eles pediram 24 horas para responder e, mesmo com toda a minha insistência, foi tudo que puderam me dizer naquele fim de tarde.

O dia seguinte, portanto, foi praticamente insuportável. Confesso que só consegui trabalhar porque o número de releases que recebia era tão grande que dava para encher quantas pautas eu precisasse sem pensar muito. Em tese, não precisaria sair da cadeira nos próximos dois meses e, mesmo assim, todos os meus espaços seriam preenchidos. Mas não era esse meu estilo. Eu gosto da profissão e sou bom nisso. Normalmente tinha mais o que fazer do que ficar requeitando o material que lotava minha caixa de e-mail.

Mas, naquela situação, tudo que podia fazer era esperar. E o material das assessorias de imprensa me ajudava a matar o tempo até que o resultado do teste ficasse pronto. Só consegui me conter até duas horas antes do horário marcado. Saí sem avisar para onde ia. Devido a um belíssimo engarrafamento, cheguei uma hora depois do combinado, mas o laudo, graças a Deus, já estava pronto.

O tal líquido branco no interior do frasco era iogurte (como eu não havia desconfiado!?), misturado com uma substância líquida que eles não haviam identificado. Parecia uma mistura de duas substâncias diferentes, diluídas em uma terceira, que impossibilitava a leitura da fórmula. Algo como um dissimulador químico, conforme explicou o técnico responsável pela análise. Para descobrir o que era, teria que realizar uma pesquisa mais aprofundada e muito mais cara. Mas uma coisa era certa: quem quer que tenha feito isso, tinha acesso, pela técnica ou pelo dinheiro, a um repertório químico incrível. Não se tratava de um maluco qualquer que injetava veneno de rato no iogurte das crianças do bairro.

Outra coisa que eu sabia era que, com meu salário, não conseguiria bancar essa nova pesquisa. Precisaria que o *Jornal* pagasse as despesas. Assim, voltei para casa pensando na melhor maneira de, no dia seguinte, convencer meu chefe a investir um bom dinheiro do nosso minguado orçamento para tentar descobrir que substância era aquela e que tipo de veneno havia sido usado. Mas, antes disso, havia mais uma pergunta que precisava responder: mesmo que a agulha da seringa de insulina seja muito fina, ainda sim era estranho que ninguém tivesse reclamado, nesse período, de uma embalagem corrompida. Como o Delegado havia feito para que nenhuma das vítimas percebesse? Ou para que nenhuma delas divulgasse?

Talvez a polícia estivesse investigando isso. Quem sabe até já soubessem a forma como o lunático furou as embalagens e até mesmo o tipo de veneno que matou as vítimas. Mas, se eu corresse, poderia publicar antes que eles resolvessem divulgar a história oficialmente.

Meu sangue estava voltando a ferver e, entre o laboratório e minha casa, parei num supermercado e comprei uma caixa da marca de iogurte que havia sido contaminada. Nada como estudar o crime com a própria arma nas mãos.

Mas meus planos foram interrompidos por uma ligação inesperada e um convite ainda mais estranho. Não eram sete e meia da noite, eu me lembro bem, e o Fred me fez um convite misterioso para jantar. Um daqueles convites que mais parecem uma convocação, pois acho que não poderia ter recusado. Deveria encontrá-lo numa casa nos Jardins que eu não tinha a menor ideia de quem era o dono. Às nove e meia da noite.

No horário marcado, toquei a campainha.

Axé,
New

São Paulo, 4 de julho de 2001.

SANGUE GUERREIRO

Novamente Ogum sentiu o hálito do búfalo. Mas desta vez não sairia da frente. Não deixaria o animal atingir sua mulher, não sem tentar alguma coisa. Foi aí que um vento soprou. Soprou tão forte, que levantou toda a terra do lugar. Ogum chegou a achar que havia morrido e que seus ancestrais o haviam poupado da lembrança dos últimos segundos de sua vida.

Mas logo a poeira baixou e continuava tudo ali: a árvore que deveria tê-los protegido, sua mulher escondida atrás dele, a enorme pastagem e os búfalos. Todos, exceto a búfala que um segundo antes parecia pronta para matá-los.

Quando o último grão de poeira cedeu, uma mulher olhava-o com respeito. Ela era bonita. Não trazia joias nem enfeites. Apenas o cabelo delicadamente trançado jogado às costas. Empunhava escudo e lança como uma guerreira, mas seu olhar era, acima de tudo, maternal.

Ogum fechou os olhos e tornou a abri-los. O mesmo fez Oxum, que ainda recuperava as forças da perna. E a guerreira com olhar de mãe continuava à frente deles, zombando da confusão do casal, ao mesmo tempo que admirava sua coragem.

– Senhores, ando por estas matas há meses à procura de homens de fibra e coragem. Quando o vi me atacando pelas costas, achei que era mais um desses caçadores covardes, mas, logo na primeira investida, percebi que talvez não se tratasse de um homem comum. No meu último ataque, você não se moveu. Ficou imóvel protegendo sua mulher. Uma atitude louvável, digna dos grandes reis do passado. Não sei quem são ou o que fazem aqui, mas desde já peço desculpas pelos meus modos e coloco-me à disposição –

ao dizer isso, a guerreira dobrou um dos joelhos e prostrou-se diante de Ogum.

– Ma-Ma-Mas como assim? Onde está o búfalo com quem eu lutava? Como você apareceu aqui? Que vento foi aquele? – as perguntas de Ogum não pararam de brotar de sua boca assim que ele recuperou o fôlego.

– Eu sou o búfalo. Assim como sou vários outros animais. Tenho o dom de me disfarçar desde pequena. E, se querem saber, estava pronta para matar vocês dois. Só não o fiz porque não seria justo tirar deste mundo um homem tão nobre.

– Pois você morreria também, pode ter certeza – replicou Oxum irritada com tantas mesuras direcionadas a Ogum.

– Creio que sim, minha cara. E devo confessar que isso também influenciou minha decisão.

– Além de dissimulada, é covarde! E ainda ousa posar de guerreira na frente de um general tão famoso quanto meu marido Ogum? Que ousadia!

– Sinto muito se desrespeitei sua fama. Considere minha última decisão uma retirada da batalha, se quiserem. E ponha esta história no seu extenso rol de vitórias, general. Eu já ouvi algumas. Confesso que não o reconheci quando nos batemos neste campo. Sempre ouvi falar das suas roupas manchadas de sangue...

– Trouxe roupas limpas desta vez. Não queria entrar nas cidades causando medo nas pessoas. Além disso, vamos partir em grandes aventuras e não achei prudente que as histórias dos nossos feitos fossem contadas com personagens envoltos em sangue.

– Posso saber que missão é essa?

– Não – disse Oxum.

– Claro! – corrigiu Ogum. – Mas talvez seja melhor outra pessoa lhe explicar os detalhes. Quem sabe gostaria de se juntar a nós. Aliás, ainda não nos disse seu nome.

– Mil desculpas. Iansã é como costumam me chamar.



Como era de seu costume, Orunmilá explicou tranquilo toda a história do rapto dos odus e, em seguida, escutou a convidada sem dar uma palavra. Ouviu Iansã contar sobre sua fuga do padrasto que tentou violentá-la e sobre como, na fuga desesperada, aprendeu a se disfarçar de qualquer coisa. Pedras, cachos de dendê, búfalos, elefantes... Contou suas batalhas e sobre como aprendera a dominar o vento e a causar tempestades.

– Babá, eu ofereço minhas armas, minha força e meus poderes para a delegação que lidera. Por favor, aceite-me como sua soldada – e deitou-se no chão à sua frente.

O babalaô, impressionado tanto com a história quanto com a demonstração de respeito, abaixou-se e segurou a mão da guerreira insinuando que se levantasse. Mas, antes que proferisse sua sentença, Oxum protestou. Chamou o pai e sussurrou-lhe ao ouvido.

– Essa mulher não é confiável, babá. É só olhar nos seus olhos! Como acreditar em uma pessoa que quase nos matou? Uma mulher que pode assumir qualquer forma? Como garantir que ela não é uma das Iá Mi disfarçada?

– Minha filha, nesses anos caminhando pelo mundo aprendi muita coisa, inclusive a identificar a presença de uma das mães ancestrais. Mas se você quer mesmo saber como garantir nossa segurança, eu lhe respondo... – retomando o tom normal, o adivinho se fez ouvir por todo o grupo – ...fazendo a oferenda que lhes encomendei. Onde estão os peixes, os preás, o jenipapo e o couro de búfalo que ordenei que trouxessem?

Ogum baixou a cabeça, decepcionado consigo mesmo, ao perceber que o fascínio pela jovem guerreira o fizera esquecer da oferenda. Mas Oxum, dona da situação, deu-se por satisfeita:

– Aqui estão os peixes. Os preás e o jenipapo estão naquele embrulho diante de Ogum. E o búfalo, em vez de trazer apenas um pedaço, trouxemos um inteiro – disse, apontando para Iansã.

Nem mesmo Orunmilá, que tanto conhecia a filha, esperava uma resposta como essa. E, desconcertado, olhou para a guerreira à sua frente.

Vendo-se no centro da discussão e percebendo que Oxum faria de tudo para evitá-la no grupo, Iansã levantou-se devagar e retirou da faixa amarrada ao tornozelo uma adaga de ouro. Olhou nos olhos de Ogum, de Orunmilá e parou em Oxum. Quando levantou o braço direito, que empunhava a lâmina dourada, todos esperaram o pior.

“Ajuntamento de corpos, gozo, morte”, lembraram-se todos na segunda vez que enfrentavam a fúria da guerreira búfala. Ogum foi o mais discreto que pôde ao dirigir sua mão para a espada que repousava no chão, ao seu lado. E, embora estivesse naquele momento às costas de Iansã, foi interrompido por ela com a mesma frieza com que ela fitara cada um dos presentes.

– Não vai precisar de sua espada, general.

O guerreiro congelou. E, sem tirar os olhos de sua adversária Oxum, Iansã completou:

– Estou aqui para ajudar na jornada de vocês, não para torná-la mais difícil.

Sem mover um músculo no rosto, e na frente de todos, cortou uma tira de pele do próprio braço. Segurou-a com a mão ensanguentada e entregou seu couro para Oxum.

– Pode fazer sua oferenda.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(23): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Assim como toda vez que comento minhas experiências gastronômicas eu revivo um pouco delas e até consigo apurar a sensação de prazer, contar minha história tem me ajudado a perceber o que aconteceu comigo nesse período confuso. Especialmente porque hoje, ao reler este e-mail antes de enviá-lo, percebi com muito mais clareza que, no exato momento em que achei que havia controlado a situação, foi quando fui mais manipulado. Manipulado de forma cruel. Tente compreender você mesmo.

O jantar para o qual eu havia sido convidado naquela ligação misteriosa do Fred era numa daquelas mansões quatrocentonas do Jardim América, com portão duplo de ferro e um brasão colorido. Seis seguranças me anunciaram da rua e indicaram o caminho por um jardim impecável que levava a um portal de mogno mais cheio de detalhes do que deveria. Um sujeito de branco, com cara de mordomo, abriu a porta e me levou até uma antessala onde duas pessoas fumavam charutos e bebiam conhaque em quatro poltronas largas, com as costas viradas para mim. A primeira voz reconheci de imediato: forte e grave daquele jeito, só poderia ser o Fred. A outra eu ainda não havia ouvido, mas quando a pessoa se levantou, imediatamente o reconheci: magro, alto e com seu conhecido olhar hipnótico, meu anfitrião era simplesmente o sr. Alfredo Amaral, mais conhecido como AA, o todo-poderoso sócio majoritário e diretor de redação do *Jornal*.

Minha perna tremeu. Aquela casa, os charutos, os seguranças... Nada daquilo me amedrontava. Já havia feito entrevistas com muita gente poderosa na minha vida. Mas ali não estava apenas na presença de alguém com muito dinheiro: estava com um dos homens mais influentes do país. Um sujeito conhecido por lendas que iam desde a quebra de megaconglomerados até a derrubada de ministros e governadores. Conta-se que o próprio presidente da República, cujo governo era alinhado à ideologia do *Jornal*, costumava ligar para ele antes de publicar medidas polêmicas.

Acima disso tudo, aquele era o homem a quem eu havia entregado minha alma. O dono do maior jornal do país. E, se eu não conseguia lidar muito bem com isso, ele parecia acostumado com reações como a minha. Percebendo que eu havia congelado embaixo do batente da antessala, veio até mim e me pegou pelo braço:

– Sente-se aqui, meu jovem. Gostei muito daquele furo sobre os iogurtes. Você recebeu os charutos que mandei?

Acho que estava tão nervoso que respondi só com a cabeça, sem dizer que sim nem que não, pois me lembro da expressão de riso do Fred e do AA. Ele mandou que o mordomo me servisse um conhaque para relaxar.

Funcionou, e, embora eu não me sentisse muito à vontade para bater papo com meus chefes, consegui pelo menos rir das piadas que eles contaram por pelo menos 20 minutos, enquanto

esperávamos pelo quarto e último convidado, que eu preferi não perguntar quem era.

Melhor assim, pois teria sido ainda pior se, quando o mordomo abriu pela última vez a porta do aposento, eu já soubesse que por todo aquele tempo estávamos esperando o Zanato. Isso mesmo! Lá estava eu, novamente num jantar com o próprio Antônio Zanato, meu recém-conquistado arqui-inimigo!

O constrangimento foi tanto que, para você ter uma ideia, eu nem lembro o que foi servido. Só sei que tinha camarão. Eis o assunto que motivou o encontro: estávamos ali reunidos para “fazer as pazes”, segundo o Fred, pois o Zanato havia mostrado ao AA alguns documentos confidenciais que comprovavam que ele e a empresa haviam feito tudo o que podiam para evitar o atentado.

“Tudo uma ova”, pensei. Mas não havia mais o que fazer. Eles haviam feito um acordo e estavam lá para me contar que, a partir daquele momento, eu teria de me desmentir publicamente. Ou, como o Fred afirmou, delicadamente contrariado, teríamos que corrigir as informações que demos ao público.

O encontro foi objetivo e, por isso, durou pouco. Após a sobremesa, fomos levados direto para a porta de saída, um de cada vez, sendo eu o primeiro, lógico. Lá dentro, eles finalizavam o acordo que garantia ao *Jornal* uma parcela gorda da recém-ampliada verba de marketing proveniente da empresa de Zanato. Foi só folhear o *Jornal* nas semanas seguintes e comprovar.

Ao lado dos anúncios coloridos de página dupla (quando não eram sequenciais de quatro ou seis páginas), novas matérias inocentavam todos que havíamos colocado na roda de suspeitos. O Gordo, compreendendo ainda menos do que eu, teve de publicar informações novas, apuradas diretamente pelo diretor do caderno policial (ou seja, vindas do AA), e eu gastei os dias seguintes inventando o que dizer para abafar o caso e livrar a cara do Zanato.

Aquilo não estava certo. Eu ali, cheio de vontade e de informação sobre o caso, obrigado a ficar calado. Se já estava queimado no *Diário*, não poderia criar problemas com o *Jornal*, ou estaria de uma vez por todas fora do mercado. Foi quando tive uma ideia. Era só ligar os pontos.

No dia seguinte, Maria Eduarda entrou na redação do *Diário* com o mesmo ar triunfante que eu exibía na minha primeira visita ao *Jornal*. Ela tinha nas mãos uma matéria-bomba sobre o caso dos iogurtes, com informações recebidas por e-mail de um sujeito que se autodenominava Delegado Misterioso, explicando como ele havia utilizado seringas finas para contaminar os iogurtes.

Pensei nisso quando vi a estagiária que substituiu a Duda comendo um iogurte na frente do computador – para fazer dieta e mostrar serviço de uma tacada só. Criar uma conta de Hotmail e enviar as informações que o tal Delegado havia me passado a respeito das seringas foi um pulo.

Funcionou melhor do que eu esperava. Com a matéria publicada e minha amiga novamente empregada (um alívio indescritível, por sinal), o maluco voltou a se empolgar com o reconhecimento. Dois dias depois, recebi um embrulho no trabalho, desta vez sem remetente do lado de fora, com potes de iogurtes fechados e um bilhete que dizia: “Se comer, morre. Se olhar com cuidado, entende. Seu amigo misterioso”.

Como eu havia dito, ele parecia ter gostado da fama. Ou não teria usado o mesmo adjetivo do endereço de e-mail que criei (primeiro tentei delegado@hotmail.com, mas a conta já estava registrada por alguém que provavelmente não tinha nada a ver com essa história). Só não sabia ainda

como ele havia descoberto isso, pois ela não colocou essa informação em nenhum lugar da reportagem. Li e reli algumas vezes, sem encontrar menção alguma ao adjetivo, pode ter certeza.

Antes que você pergunte, deixe-me explicar por que não disse que era eu quem estava enviando essa informação para a minha amiga. Foram vários motivos: 1) a Duda é dessas pessoas chatas de tão obcecadas pela ética, ela não aceitaria um furo saído do jornal concorrente; 2) se ela soubesse que era eu, poderia acabar deixando vaziar, sem querer, e meu nome ficaria ainda mais queimado no *Jornal*; 3) fazer parecer que o próprio autor do crime a procurou e deixaria muito mais confiante. Se funcionou comigo, funcionaria com ela.

Voltando ao embrulho e ao conteúdo dele, eu sabia o que ele queria mostrar: a forma da contaminação. Levei o pacote para casa e observei cada embalagem separadamente. Havia feito várias tentativas com embalagens e seringas novas, mas sempre deixei mais rastros do que seria razoável. Tentei furar a tampa metálica, mas quando o furo não ficava marcado por fora, era facilmente identificado quando se abria a embalagem. Então, tentei na parte plástica, mas continuei insatisfeito: se furasse muito embaixo, do orifício começava a escorrer uma água levemente viscosa, que faria com que o comprador devolvesse o produto na hora. Tentei a parte de cima, logo abaixo da dobra plástica em que se colava a tampa e realmente ficou quase imperceptível. Mas, quando tentei injetar qualquer coisa por esse ponto, ao abrir a embalagem ficava claro que algo estranho havia sido colocado sobre aquela crosta endurecida que se forma no alto do recipiente fechado de qualquer iogurte.

Depois de tantas tentativas anteriores e hipóteses frustradas, eu já tinha um roteiro para procurar a forma de contaminação no pacote enviado pelo Delegado. Olhei cada milímetro da tampa de papel metálico e da embalagem plástica. Não achei nada. Passei a ponta dos dedos, procurando alguma saliência ou um orifício mínimo e nada. Continuei sem entender. Então abri o primeiro e repeti a análise pelo lado de dentro – nenhum vestígio. O segundo, o terceiro... Na quarta embalagem, notei que ela não havia sido balançada, pois o papel metálico não estava sujo com o produto e a camada endurecida continuava lá, intacta. Foi então que notei, pelo lado de dentro, um furo minúsculo que, pelo lado de fora, coincidia com um dos pontos impressos da data de validade. Como a impressão é feita em cinza escuro, quase preto, o ponto marcado do orifício desaparecia. Peguei as primeiras embalagens e as lavei. O mesmo furo estava lá, no mesmo lugar, em cada uma delas.

O Delegado havia deixado de agitar uma das embalagens para ter certeza de que eu descobriria exatamente como ele havia praticado o crime. Talvez a polícia já soubesse de todos esses detalhes, mas isso ainda não havia sido publicado. Ou talvez não, pois o tempo que o incidente levou para chegar a público permitiria tranquilamente que todo o lixo das vítimas fosse jogado fora antes que pudesse ser examinado. De qualquer maneira, a reportagem seria muito bem-vinda pelo público. E, já que havia uma nova pessoa para cumprir essa missão, ela deveria ser avisada o quanto antes.

Como se tratava de veneno, no entanto, tratei de colocar tudo de volta na caixa, embalá-la com um saco plástico reforçado e lavar as mãos com todo o cuidado. Depois, entrei no quarto, liguei o computador e, enquanto o Windows iniciava, fui até a lixeira despejar o pacote antes que a faxineira resolvesse experimentar um dos iogurtes que eu não havia aberto. Uma vez que eu já sabia o que precisava, não havia por que correr esse risco.

Quando abri a porta de entrada e olhei em volta para me certificar de que não havia nada estranho nem ninguém por perto, ouvi o bipe indicando que o computador estava quase pronto para ser utilizado, seguido de um trovão ensurdecedor que ecoou pelas escadas por alguns segundos. Empurrei depressa a porta corta-fogo da escada, abri a caixa fedorenta da lixeira de uma só vez e despejei o saco azul pelo buraco. Só isso. Num instante eu estava de volta. E só explico em tantos detalhes para deixar claro que foi mesmo um período de tempo praticamente insignificante. Mesmo assim, na volta percebi que o segundo e-mail do Delegado Misterioso teria que ficar para outro dia.

Vindo não sei de onde, um feixe de palha estava pendurado outra vez na minha porta. Era hora de voltar ao Orum.

Axé,

New

São Paulo, 5 de julho de 2001.

O DIA DO TROVÃO

No dia seguinte, a chuva caía forte, e, quando acordaram, a nova integrante do grupo já não estava mais lá. Não demorou muito, porém, para que ela voltasse sorridente com um feixe de folhas amarrado ao local de onde tirara o pedaço de pele.

Ogum mal dormira durante a noite. A imagem corajosa de Iansã fez com que dedicasse a ela os pensamentos noturnos em meio aos carinhos trocados com Oxum. Levantara-se mais cedo do que de costume e improvisara uma pequena forja para sublimar, com trabalho, o desejo que crescia.

Só não esperava que em seguida a própria Iansã se juntasse a ele. Sorriram mutuamente antes que ela se sentasse diante do fogo. Assistindo ao general atizar a brasa, puxou conversa:

– Parece que Orunmilá preferiu guardar energias.

– Com esta chuva, a viagem ficará mais difícil. E, como estamos ainda um pouco adiantados, é melhor esperar.

– O que vai fazer aí?

– Uma espada. Para você. Uma guerreira tão habilidosa não pode andar sem sua própria espada.

– E como sabe que sou realmente habilidosa? Como sabe que não estava mentindo em todas aquelas histórias, como disse sua mulher?

Ogum parou de soprar o fogo e contemplou a beleza cínica de Iansã.

– Não a leve tão a sério. Oxum é jovem, fala coisas sem pensar. E eu vi a precisão do corte que você fez em seu próprio braço ontem à tarde. Quem convive com o fio de uma espada há tanto tempo quanto eu sabe avaliar um corte preciso, digno de um mestre da guerra, quando vê um diante de si.

Lisonjeada, Iansã ajoelhou-se frente à fogueira e soprou.

– Deixe que eu o ajudo. Faça a minha espada. Adoraria ter uma arma trabalhada por mãos tão poderosas.

Seus olhares se cruzaram através do fogo. O calor das brasas varreu seus corpos, mas nenhum dos dois se moveu. Aquela era uma batalha longa, para ser aproveitada um instante de cada vez, com toda cumplicidade possível.

– Era para ser surpresa – reclamou Ogum.

– Desculpe, não deveria ser tão intrometida.

– Não tem problema. Pelo menos agora você me fará companhia.

Iansã soprou de novo, achando graça do galanteio desajeitado. O fogo subiu quente e forte, mais intenso do que Ogum costumava ter na grande fogueira de sua oficina em Irê.

De longe, em meio aos trovões e ao som ritmado da chuva, ouvia-se o ritmo marcado da forja de Ogum. Pelo tempo de uma vida, eles conversaram sobre batalhas, guerras e caçadas. Ao longo de todo o dia, aproveitaram a ausência de Oxum, que fazia as oferendas a mando do pai, para se conhecerem. E quanto mais conversavam, mais se entendiam.



Oxum mal conseguia se concentrar ao fazer as oferendas que o pai mandara. Por todo o tempo, sua cabeça ficou no acampamento, pensando em uma maneira de expulsar aquela que, desde o primeiro momento, já poderia ser vista como sua rival. Guerreira valorosa, é verdade, pensou, mas todo aquele teatro de cortar a própria pele... Aquilo foi exagerado demais. Aposto que o fez só para impressionar. E pior, já não sabia se o alvo era mesmo seu pai ou seu marido. Sentiu o sangue ferver enquanto os trovões não paravam de gritar.

Terminada a oferenda, caminhou apressada para junto dos outros. Não tinha confiança no marido novo. E se ele resolvesse desposar Iansã

também? Ela não suportaria. Precisava encontrar uma maneira de eliminar a concorrente da disputa. Bradou ao Orum um pedido de ajuda – o pai lhe ensinara a verbalizar seus pedidos para que os orixás os ouvissem e pudessem atendê-los – e, em resposta, escutou outro trovão.

– Essa expressão preocupada não lhe cai bem, sabia? – perguntou de surpresa um homem que ouvira tudo sentado ao lado de uma árvore.

– Ah! Você me assustou! Quem é você? O que está fazendo aqui?

Ambos se estudaram. Sem dissimular, o jovem esquadrinhou as curvas da mulher à sua frente. Reparou nos detalhes de cada joia, de cada enfeite. Os seios firmes. Os quadris fartos. Olhou o rosto delicado, de boca larga e grossa aparando seus olhos pequenos que o observavam com interesse. Envaidecido, sorriu, e falou com sua voz de trovão.

– Não se assuste. Estou apenas à procura do grupo de que o povo tanto fala. Uma mulher linda – disse sorrindo – e três homens: um velho, um gigante e um guerreiro.

Oxum imediatamente percebeu a oportunidade que tinha diante de si. O homem era bonito, mais novo e não tão forte quanto o poderoso Ogum, mas com certeza mais sofisticado do que seu marido. Ele usava brincos nas orelhas e belas pulseiras nos braços, e seus cabelos eram trançados como os das mulheres. Mas nada daquilo lhe impunha feminilidade alguma. Pelo contrário, dava-lhe um ar bastante sedutor. Um charme que, acreditava ela, Iansã dificilmente resistiria.

– Obrigada pelo elogio. Eu devo ser essa mulher linda. O velho é meu pai, e o guerreiro é o meu marido. O gigante é o mensageiro de meu pai, mas ele não está conosco no momento. O que deseja?

O jovem se levantou e fez uma mesura.

– Antes de tudo, vou me apresentar. Sou Xangô, filho de Oranyan, soberano de Oyó. Deixei o reino de meu pai em busca de aventura há quase um ano. Estava passando por esta região a caminho da Festa dos Inhames,

em Ifê, e quando ouvi falar sobre a missão que vocês receberam do Orum, vim nesta direção.

– Talvez seja mesmo vontade do Orum que se junte a nós, pois se não fosse esta chuva, por um dia, não nos encontraria aqui.

– Não desisto fácil...

– Oxum.

– Pois é, não desisto fácil, Oxum. Iria atrás de vocês e acabaria encontrando o famoso grupo. As terras iorubás não são tão grandes assim para que alguém consiga se esconder de mim.



Perto do acampamento, Oxum e Xangô ouviam o martelar da forja de Ogum. O visitante se interessou pelo que acontecia sob aquela pedra que protegia da chuva um entretido casal.

– Aquele é o meu marido, Ogum. É um grande guerreiro. E aquela é Iansã. Ela é uma guerreira também. Acabou de se juntar ao grupo. Não tem família, coitada, só os filhos que não vê há muito tempo. Vive sozinha por estas florestas e resolvemos adotá-la.

– E o que seu marido está fazendo martelando sobre a pedra?

– Ele é ferreiro. Fabrica armas e ferramentas com um metal mais forte do que o trovão. Deve estar fazendo alguma pá ou facão para ajudar a abrir caminho.

– Interessante...

Xangô desviou os passos de modo a parar diante da forja. Oxum se aproximou de seu braço e segurou-o delicadamente assim que chegaram diante do marido.

– Agô, Ogum, meu marido. Queria lhe apresentar Xangô, príncipe de Oyó. Ele veio se juntar a nós. Diz ser um grande guerreiro e me pediu que o apresentasse ao meu pai.

– Oyó? – perguntou Ogum – Não me lembro de grandes guerreiros por lá – disse, enciumado.

– Oxum me falou de seu ofício de ferreiro. Espero ter oportunidade de observá-lo na forja nos próximos dias.

Xangô falava com Ogum, mas seus olhos repousaram sobre os ombros nus de Iansã. Como se percebesse, a guerreira olhou para trás e, de cara, encantou-se com o dono da voz profunda.

Satisfeita, Oxum puxou Xangô pelo braço e o levou em direção ao pai.

– Agô, babá?

– Aproxime-se, minha filha. Quem é o rapaz com você?

– Mais um guerreiro que deseja se juntar a nós.

– Sou Xangô, babá. Filho de Oranyan, o guerreiro de duas cores, rei de Oyó. Tenho andado por estas terras há meses à procura de aventuras nobres e experiências que me ajudem a me tornar um rei justo e honesto como meu pai. Ouvi falar de vocês pelo povo da cidade e tive certeza de que era aqui que deveria estar.

– Entendi.

Orunmilá não mudava seu modo de ser. Falava pouco. Esse era seu jeito. O babalaô se levantou e deu algumas voltas. Virou-se para o visitante e perguntou de uma só vez:

– E por que nós deveríamos aceitá-lo?

Xangô enfiou a mão na cabaça que levava ao peito, pegou uma pequena pedra e jogou-a na maior árvore ao seu alcance.

BUM! Um estrondo, e a árvore partiu ao meio.

– Por isso.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(25): Pedido de ajuda

Caro Laroîê,

Eu simplesmente nunca me acostumei. Nunca. Aquela era a segunda vez que visitava o Orum – e houve várias outras –, mas eu sempre me encantava ao mesmo tempo em que morria de medo. A sensação de ver meu corpo ficar para trás, ligado apenas por um cordão prateado colado à nuca... Impossível descrever tanta angústia.

Mas, se era preciso ir, eu iria. Desliguei o computador, tranquei a porta e passei por todo o processo de preparação. A alfazema, o banho de sal, o comprimido. Só não tinha as flores brancas, pois o convite surpresa não me deu chance de providenciá-las. Oxalá haveria de me perdoar por isso.

Como da outra vez, no estado de quase sono, enxerguei a luz azul assim que me separei do corpo e encontrei Oxalá com um sorriso nos lábios, sentado em minha cama. Era confortante que alguém conhecido fosse me buscar. Mas aquela seria a última vez que eu teria um guia para a travessia. A partir dali, me avisou Oxalá, teria de seguir sozinho. Sem mapa nem manual de instruções.

As explicações do orixá me deixavam cada vez mais confuso e ansioso. Como poderia fazer sentido eu sair de um mundo para outro sem saber o caminho? Como faria para me deslocar?

“Distância é uma interpretação”, disse ele. Segundo o orixá, todos os mundos, todos os tempos, acontecem simultaneamente, no mesmo lugar, só que em frequências diferentes. Um não percebe o outro porque vibram dentro de uma faixa exclusiva do mundo a que pertencem. Fazia algum sentido, ou melhor: não fazia, mas acho até que li algo a esse respeito no livro hindu que você me indicou. Mas ainda assim eu não conseguia chegar à única conclusão que precisava: como poderia viajar sozinho até o Orum?

Compreensivo, ele segurou minha mão e perguntou se eu ainda me lembrava de como era o local onde estivemos da outra vez. Claro que eu lembrava. Sem que eu respondesse, ele pediu que fechasse meus olhos e tentasse formar a ideia mais vívida que pudesse daquele lago entre as palmeiras gigantes. Obedeci. Incrível como a memória é mais aguçada naquele estado fora do corpo. Oxalá então apertou de leve minha mão e entendi que deveria abrir os olhos.

Foi como se continuasse com eles fechados, pois a imagem ao meu redor era exatamente o que eu estava pensando. Como se minhas pálpebras fossem transparentes e aquilo que achei que fosse apenas pensamento estivesse de fato acontecendo na minha volta.

Só que eu não tinha tempo de me vangloriar daquela descoberta mágica. Alguma coisa dentro de mim me dizia que a situação estava ruim e que eu precisava ter pressa. De repente, um ruído chamou minha atenção. O grande lago, os 16 bancos de pedra e os 15 homens estavam todos lá. E, como se Ifá pudesse colocar palavras na minha cabeça, senti que sem mim não poderiam começar. Estava na hora.

– Antes que você comece a se envaidecer, esta não é uma regra relacionada apenas a você – o mestre dos odus se virou para o centro do lago de forma que todos pudessem ouvir suas palavras.

– Os odus estão sempre juntos. Nenhum deles deixou de estar presente em uma de nossas reuniões. Por isso, enquanto um não chegar, os outros não vão falar com ninguém.

Resumindo, se um de nós faltasse, o adivinho que nos consultasse não receberia resposta. Exatamente como havia acontecido nos dias anteriores, antes de conseguirem nos levar – todos juntos – até lá. A única possibilidade de algum de nós não estar presente era se o odu original, que estávamos substituindo, fosse resgatado.

Ifá bateu palmas e no mesmo instante os tambores se calaram. Novamente as águas do lago começaram a formar imagens claras de um mundo que eu não conhecia. Em fragmentos que passavam de forma acelerada, via-se o caminho que o grupo percorrera até ali. Uma floresta, os novos integrantes. Uma festa, grande e divertida. Cinco guerreiros chegando na cidade. Pessoas aguardavam por alguma coisa ou alguém, não dava para distinguir. De repente, uma grande sombra cobriu seus rostos: os homens de Orunmilá olhavam para o alto, aterrorizados. Flechas cruzavam o céu, mas nada acertavam. Casas em chamas. Eu podia ver nos olhos de Orunmilá o fracasso e o medo. A dúvida e a responsabilidade de trazer uma solução. Ele parecia saber quem havia provocado tudo aquilo, mas não sabia como parar.

Eu também sentia medo e esperava que alguém ali sentisse algo mais poderoso e útil, que pudesse ajudar aqueles pobres homens. Todos tinham o mesmo olhar de pânico, até que, entre nós, um senhor grisalho, que vestia roupas coloridas azul-turquesa, sorriu, fechou os olhos e levou o pulso à testa.

As imagens então mudaram. Um galo. Um gigantesco pássaro negro. Luzes ao redor do pássaro giravam e pareciam desviar as flechas. O galo novamente. E foi aí que eu acordei. Sem entender o que havia visto ou o que estava acontecendo.

Frustração é a melhor palavra para descrever como me senti ao despertar. Depois do susto de ter de ir correndo para aquele mundo, o dia raiava sem que eu soubesse o que havia ocorrido. O que seriam aquelas imagens: o galo, as luzes, as flechas...? E mais frustrado ainda fiquei quando, ao me preparar para ir trabalhar, descobri que meu carro havia desistido de funcionar.

Aquela altura, já não sabia se era culpa da idade avançada do carro (um Golzinho velho) ou se era algum sinal do além para que eu não saísse dirigindo naquele dia. Depois da terceira tentativa de girar a chave, desisti e fui de táxi.

Passei o resto da semana sem carro e de mau humor. Mesmo com o salário um pouco maior do que antes, ainda era pouco para quem gostava das coisas das quais eu gostava. Ainda mais tendo de gastar mais de 50 reais por dia só com táxi. Mas o *Jornal* tinha um bom mecânico que fazia a manutenção dos carros de reportagem e por uma cerveja a mais ele deu um jeito de fazer meu carro voltar a andar.

O humor, no entanto, não era só por causa do carro, do táxi ou dos convites inconvenientes do Orum. Um jornalista de vocação, como eu, não consegue se sentir vivo sabendo que sua grande reportagem foi dada de presente para outra pessoa. Especialmente por motivações financeiras. Mesmo que isso pudesse significar a salvação do *Jornal* e, conseqüentemente, do emprego que

manteria a polícia longe dos meus calcanhares. Enfim, que viessem os releases dos assessores de imprensa. Pelo menos a Duda estava se divertindo.

Sei bem disso porque eu mesmo enviei, em nome do Delegado Misterioso, as novas instruções de como as embalagens haviam sido corrompidas, e o *Diário* fez uma página inteira de entrevistas e infográficos explicando como o leitor deveria observar os alimentos antes de comprá-los. Além disso, também fizeram um roteiro do criminoso com o mapa que enviei em seguida, o que acabou fechando alguns dos estabelecimentos que venderam o iogurte contaminado.

Muita gente foi indiciada. Gerentes de supermercados, funcionários do setor de embalagens e distribuição do fabricante... Só o safado do Zanato que não. Talvez porque a campanha pela inocência dele andava muito bem pelas páginas do *Jornal*, a ponto de ele já estar sendo considerado “a maior vítima de todo esse escândalo”.

E, por aqui, não se falou mais da mulher que morreu. Nem da criança. Nem de ninguém. Muito menos da identidade do assassino. Se pelo menos o *Jornal* me permitisse ir atrás do caso, eu poderia ignorar a existência do Zanato, mas não. A ordem era explícita: esqueça o caso. Não falaremos mais sobre esse assunto nas páginas do *Jornal*, exceto nas matérias em que, num ato de “dignidade e ética jornalística”, denunciaríamos ao público nosso próprio erro. Qualquer palavra de outro teor sobre o crime seria passado, e não notícia. “Deixem os jornais menores publicarem fatos sem interesse a esse respeito que nós nos preocuparemos com o que acontece de novo no mundo.”

Bobagem. Bobagem completa. Desde que o leitor descobriu a internet e a CNN, jornal deixou de ser fonte de novidade. E eles insistiam nesse papo, mesmo quando nem era isso que estava em jogo. Agora, a investigação, a interpretação, a análise mais profunda do que importava, eles chamavam de “notícias frias”, “passado” – assim o *Jornal* é que iria virar passado. Só eles não viam.

Mas chega de reclamar. Estou meio ranzinza hoje por causa de uns problemas pessoais que não estou conseguindo resolver. Depois explico melhor, pois agora isso só confundiria a história que realmente interessa.

Só para melhorar o clima um pouquinho, encontrei a Maria Eduarda uma vez naquela semana. Ela estava meio estranha, como se sentisse culpa por estarmos juntos. Mesmo assim, transamos deliciosamente. Já havia visto aquilo antes. Ela deveria estar começando um *affair* com um carinha novo, provavelmente alguém do *Diário*. Aqueles caras não perdoariam um mulherão desses entrando nova em folha na redação. E, na experiência de tantos anos convivendo e me divertindo com ela, uma coisa eu aprendi: não deveria tocar no assunto nem demonstrar um pingão de ciúmes. Uma vez, ainda na faculdade, tivemos uma crise por causa disso. Eu tinha uma namorada, e saía com a Duda de vez em quando. Quando ela arrumou um namorado também, eu fiquei puto e reclamei. Claro que ela não gostou e me chamou de machista, de chauvinista, de tudo que consegui. E, cá entre nós, ela tinha razão. Depois disso, nunca mais pude declarar ciúmes. Pior que isso, decidi que nunca mais sairia comigo enquanto ela estivesse com mais alguém. E eu que me atrevesse a questionar essa decisão ou menosprezar o sujeito que ela tivesse escolhido... Se eu fizesse isso, ela prometeu que nunca mais sairia comigo. E, se você quer saber, conheço o lado meigo e carinhoso da Duda tanto quanto o lado vingativo e teimoso que ela tenta esconder atrás daquele olhar docinho. Essa mulher é um perigo: não esquece uma briga nem descumpra uma promessa. Não era eu quem iria jogar álcool naquele fogo,

certo? Fiquei quieto e fingi não saber que talvez ficasse um bom tempo sem experimentar o calor daquele corpinho.

Antes que eu cometa um erro imperdoável, houve um fato que, na hora, deixei passar (e agora quase me esqueço de contar): quando enviei o segundo lote de informações para Maria Eduarda, havia uma mensagem dela na caixa de entrada do Delegado Misterioso. Agradecia as informações e o conhecimento profundo que ele tinha do caso. E dizia também que ela já tinha percebido que não era o assassino quem estava enviando aquilo tudo e que ela sabia muito bem quem era. No momento adequado, ela agradeceria pessoalmente as informações. E eu, bobo, praticamente ignorei o que ela escreveu.

Como de costume, vou aguardar sua resposta.

Axé,

New

São Paulo, 6 de julho de 2001.

A FESTA DOS INHAMES

Numa única linha reta, Orunmilá e seus quatro guerreiros fizeram uma entrada triunfal ante os murmúrios do curioso povo de Ifé.

– Aquele mais velho é o grande Orunmilá. Dizem que pode descrever seus pensamentos só de olhar nos olhos – comentavam os incautos que assistiam à chegada dos famosos heróis das terras iorubás.

– O mais baixo deve ser Xangô, de Oyó. Dizem que seu sopro transformou um elefante em pó!

– Aquela menina mais jovem deve ser Oxum, a mais sedutora entre todas as mulheres. Contam que nenhum homem jamais resistiu ao seu chamado.

– Você resistiria? Eu não!

E riram juntos.

– Iansã deve ser a outra mulher. Guerreira que nunca desiste, ouvi dizer. Falam também sobre uma incrível habilidade de se disfarçar...

– Bonita desse jeito, não deveria usar nem roupa. Quanto mais disfarce!

– O mais forte sem dúvida é Ogum. É só olhar a espada em sua mão: dizem que corta uma pessoa como se atravessasse a água!

A multidão se ajuntou em torno dos cinco. Encantada e curiosa, olhava como se fossem eles mesmos os orixás encarnados. Todos se divertiram com a ideia da fama. Exceto Orunmilá, que olhava preocupado um estranho pássaro que acabara de pousar sobre o muro da cidade.

– O que foi, babá? – indagou Oxum.

– Nada, minha filha, nada.

Pensou um pouco e disse a si mesmo:

– Apenas um velho conhecido.



Exu já os aguardava no grandioso palácio. O próprio Oxaguiã, o jovem e dinâmico rei de Ifé, o convidara a aguardar nas instalações reais, e ele aceitara de bom grado.

Foi o próprio Exu quem os recepcionou, pois o rei, muito ansioso, havia se retirado para seus aposentos antes do costumeiro. Gostaria de estar bem-disposto para o dia seguinte, pois a Festa dos Inhames era, sem dúvida, o grande evento do ano. Queria estar vibrante e empolgado diante de seu povo quando os primeiros tubérculos fossem desenterrados.

– Bem-vindo, babá. Vejo que o senhor trouxe novos companheiros.

– Alaafia, Exu. Vejo que chegaste a tempo de descansar.

– Sim, mestre. O porrete que me fez realmente funciona!

Orunmilá se divertiu com o comentário entusiasmado.

– Claro que funciona, Exu. Não disse que os orixás me enviaram em sonho a ordem de fazê-lo para que você pudesse andar mais depressa? Pois então!

– Entreguei a codorna. Não a Olodumare pessoalmente, mas um dos espíritos que tomavam conta do grande palácio a levou até ele e voltou para agradecer em seu nome. Se bem entendi, a penosa ajudou na criação de algum tipo de ponte que permitiu que os odus fossem substituídos temporariamente.

– Ponte? – questionou Oxum.

– É. Uma ponte que ligava o Orum a algum outro lugar que não me lembro direito. O fato é que por algum tempo sua tábua deverá funcionar. Mas ainda temos que correr, pois o axé da codorna não deverá permanecer por muito tempo. E assim que essa ligação for desfeita... – não completou, mas todos compreenderam.

Exu, que já se sentia dono da casa, fez as honras e mostrou as dependências do castelo antes de levar cada um deles aos seus aposentos. Mostrou os grandiosos jardins e as várias salas de visitas, cheias de troféus

de bravura e enfeites exuberantes vindos de outros reinos. Como não poderia deixar de ser em se tratando de Exu, passaram um bom tempo na cozinha, ouvindo as descrições maravilhadas do mensageiro a respeito das delícias preparadas pelos cozinheiros reais.

– O único defeito é que, por algum motivo que desconheço, eles são proibidos de colocar dendê na comida servida neste castelo. Mas, tudo bem, um rei tem direito a suas próprias manias.

Orunmilá já havia estado ali outras vezes, mas fez questão de assistir à apresentação de Exu. Ali da cozinha, lembrou dos diversos jantares dos quais participara neste reino e sorriu do encantamento do mensageiro com a comida do lugar. Os caracóis, a canjica, os pombos e toda aquela comida branca e sem temperos, tão típicos da casa de Oxaguiã, não eram muito do seu apreço. Mas depois de uma viagem longa poderia mesmo parecer maravilhosa, especialmente quando se trata de um esfomeado como Exu. Diante do dia agitado que teriam quando acordassem, o babalaô preferiu a comida sem graça à falta de conforto de qualquer outra casa da cidade. Se bem que, naquele dia, alguma coisa parecia incomodá-lo naquele castelo.

Depois da cozinha, Exu lhes mostrou os corredores e aposentos do castelo. Alguns passos após um quarto fechado por uma pequena porta protegida por dois guardas adormecidos, porém, Exu parou. Mandou que todos se calassem. Então falou, o mais baixo que pôde:

– Parece que um prisioneiro muito importante está guardado nesta cela. Ontem, Oxaguiã ficou o dia inteiro conversando com umas pessoas estranhas, que trouxeram um velho acorrentado. Não sei por que tanto guarda por causa de um velho. Ele só pode ser muito poderoso. Olhem como a porta foi reforçada.

Orunmilá pressentia algo estranho. Mas não conseguia identificar o que isso significava. “Talvez esteja apenas influenciado pelo cansaço”, pensou. No seu íntimo, entretanto, o velho adivinho aprendera a respeitar suas

intuições e sabia que sua angústia não era assim desprezível como gostaria que fosse.

– Esse prisioneiro, Exu, você viu como ele era?

– Não, babá. Mil perdões! Ele estava coberto por um pano que lhe escondia o rosto. Eu tentei olhar, mas não consegui ver nada.

Exu havia acompanhado o mestre em viagens por todo o Aiê. Conhecia muita gente e nunca esquecia de um rosto. Estava decepcionado consigo mesmo por não ter uma resposta para Orunmilá.

– Está tudo bem, Exu. Conheço poucos mais curiosos que você. Por ora, vamos dormir. Em um momento oportuno, conversarei com o rei a respeito do prisioneiro.

– Quem sabe é um guerreiro que podemos usar? Talvez seja ele o sétimo guerreiro que estamos procurando! – comentou Xangô com sua voz de trovão, entusiasmado com o mistério.

– *Shhh!* – repreenderam os demais.

Exu voltou a caminhar, mas desta vez no sentido oposto ao que vieram. Foram até o corredor principal, de onde podiam ver a suntuosa sala em que o rei devia receber suas visitas e uma passagem coberta por fios de contas brancas e azuis que pareciam guardar o silêncio e a tranquilidade da ala dos dormitórios.

Seguindo o mensageiro, o grupo seguiu pelo corredor que daria nos aposentos de cada um dos guerreiros. Um a um, Exu foi indicando onde dormiriam naquela noite. Estranhou quando Ogum e Oxum entraram juntos, mas pôde presumir o que havia ocorrido. Mas depois de deixar todos nos devidos lugares, ele mesmo não foi para o quarto.

Assumi a porta da casa para garantir que, no dia seguinte, nada sairia errado.



No dia da festa, todo o povo da cidade, mais aqueles que vieram de longe para o festejo, estavam diante da entrada do castelo do rei. Com os olhos profundos de quem mal havia dormido, o velho adivinho já estava diante da entrada principal quando o rei finalmente apareceu. Em um movimento cansado, o babalaô ficou em pé assim que o líder de Ifé pisou no salão principal, seguido pelos cinco guerreiros de Orunmilá. No momento exato em que Oxaguiã apareceu sob a porta, porém, o dia virou noite.

Voando sobre suas cabeças, um pássaro gigantesco, com asas negras maiores do que o palácio real, pousou no telhado da residência de Oxaguiã. Sua língua de fogo queimava tudo o que tocava.

O povo, em pânico, corria e gritava.

– É o pássaro das Iá Mi Oxorongá!

– Devem estar furiosas porque não foram convidadas!

O rei estranhou a menção ao nome das poderosas bruxas ancestrais. Não um estranhamento de medo como o povo do lado de fora. Um estranhamento de incompreensão. Mandou chamar todos os guardas do palácio, mas foi aconselhado pelo comando de seu exército de que aquele era um trabalho para caçadores que entendem de bicho, não soldados que lutam com gente. Durante a Festa dos Inhames, os melhores atiradores da Terra costumavam passar pela cidade. A orientação parecia pertinente.

Oxaguiã mandou chamar Oxogotum, o famoso caçador da cidade de Idô.

– Vá, meu rapaz, traga aquele pássaro degenerado para os meus pés e serás o grande homenageado das festas deste ano. Axé.

Queixo em pé e peito estufado, Oxogotum correu escoltado por três soldados reais que lhe abriam caminho. Do lado de fora, mais fogo e destruição. O pássaro arrancava telhados e os jogava sobre homens, mulheres e crianças. Mas o povo se calou quando viu o famoso atirador assumir posição e soltar sua primeira flecha. Diante dos olhos ansiosos da

plateia amedrontada, ele errou. Atirou a segunda. Novamente, nem passou perto. Uma a uma, atirou suas 20 flechas. E não acertou nenhuma.

No meio do caos, o adivinho voltou à entrada do palácio e chamou Exu. O mensageiro ouviu atentamente a ordem que recebera ao pé do ouvido e saiu em disparada.

Poucas casas ao redor do palácio já não ardiam em chamas sob a gigantesca sombra do pássaro maldito das Iá Mi quando um segundo caçador, Oxotogui, o famoso predador de Morê, ofereceu-se para defender o reino seguido por Oxodotá, de Ilarê:

– Já enfrentei aves bem maiores e mais violentas do que esta.

– Eu também. Não me parece um trabalho tão difícil assim.

Oxodotá se voltou para a grande ave negra e puxou uma flecha das costas. Esticou-a no arco retesado, prendeu a respiração. E lá se foi a flecha, que passou de raspão. O povo aplaudiu. Aquele fora o tiro mais certo até então. A segunda flecha, no entanto, também errou o alvo.

Percebendo a situação, o segundo arqueiro correu pela multidão e convocou qualquer um que avistou carregando um arco. Em instantes, um batalhão de mais de 30 arqueiros apontava suas armas na direção do pássaro. Atiraram todos juntos seguindo os gritos de Oxotogui.

– Agora! De novo! De novo!

Uma após a outra, os arqueiros atiravam nuvens de flechas pelos céus de Ifé. Algumas resvalavam ligeiramente nas penas do animal. A maioria errava o alvo. Sem um único arranhão, o pássaro apenas se enfurecia. Imune ao ataque, jogava suas asas sobre a multidão. Rasgava seus corpos com suas presas. Cuspia fogo em tudo que se movia. Ifé, que até há pouco cheirava a inhames e temperos, agora tinha cheiro de cinzas e sangue.

Oxaguiã viu os arqueiros serem lambidos pelo fogo. Os que sobraram fugiram carregando o que encontravam de suas famílias. Todos corriam, menos aqueles presos sob os escombros que o rei levantava com os próprios braços. Entre um e outro, esbarrou em um sujeito magro e alto, andando

devagar com um arco nas costas. “Tarde demais para flechas. Se não corre, é louco ou morto. Tarde demais para ambos”, pensou Oxaguiã.

De longe, e apesar da destruição, Orunmilá sorriu.



Eram tantos os gritos e os estalos do fogo, que Ogum precisou das mãos para indicar seu plano. Ele e Iansã correriam em direções opostas e gritariam para chamar a atenção do monstro. Xangô daria a volta no palácio e surpreenderia o pássaro pelas costas.

– Voltem! – gritou Orunmilá ao notar a movimentação. – Esse monstro não é para vocês.

Já não havia volta. Notando a movimentação, a ave avançou sobre os guerreiros. Por várias vezes, repetiu seus rasantes e labaredas. Iansã, Ogum e Xangô saltavam ao chão e atrás dos escombros como podiam. Já Oxum, esta apenas gritava, paralisada. Segurando sua mão no meio da fumaça, Orunmilá conseguiu puxá-la para trás de uma pedra grande o suficiente para proteger os dois, e agora acompanhava com os olhos o único homem que não corria e um outro que subia apressado o último trecho de muro em pé naquela cidade. Protegida pelo pai e pela pedra, Oxum não conseguiu se acalmar quando o pai fez um sinal confiante de silêncio. Mas não gritou mais.

Alheio ao pânico, Oxóssi olhou para os céus, encheu o pulmão daquela mistura de ar fresco, cinzas e fumaça e apontou sua flecha para o pássaro. A fumaça aumentava, mas ele não parecia precisar dos seus olhos. No meio da confusão, o arqueiro foi o único que ouviu o grito vindo do alto do muro.

– Êpa, babá! Leva a morte embora desta cidade, meu pai Oxalá, e toma esta ave como oferenda. Que o peito dela se abra como o deste galo e que a flecha o penetre com o axé do seu cajado mágico!

Com o grito de Exu, tudo virou silêncio. Oxóssi podia sentir o axé de Oxalá guiando seus movimentos. Fechou então os olhos, sentiu a haste de

madeira na ponta de seus dedos... e delicadamente a soltou. O projétil atravessou a multidão, e do meio da fumaça, ninguém notou como mudava de direção – para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda. Era como se duas forças a empurrassem em direções opostas. Mesmo sem enxergar o que se passava, porém, o caçador virou-se de costas e acenou, vitorioso, na direção de Orunmilá.

Flaf! Por trás da fumaça, o grande pássaro mais uma vez abriu as asas e gritou. Disparou para o alto mas, desta vez, mergulhou em seguida em direção ao chão. O vento da sua queda foi tão forte que apagou as labaredas e levou embora a fumaça. E quando a poeira baixou, lá estava ele. Morto.

Com uma única flecha, Oxóssi, o habilidoso irmão de Ogum, matou o pássaro que destruía a cidade de Oxaguiã.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(27): Pedido de ajuda

Caro Laroie,

Você está certo. Depois de tudo o que contei, tenho de concordar que até aquele momento fui a mais perfeita formiga lava-pés. Acatei as ordens do chefe e parei de publicar as matérias que tinha nas mãos. Fiz o que um bom cidadão faria e garanti que as denúncias continuariam, mesmo que não fosse pelas minhas próprias mãos. Ajudei uma amiga a arrumar emprego. E ainda fui pontual na visita ao Orum quando eles me chamaram. Mas garanto que não foi sempre assim. Infelizmente eu tive mais vontades do que uma formiga dali em diante. Quem sabe se tivesse me mantido dentro da rota que me mandavam seguir, como todas as outras lava-pés do mundo, eu talvez não estivesse aqui hoje, suplicando por uma resposta.

E se você ficou impressionado com a reviravolta do jantar com o Zanato (como você mesmo disse), ainda terá muitas outras surpresas. Assim como eu tive quando meu celular tocou no meio de uma entrevista com um executivo chileno de 27 anos, principal diretor na América Latina da segunda maior rede de locação de automóveis do mundo. Era uma conversa boa, daquelas que eu não tinha há tempos, e que serve para inspirar a visão de futuro, sabe? Por que eu precisaria esperar o mesmo tempo que os outros para chegar aonde eu queria? Se as regras eram mais poderosas do que eu e me obrigavam a fazer as coisas de um jeito que eu não concordava, por que não parar de resistir e ir direto à fonte do poder? Por que eu, aos 27 anos, tinha de obedecer a ordens, em vez de ditá-las? Se o chileno podia, eu também.

“O AA precisa falar com você urgente”, disse a voz da secretária do Fred no telefone. E essas coisas não se discutem. Encerrei a entrevista ali mesmo e passei duas horas no engarrafamento entre a Faria Lima e a Mooca. Dona Ísis, a secretária, cruzou a antessala assim que o elevador se abriu e me avisou: “Eles estão esperando há mais de uma hora”. “Bato ou entro direto?”, perguntei. “Entra de uma vez! Vai logo!”

A mesa de mogno, à frente da porta, estava vazia. O elegante jogo de sofás à esquerda também. No lado direito e mais iluminado da sala, no entanto, a mesa de reuniões para 20 pessoas estava praticamente lotada. E todos olhavam em minha direção. Na cabeceira, o AA. Os diretores comercial, administrativo, jurídico e seus assessores mais diretos também estavam ali. Ao lado da única cadeira vazia, o Fred me chamou para assumir meu lugar. E quando me sentei, percebi a única pessoa que ainda não conhecia: era uma mulher bem bonita, loira, inclusive, o que garantia uma larga vantagem em relação às demais, mas preferi deixar essa preocupação para mais tarde, pelo menos até que entendesse melhor o que estava acontecendo.

“Você tem alguma ideia do que você está fazendo aqui?”, perguntou o AA com seu olhar hipnótico. “Nenhuma”, respondi sem vacilar.

Eles haviam tomado o cuidado de não divulgar o que estava acontecendo para não prejudicar as negociações, mas três dias antes haviam conseguido comprovar que as metas apresentadas no *business plan* do *Jornal* eram factíveis. Portanto, graças à redução de custos e aos últimos negócios realizados – incluindo aí o gordo cheque do Zanato –, os investidores haviam finalizado todos os detalhes e efetivado o investimento no grupo. Eu não sabia exatamente o que isso significava, mas só o fato de eu estar ali naquela mesa com toda aquela gente poderia ser um bom sinal.

O investidor, mantido em completo sigilo até então, era o JPark/Cosmopolitan, um dos maiores fundos de *private equity* do mundo e o maior investidor mundial do setor de comunicações. Com os investimentos, trazia a promessa de transformar o grupo jornalístico – que incluía ainda uma rádio, um portal na internet e duas revistas – na mais moderna empresa de notícias da América Latina. Tudo isso parecia impossível há pouco menos de um ano, mas graças à articulação de alguns congressistas, liderados pelo senador Tadeu Reis, empresas estrangeiras agora podiam investir em jornais, TVs e grupos brasileiros de comunicação. O *Jornal* estava salvo.

Um alvoroço imediato fez com que todos na mesa praticamente brindassem sem copos. Mas eu ainda estava confuso: o que estava fazendo ali? A resposta veio em seguida, quando não consegui mais evitar e cruzei o olhar com a loira de olhos claros à minha frente. Ela sorriu e jogou os cabelos para o lado, deixando notar um pescoço que quase me fez perder o controle. Meu coração disparou e meu estômago pegou fogo. O que estava acontecendo?

Acho que congelei, pois o Fred teve que me cutucar por baixo da mesa. “Ainda não lhe apresentaram a...”

“Eu mesma me apresento”, interrompeu a mulher na minha frente. “Meu nome é Yara. Estou assumindo a direção de operações do *Jornal*”. “Muito prazer”, disse, estendendo a mão.

Entre outras atribuições, ela era responsável por aumentar a eficiência da empresa e por criar parcerias entre o *Jornal* e alguns outros jornais nos quais o JPark também tinha investimentos. E como eu era “o melhor repórter do caderno de Negócios” e o único que falava inglês (a Duda também falava, mas com o corte só sobrou eu), eu havia sido naturalmente escalado para cobrir o fechamento do contrato e os acordos internacionais que seriam fechados nas próximas semanas.

“Daqui a três semanas, você vai para Nova York com ela”, anunciou o AA. “Já está tudo certo para fecharmos um grande acordo com o maior jornal americano, e eu quero que você cubra esse acordo.”

“O *New York Tribune*?”, perguntei impressionado. “Esse mesmo”, respondeu a executiva. “Você acha que eu vim aqui para quê? Fechar acordos com folhetins?”

Todos riram do comentário e imediatamente se levantaram, indicando que era hora de ir embora. Cumprimentei o AA e o Fred, acenei para os demais e fui em direção à porta. Antes de fechá-la, no entanto, tive a chance de ouvir um último comentário: “Pelo menos me mandaram um bonitinho”, disse a única voz feminina da sala, seguida das risadas forçadas dos demais presentes, que não chegaram a perceber que fiquei bastante vermelho.

Quando sentei diante do meu computador, mais uma surpresa: um e-mail do departamento pessoal avisava que, a mando da diretoria executiva, meu salário havia sido dobrado! Imagine a situação: eu já era odiado pelos outros repórteres; entro no jogo da diretoria e benefico um anunciante que viabiliza o negócio com os investidores que exigiram que vários dos nossos colegas

fossem demitidos; e aí recebo um aumento por isso! Se eu me atrevesse a sorrir em público, seria linchado, pois ao certo a “rádio-corredor” já devia ter dado conta da notícia! Acabei indo embora sem me despedir de ninguém e tentei ligar para a Maria Eduarda para comemorarmos, mas o celular dela estava fora da área de cobertura. Preferi não deixar recado e fui dormir sozinho.

No dia seguinte cheguei antes de todo mundo. Tinha uma longa pesquisa a fazer e não queria ser interrompido. A máquina de café estava vazia, uma boa oportunidade para um expresso sem interrupções. Olhei as mesas em volta, concentrando um tempo especial para aquelas do outro lado da redação. A sala do Fred continuava bagunçada e vazia, afinal era inaceitável para um jornalista da velha guarda chegar cedo para trabalhar. Continuei olhando as outras mesas, repassei nomes e rostos de cada um. Quando coloquei a moeda na máquina, já tinha meu plano traçado. Para mim e para os outros. Voltei ao meu lugar e iniciei a pesquisa que tinha em mente.

Abri o navegador e digitei JPark no campo de pesquisa. Em duas horas, encontrei tudo que queria e, a partir daí, foi só pressionar o botão de imprimir algumas vezes. Coloquei as 20 e poucas páginas numa pasta preta com o meu nome e guardei na gaveta. Leria com calma depois. Até aquele momento, o que havia lido já era o suficiente.

Olhei o relógio. Onze e meia. Estava na hora. Reli o e-mail do DP para ter certeza de que meu salário havia dobrado. Queria comemorar e já sabia exatamente com quem. Tudo dependia da próxima hora. Desci sozinho e sentei na frente da saída da garagem. Uma hora se passou. Duas. O horário de almoço foi embora e eu ainda estava ali, sentado, ansioso, olhando o relógio a cada cinco minutos. Já estava desistindo, quando uma senhora pequena e frágil passou apressada em direção à entrada, falando alto no celular: “Dona Yara, o sr. Barros Mendonça não poderá jantar com a senhora hoje. Ele acabou de ligar desmarcando. A senhora deseja marcar algum compromisso no lugar?”.

Se o plano do almoço não havia funcionado da maneira que eu esperava, o resultado final foi ainda melhor do que eu poderia desejar. Subi imediatamente e enviei um e-mail que poderia me custar o emprego, mas valia o risco.

De: Newton Fernandes

Para: Yara Bebiano

Assunto: Bonitinho... e atrevido

Dra. Yara,

Jornalistas são pagos para descobrir coisas. E, por acaso, acabei descobrindo que você (posso chamá-la assim?) acaba de ter o jantar desta noite cancelado. Por isso, tomei a liberdade de convidá-la para substituir sua programação original. Tenho algumas ideias para o jornal que acho que gostaria de ouvir.

Newton

Apertei o botão *Enviar* e aguardei. Se tudo corresse como o esperado, teria uma resposta em poucos minutos. Uma executiva que passou o almoço na própria sala certamente está entulhada entre reuniões, telefonemas e e-mails. Não demoraria a ler mais aquele. Poucos minutos depois, um bipe denunciou a chegada de uma mensagem.

De: Yara Bebiano

Assunto: Às 21h, no Parigi.

No corpo da mensagem, nenhuma palavra. Melhor, impossível.

Axé,
New

São Paulo, 7 de julho de 2001.

LUTO

As pequenas casas de barro com telhado de palha queimaram rapidamente. Mas era o dia da tão aguardada Festa dos Inhames e nem mesmo um susto como aquele poderia interromper a sagrada tradição. Mal as cinzas esfriaram, os tambores começaram a tocar animados, embalando as bandejas de inhames que formosas mulheres de seios nus carregavam até o altar de onde Oxaguiã daria início às celebrações.

Apesar do luto, o rei e sua roda de convidados tinham o que comemorar. O monstro enviado pelas Iá Mi Oxorongá poderia ter aniquilado a cidade. Mas não conseguiu. E com a exuberância da última colheita, o povo de Ifê teria recursos fartos para se reconstruir. O rei sentava num banco que o deixava ligeiramente mais alto que seus companheiros. Orunmilá, Oxum, Ogum e Oxóssi de um lado; Xangô, Iansã e Exu de outro. De sua posição elevada, o rei, erguendo uma cuia de cachaça, deu um grito de saudação.

– Queria fazer um brinde ao maior caçador do mundo! O homem que matou aquele monstro com uma flecha só!

– Okê!

A roda em torno do rei gritou em saudação a Oxóssi, que imediatamente se levantou para receber os cumprimentos do grupo. Por um momento, os olhos de Ogum se desviaram da esposa para cumprimentar o irmão mais novo. Xangô e Iansã acompanharam os gritos, embora ele preferisse continuar apreciando os traços brancos feitos com cal nos corpos seminus das carregadoras de inhame. Exu, que segurava duas cuias de aguardente de uma só vez, gritou mais alto do que todos – ele parecia realmente gostar do rapaz.

Somente Orunmilá não comemorou. Estava, sim, feliz e orgulhoso de Oxóssi, mas aquela história tinha detalhes que só ele conhecia:

– Agô, meu rei. Antes de homenagear Oxóssi, sem dúvida o maior caçador que já pisou no Aiê, eu queria fazer um brinde a Exu, meu mensageiro. Foi graças à rapidez e eficiência dele no cumprimento da oferenda que lhe encomendei que “o grande caçador de uma flecha só” pôde quebrar o encanto que as Iá Mi haviam jogado para fechar o corpo do grande pássaro.

– Como assim? – o rei estava confuso, pois não percebera a movimentação de Orunmilá durante a luta contra o monstro que cuspiu fogo.

– Quando chegamos à cidade, majestade, um pequeno pássaro pousou no muro próximo a nós. Notei que ele acompanhava fielmente nossos passos cidade adentro e prestei um pouco mais de atenção. Finalmente percebi que conhecia aquela ave de longa data. Aquele era, sem dúvida, um dos pássaros das Iá Mi Oxorongá. Aquele era o pássaro-espião, enviado por elas para ouvir e lhes contar em seguida o que quer que descobrisse. Ele percebeu que eu o havia reconhecido e voou na mesma hora para a casa das Iá Mi. Achei estranho e, quando todos foram dormir, eu joguei os búzios para entender o que elas estavam tramando.

– E o que disseram os odus? – perguntou o rei.

– Que nós enfrentaríamos uma luta difícil e que precisaríamos de muita astúcia para vencer. Algo sobre utilizarmos a mesma arma que o inimigo. Na hora não entendi, mas passei o resto da noite acordado, concentrando-me para compreender aquela mensagem. No dia seguinte, quando vi as flechas se desviando do pássaro, entendi o que estava acontecendo. Aquela era uma luta de magia, não de armas. Então, chamei Exu e pedi que ele pegasse um galo e lhe abrisse o peito em oferenda a Oxalá. Assim, conseguiríamos quebrar o encanto que protegia suas penas.

– Eu ouvi a voz de Exu – confirmou Oxóssi –, mas se não fosse minha pontaria, aquele monstro teria engolido todo mundo.

– Ele tem razão – gritou Ogum, defendendo o irmão.

– Não estou desmerecendo Oxóssi de modo algum – corrigiu Orunmilá –, estou apenas dizendo que se Exu não tivesse sido tão rápido, a flecha de Oxóssi teria se desviado como as outras.

– Não tenho certeza disso – Oxóssi parecia irritado.

Divertindo-se com a situação, Xangô aproveitou para incendiar ainda mais a discussão:

– Quanto tempo você demorou para pegar essa galinha, Exu?

– Passei e peguei, ora. Se o mestre tivesse pedido, pegaria sete e ainda daria tempo! E eram galos. Um galo é muito mais difícil de capturar que uma galinha, fique sabendo.

Oxaguiã parecia se divertir com a discussão, mas o dever o chamava. Centenas de pessoas já se agrupavam diante do altar em frente ao palácio, esperando que o rei celebrasse oficialmente a nova safra de inhames de Ifé. O rei levantou sem pedir licença e caminhou para o palanque, pois o povo esperava.

Duas mulheres deslumbrantes, com traços brancos desenhados por toda a pele, se aproximaram. Uma delas carregava uma pequena bandeja com inhames cortados em pequenos pedaços. A outra pegou os pedaços e os colocou no interior de uma estranha peça de madeira. O rei tomou um bastão de pedra com a ponta arredondada e com ele bateu os inhames.

– Salve o pilão de Oxaguiã! – gritava o público.

– Viva o rei que inventou o pilão!

Cumprindo sua promessa, Oxaguiã apontou para Oxóssi e imediatamente o povo acompanhou:

– O caçador é popular!

– Viva o caçador de uma flecha só!

O príncipe Oxóssi parecia saber exatamente como se comportar naquela situação. Lentamente, ergueu-se de frente para a roda e somente então levantou a mão direita e se virou para o público, que continuava a saudá-lo:

– Salve Oxóssi! Viva o salvador da festa de Ifé!

Mas a festa era do rei de Ifé, por isso Oxóssi não ficou muito tempo diante do público. Quando se sentou novamente, Oxum, sempre curiosa, aproveitou a oportunidade para resolver uma dúvida que a consumia desde que vira o caçador matar o grande pássaro.

– Oxóssi, meu amigo, você ainda não nos explicou por que veio até aqui. Ficou com saudades?

O arqueiro permaneceu em silêncio. Sua expressão, até então entusiasmada com a recepção que o povo lhe oferecia, tornou-se sombria como a de um cão maltratado.

– Eu vim porque não tinha mais o que fazer naquela cidade.

– O que você quer dizer com isso, meu irmão? – levantou Ogum preocupado.

– Quando estávamos na floresta, antes de vocês atravessarem o rio, eu atirei uma flecha, em nome de Oxalá, para que acertasse aquele que roubou a codorna de Olodumare.

Todos tocaram o chão e a testa em respeito ao nome do deus supremo. Oxóssi continuou:

– Quando cheguei, alguns dias depois, encontrei a cidade de luto. Ninguém falava nem tirava os olhos do chão. Corri ao palácio, na esperança de que lá alguém me contasse que desgraça teria tirado a alegria do povo de Irê.

Embora a gritaria e a dança estivessem cada vez mais animadas, a história de Oxóssi dominara a atenção dos companheiros. O caçador encheu o peito de ar e olhou para baixo.

– O que houve? – Ogum já começava a perder o controle.

– Quando cheguei ao palácio, nosso pai, que soube pelos escravos da minha chegada, veio me receber na porta. Eu vi em seu rosto que as notícias não eram mesmo nada boas. Ele olhou nos meus olhos e disse apenas...

Contar aquela história não devia estar sendo fácil para o orgulhoso caçador. Seus olhos encheram de água e sua voz tremeu, mas ele completou a frase.

– Ele disse: “Sua mãe, meu filho. Sua mãe está morta”.

Os companheiros não souberam o que dizer. Permaneceram quietos em solidariedade. Mas ele não parou por aí, e seu rosto dizia que algo ainda mais trágico estava por vir.

– Eu não acreditei. Corri até o quarto em que ela costumava dormir e afastei aquele monte de gente. Lá estava ela, estendida, morta, com uma flecha cravada no coração – Ogum colocou a mão no peito como se ele mesmo tivesse sido cravejado. Oxum, emocionada, aproximou-se pronta para acalantar o cunhado que mal conhecia. Seu movimento, todavia, foi interrompido pelo próprio Oxóssi.

– A flecha que eu mesmo atirei – o caçador levantou novamente a cabeça e, como se estivesse sendo julgado, justificou-se ao grupo. – Eu nunca imaginaria que havia sido ela quem pegou a codorna. Os escravos do palácio me contaram que, naquele dia, ela vira a codorna abatida num recipiente na cozinha e pensou que eu havia trazido aquela caça para que ela preparasse para meu pai.

– Nosso pai adora codornas – murmurou Ogum.

– Ninguém nunca me contou sobre isso. Apenas fiquei sabendo que a codorna de Olodumare não estava mais onde a havia colocado – seu tom de voz aumentava a cada palavra, como se quisesse fazer-se ouvir pela própria mãe no Orum. – Jamais faria isso com a minha própria mãe se eu soubesse que ela...

O silêncio foi a única forma que o grupo encontrou de mostrar sua consternação. Ninguém merece a dor de matar a própria mãe. Mas Oxóssi

jamais havia errado uma flecha, aquela não teria sido a exceção.

– Quando vi aquela cena, saí correndo pela mata fechada. Primeiro, sem direção. Corri sem destino por quase um dia. Depois lembrei que vocês tinham vindo para cá e resolvi me juntar ao grupo. Preciso reparar meu erro para que os orixás um dia me perdoem pelo que fiz.

– Eles sabem que não foi intencional – disse Iansã.

– Então somos sete. O grupo, enfim, está completo – Oxum tentou animar chamando um brinde. Todos atenderam ao convite e por alguns instantes o ambiente ficou mais leve.

– Vocês estão ouvindo a música do xirê? Por que não vamos dançar? É o mínimo que nós merecemos depois de um dia como hoje – Xangô se levantou e puxou Iansã pelo braço. Saíram correndo rumo aos tambores na esperança de que o resto do grupo os seguisse.

Oxum tentou levar o marido, mas Ogum não se mexeu:

– Você está bem, meu irmão?

– Estou, Ogum. Um dia isso passa. Por enquanto, quero apenas descansar. Vá dançar com sua mulher, que você nem me apresentou, aliás.

O súbito bom humor de Oxóssi ajudou a acalmar o poderoso guerreiro. Oxum, que a tudo assistia, fez uma mesura:

– Meu nome é Oxum, meu senhor.

Os três riram e enfim o clima voltou ao normal. Orunmilá levantava com dificuldade, preparando-se para voltar ao castelo, quando Exu se prontificou a acompanhá-lo.

– Vá se divertir, Exu. Eu o levo até o castelo. Também preciso descansar – sugeriu Oxóssi. Ninguém se opôs.

De longe, o babalaô acenou, despedindo-se de Oxaguiã, mas o rei pediu que eles esperassem. Mesmo que não fosse ele o anfitrião, a gravidade de seu olhar os teria interrompido.

– Orunmilá, preciso lhe falar, mas hoje, no meio dessa festa, será impossível. Procure-me amanhã aos primeiros raios de sol. Preciso de tua

sabedoria para resolver um problema importante. Até lá, descanse.

A festa continuou pelo resto do dia e da noite. Exu comia e bebia sem parar. Oxum fingia não se importar com a proximidade de Iansã com seu marido, mas logo a guerreira desapareceu da festa, e ela pôde relaxar. Xangô desaparecera bem antes, e Oxum logo concluiu, orgulhosa, que seu plano estava funcionando.

Orunmilá mostrou a Oxóssi o quarto de Xangô, onde o arqueiro também dormiria. O adivinho se despediu carinhosamente do rapaz que se tornara herói e foi para seu próprio quarto. Antes de três respirações completas, o babalaô adormeceu. Oxóssi demorou um pouco mais, havia muita coisa na sua cabeça: o grande feito daquela manhã, quando matara o pássaro das Iá Mi, e a imagem da mãe morta por sua própria flecha. Mas, depois de tantos dias sem dormir, o sono o dominou.

No meio da noite, no entanto, um barulho estranho acordou o caçador. Teve a impressão de ver um vulto saindo do quarto no meio da escuridão. Mas não poderia confiar no que seus olhos embaçados e seu espírito atordoado lhe diziam. Imaginou que ainda estava sonhando e fechou novamente os olhos. Não percebeu que a pequena bagagem de Xangô havia sido revirada e largada espalhada pelo chão.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re(29): Pedido de ajuda

Caro Laroîê,

Anote aí: não conhece os sabores da culinária tradicional quem nunca foi ao Parigi. Por isso mesmo, adorei a sugestão da casa franco-italiana da família Fasano para o local do encontro com a Yara. Como de costume, cheguei cedo para poder observar a presa e pude esperar com calma até que a chefona chegasse. Numa incrível coincidência, meu celular tocou no exato momento que ela apareceu na janela; era a Duda. Olhei novamente pelo vitrô: que mulher espetacular! Meio tonto com o que estava vendo, desliguei o aparelho sem pensar duas vezes. A Duda poderia esperar até o dia seguinte.

Arrebatadoramente linda, ela cruzou o corredor na minha direção: loira, cabelos curtos, com um corte moderno, porém discreto. O andar era seguro, e o olhar tinha aquela frieza característica dos poderosos. Ao mesmo tempo, tinha um rebolado leve, mas bem leve mesmo, e um sorriso sacana, daqueles sutis, no cantinho da boca, que deixava claro para os mais observadores, como eu, que aquilo tudo não passava de um papel bem representado.

Ela é o tipo de mulher que finge não saber que é sexy, mas sabe exatamente como provocar um homem. Pelo menos é o que parecia para mim: a mulher perfeita, como se alguém a tivesse moldado somente para me seduzir.

Vejamos as roupas, por exemplo. Discreta e elegante, ela usava uma blusa preta sem nenhum decote que pudesse denunciar interesse e saia longa, mas calçava saltos altíssimos, dignos de uma dominatrix profissional e, pelo movimento por trás do tecido, não usava sutiã.

No caminho, foi cumprimentada pelo *maître* e pelo nome! Disso, sem dúvida, nem eu era capaz. Ser lembrado nominalmente num local frequentado por um público tão vip quanto aquele, a nata borbulhante da rua Amauri... Isso era uma conquista inominável.

Depois disso, nenhuma das minhas técnicas funcionaria, claro. Esqueci o nome do *maître* (havia olhado no crachá no momento que entrei) e desisti de fingir escolher o vinho que o *sommelier* da casa já havia me sugerido enquanto esperava. Nada disso seria suficiente para aquela mulher. Pela primeira vez na minha vida, senti que seria vencido antes de começar a batalha.

“Quem era no telefone? Alguma namorada ciumenta?”, ela perguntou. “Ninguém importante”, respondi de bate-pronto.

Depois de tanta intimidade com a casa, a sugestão do menu só poderia ter sido dela. Para mim, um tortelloni mantovano e, para ela, uma minúscula terrine de salmão com aspargos (e só. Não me impressiona ela conseguir manter aquele corpo). O jantar foi tranquilo. Conversamos apenas sobre trabalho, com uma breve parada para ouvir o *sommelier* falar sobre as uvas cultivadas na base do Etna do tinto fora da carta que ela pediu. Mas, fora isso, foi um jantar de negócios.

Não que essa não fosse minha intenção. Eu até precisava fazer algumas perguntas profissionais, mas se pudesse escolher, gastaria um tempo menor com isso. Mas era ela quem controlava tudo: o vinho, os pratos e os assuntos. Principalmente os assuntos.

A mim, só restava respirar, observar e anotar como se estivesse hipnotizado, pois até nisso ela havia sido perfeita. Para minha surpresa, Yara tocou com espontaneidade nos assuntos que eu não poderia deixar de perguntar. Falou das empresas com as quais estava negociando e de algumas promessas no mundo dos negócios: jovens executivos recém-saídos de MBAs em Harvard e Kellogg, companhias que tentavam se reinventar, tecnologias promissoras na opinião dos maiores analistas do mercado... Deu dicas sobre fundos de investimento interessados em negócios que aparentemente não tinham muito futuro, mas que fariam um bom dinheiro em breve. Biotecnologia, nanotecnologia, proteção ambiental, engenharia de alimentos... Era só escolher. Anotei tudo, como se estivesse numa coletiva de imprensa, a ponto de ela até achar graça. Talvez essa tenha sido minha única vantagem. Algumas vezes, consegui quebrar aquele invólucro sério e a fiz rir sinceramente.

Parecia que ela tinha lido minha mente, pois meus objetivos profissionais para aquele jantar foram cumpridos como se houvesse um script redigido por ela mesma. Depois de explicar os investimentos do grupo, me deu de presente informações de bastidores sobre os novos negócios que a JPark estava operando. Algumas empresas de comunicação, claro, e várias outras nas áreas que ela própria havia enumerado. Mentalmente, tomei nota de cada uma delas para não parecer que iria utilizá-las em alguma matéria.

Com aquelas informações na manga, eu poderia começar a implementar meu novo plano: já que o *Jornal* havia me podado a oportunidade de crescer graças ao meu talento jornalístico, só me restava conquistar o cargo de que eu precisava para exercer o poder diretamente.

Ao longo dos pequenos goles do Etna Rosso, do sabor do tortelloni e dos olhares dominadores da minha entrevistada, eu perdia o controle da situação (minha única vitória real foi ter me mantido sóbrio, pois, se dependesse da insistência dela, eu só sairia de lá carregado). Entre nomes e números, porém, eu ainda tentava pequenos galanteios. Em vez de corar, no entanto, ela sorria e me olhava no fundo dos olhos, como se dissesse que queria o mesmo que eu, desde que o momento correto fosse uma decisão exclusivamente dela.

Meus objetivos naquela noite eram dois, e bem claros: as informações e a informante. E a pergunta que me esqueci de fazer foi: por que ela estava me dando todas as informações espontaneamente, se só a mim interessava saber tudo aquilo?

Claro que é importante compreender que isso é uma análise que fiz tempos depois. Durante o jantar, ela não me deixava certo a respeito de nada, nem mesmo da minha condição de fantoche. Sempre restava uma dúvida que poderia ser interpretada para os dois lados. Cada gesto, cada palavra, seca ou amável, significaria um sim ou um não? Pare ou prossiga? Isso me deixava ainda mais excitado: uma mulher linda, poderosa e que sabe controlar a situação.

Quando, enfim, me cansei de ser jogado de um lado para o outro como um saco de areia sem vontade própria, chamei o *maitre* e pedi a conta. Nesse exato momento, no *timing* perfeito de uma estrela experiente, ela se levantou, veio até o meu ouvido e falou baixinho, quase encostando a língua na minha orelha:

– Foi uma ótima estreia para seu salário novo, não foi? Vamos repetir qualquer dia destes.

Dito isso, foi embora e me deixou na mão! E completamente maluco. Senti que era uma questão de honra levar aquela mulher para a cama. Nem que fosse só para compensar a conta que veio em seguida, que achei que ela fosse pagar. Afinal, estávamos num jantar oficial, e ela era superior a mim na hierarquia da empresa.

Em seu último ato, a sacana fez questão de deixar claro quem é que mandava. Ela sabia muito bem que eu tinha recebido um aumento gordo... Pelo menos havia a promessa de outros encontros. E, a julgar pelo jeito como falou ao meu ouvido, a continuação da mesa para a cama era só uma questão de tempo.

Se ela queria mesmo se sentir no controle, que assim fosse. Eu seria uma vítima fácil!

Paguei a conta e pedi um táxi (não se chega de Gol velho no Parigi, certo?). Desta vez, no entanto, exigi um carro de rua, dos brancos mesmo. O porteiro estranhou, mas não houve negociação. Sem carros especiais nem táxis de ponto naquela noite. Já havia tido emoções demais.

De repente, tudo na minha vida passava a fazer sentido, como se orquestrada por alguém lá em cima que realmente gostasse de mim. O novo emprego conquistado com uma reportagem bomba. Ter tido que abrir mão dessa mesma matéria por causa da pressão do Zanato, mas receber em troca um aumento e a oportunidade de cobrir a transação internacional do *Jornal*. Um jantar a sós com a bonitona responsável pela reestruturação do *Jornal*... A única parte que não parecia se encaixar mais tão bem era a Duda. Mas eu a havia deixado numa boa situação, com um novo emprego e o controle sobre a reportagem que eu não faria mais. No fim, acabara dando tudo certo.

Pensei na minha dedicação aos chamados dos orixás. Embora um pouco irregular, talvez fosse ela que estivesse me rendendo frutos. Ainda repassava os fatos quando entrei no elevador e senti a pálpebra palpitar. Do lado de fora da minha porta, estava a palha, pendurada. Embora não estivesse nem um pouco interessado em trocar as lembranças do jantar por mais uma viagem para aquele lago que sempre me deixava sem entender nada, repeti mecanicamente todo o ritual de preparação e mais uma vez cumpri um dever que nunca havia pedido. Não havia de ser quando tudo estava começando a dar certo que eu iria estragar as coisas, certo?

Na manhã seguinte, acordei renovado. Pronto para uma nova etapa na minha vida. Que venha o novo New.

Axé,
New

São Paulo, 8 de julho de 2001.

O PRIMEIRO ODU

A beleza de Ifé não era por acaso. Aos primeiros sinais do Sol, grandes maços de palha longa, específica para reforma de telhados, já estavam depositados na praça, lugar mais central de toda a cidade. Amplo e monumental, o lugar que na véspera acolheu todo o povo do lugar ocupava o ponto mais central da cidade. Estendia-se desde o mercado do rei até o castelo de Oxaguiã, de onde Orunmilá observava cada movimento do trabalho que a própria comunidade organizara para consertar os prejuízos causados pelo pássaro das Iá Mi.

Havia mais gente trabalhando ali que o número de moradores das residências destruídas. Um claro sinal de que o progresso, que seu amigo Oxaguiã lhe anunciou há alguns anos, havia se tornado realidade.

– Apreciando minha obra, meu caro amigo? – a voz jovem e sábia do rei de Ifé podia ser reconhecida a qualquer hora.

Embora tivesse perdido o homem que tentava identificar no meio da multidão, a simples impressão do povo trabalhando ainda conseguia roubar de Orunmilá os modos que mesmo os sábios deveriam ter diante de um rei. Por isso, ele não se virou. Com os olhos vidrados na reconstrução da cidade, o babalaô inspirou e expirou cinco vezes antes de responder.

– Majestade, é exatamente isso que estou a fazer. Quando me falou a primeira vez sobre um povo inteiro executando a tarefa de um habitante, confesso que achei que se tratava do devaneio de um rei que acabava de assumir o poder – respondeu Orunmilá, sem tirar os olhos dos movimentos coordenados da massa.

O riso orgulhoso do rei se misturou aos pensamentos de Orunmilá. O reinado de Oxaguiã tinha pouco tempo, mas as mudanças eram claras aos

olhos de quem visitava a cidade uma vez a cada colheita. Não era só uma safra de inhames que superou todas as demais, e o pilão também não tinha sido sua única invenção. O povo de Ifé também estava diferente. Encantadoramente diferente.

– O que acontece em Ifé para que tanta gente esteja de pé ajudando a reconstruir casas que nem mesmo são suas, majestade?

Aproveitando o raro momento de descontração, Oxaguiã se sentou no chão, bem ao lado do banquinho de madeira onde estava o babalaô. O velho Orunmilá era amigo de seu pai e, longe da presença de criados, guardas e sacerdotes, o rei podia se comportar novamente como uma pessoa comum. Juntos acompanharam o movimento incessante de homens e mulheres carregando maços de palha e entregando-os a outras pessoas que, do alto dos telhados destruídos, espalhavam as fibras e recompunham o formato de cone tão típico das casas da região.

Ficaram quietos por mais algum tempo, até que Oxaguiã, sem se voltar para o companheiro, contou uma história de seus tempos de criança. A princípio, o adivinho não compreendeu que relação aquele caso tinha com a vista do povo trabalhando, mas também não interrompeu.

– Lembro-me de ficar dias inteiros na floresta observando o movimento lento dos caramujos. Encantava-me a forma como eles se deslocavam praticamente sem se mexer e como sempre carregavam suas próprias casas sobre as costas. Certo dia, assisti ao demorado caminho de um caramujo bem pequeno no tronco de uma árvore. Ele parecia estar indo na direção das folhas um pouco mais acima de onde estava. Mas, do outro lado do tronco, havia uma trilha de formigas ainda menores que o meu caramujo. Elas caminhavam rápido, pois seus corpos eram mais esbeltos e não tinham uma casa para carregar. O que mais me impressionou foi como elas se separaram em grupos para cortar, uma a uma, todas as folhas daquele galho. Uma cortavam, outras picavam e uma terceira equipe carregava os pedaços por

uma longa trilha. Resolvi seguir aquela linha e, quando cheguei a uma pequena clareira, tive uma revelação.

Orunmilá começava a compreender a história. Equilibrando-se sobre o pequeno banco de madeira, girou seu corpo inteiro na direção do rei, que continuou falando com os olhos vidrados no infinito.

– Uma cidade, meu sábio amigo. Aquelas formigas construíram uma enorme cidade. Milhares delas trabalhavam juntas, cada uma na sua especialidade, e ergueram uma casa muito maior e imponente que a do lento caramujo. Naquele dia, decidi que, quando me tornasse rei, não seria como o caramujo. Não andaria pelo mundo, lerdo e solitário, carregando um fardo preso às costas. Minha cidade seria viva e agitada como aquele grande formigueiro. Era esse o futuro de Ifé.

– Vejo que conseguiu um bom trabalho com suas formigas.

Oxaguiã contou sobre como utilizara alguns dos maiores capitães da cidade para ensinar disciplina ao povo. E como os fizera acreditar nos benefícios de todos trabalharem pela cidade, não só por suas próprias casas. Orunmilá ouviu sem prestar muita atenção. Interessava-lhe o tipo de organização que se formava naquelas terras, mas logo o assunto deixou de lhe parecer tão interessante. Sua expressão, antes contemplativa, assumiu uma gravidade que Oxaguiã, sentado ligeiramente às suas costas, não chegou a perceber. Quando o babalaô olhou para o homem sentado ao seu lado, já tinha outra questão em mente.

– Ontem, vossa majestade mencionou um assunto importante...

Como que despertado de um sonho, Oxaguiã se levantou num só salto. Vestia uma bela pele de leopardo que o babalaô se lembrava de já ter visto às costas do pai do atual rei de Ifé. Mas diante do velho conselheiro de seu próprio pai, ele jamais pareceria tão imponente quanto gostaria. Ao som de duas palmas, um mensageiro ricamente vestido entrou na sala principal e voltou a sair assim que recebeu um leve aceno do rei.

– Orunmilá, meu amigo, a conversa tanto me agradava que quase me esqueço. Preciso mesmo de tua ajuda.

– Se puder ajudar, majestade.

– Há alguns dias, recebi uma visita...

O rei pareceu um tanto constrangido, mas prosseguiu:

– Das Iá Mi Oxorongá. Duas delas, uma mais alta e outra mais baixa, ambas muito velhas. Pois bem, naquele dia, vieram me pedir um favor. Elas falavam devagar e com muita doçura, mas seus olhos entregavam que destruiriam toda a cidade se não estivesse disposto a ajudar.

– Que favor era esse?

– Um favor que me pareceu bastante razoável e que cumpri sem constrangimento. Só achei estranho o olhar intimidador. Era como se estivessem me pedindo para fazer algo muito arriscado, mas eu não conseguia ver o que era. Certamente, se algum rei ou sacerdote de uma cidade próxima tivesse sido sequestrado, eu saberia.

– Isso é certo, majestade. Mas por que elas atacaram a cidade mesmo depois que você aceitou o pedido? De alguma forma você descumpriu a promessa?

– Não, de modo algum. Até porque não acho prudente causar algum tipo de afronta a elas. E é isso que me confunde.

Orunmilá olhava com toda atenção os movimentos de um pequeno búzio da Costa que rolava entre seus dedos, acompanhando o ritmo da voz de Oxaguiã:

– Então, lembrei-me de quando eu era apenas uma criança brincando neste palácio, e você costumava contar muitas histórias sobre as Iá Mi. Talvez você consiga me explicar o que eu fiz de errado.

Os acontecimentos da véspera passaram rapidamente diante dos olhos do velho adivinho. Com um olhar de certeza que somente os sábios e os estúpidos têm, Orunmilá sorriu. O mesmo sorriso que os habitantes de

Ilorin viram em sua face quando Orunmilá colocou o último grão de milho no prato da janela.

– Pode trazer o prisioneiro, majestade?

– Já mandei trazê-lo. Mas como sabes que o favor que as Iá Mi me pediram tinha alguma relação com ele?

– Diante de tudo o que aconteceu ontem, meu rei, era a única explicação.

– Mas o que eu fiz de errado para que elas ficassem tão irritadas? Eu até as convidei para participarem da festa, mas elas mesmas recusaram.

– Sabe aonde elas foram?

– Ouvi algo sobre o rio Osé. Se não me engano, estavam planejando uma parada em Oká. Por quê?

– Porque elas não mandaram o pássaro para estragar sua festa, Oxaguiã. Foi por nossa causa que elas o mandaram.

– Não consigo acompanhar teu raciocínio, babalaô.

– Quando chegamos à cidade, vi um pequeno pássaro, que logo reconheci como o velho espião das Iá Mi. Ele voou tão logo percebeu que eu o havia reconhecido. No dia seguinte, o pássaro negro não veio destruir as plantações. Ele pousou sobre o castelo e lá ficou até que alguns de nós nos aventurássemos a sair por aquela porta.

– Os fatos estão todos aí, mas continuam não fazendo sentido.

– Você tem alguma ideia do que estamos fazendo, andando por essas terras?

– Ouvi falar que tu e teu grupo estão em uma missão a mando dos orixás do Orum. Não é isso?

– É verdade, estamos numa missão enviada pelo Orum. Uma missão de resgate.

– E o que estais tentando resgatar?

– Há alguns dias fiquei sabendo que as Iá Mi Oxorongá haviam sequestrado os odus, com o objetivo de controlar a história dos homens.

Assim como o povo ouviu a respeito da nossa missão, elas também devem tê-la ouvido. E agora que sei que elas mesmas deixaram um prisioneiro em suas terras, o pássaro que cospe fogo já não me espanta tanto.

– Achas que o prisioneiro é um dos príncipes do destino?

– Só há uma maneira de ter certeza – disse o adivinho olhando para a porta.

– Desconfiava que a identidade dele poderia ajudar a compreender o motivo desse ataque.

Enquanto os guardas não voltavam com o prisioneiro misterioso, os dois não conseguiram ficar quietos. Andaram de um lado para outro e nem perceberam que mais da metade da reconstrução das casas já estava pronta.

– O prisioneiro! – soou um grito do corredor.

Grandes lanças com pontas amendoadas escoltavam o pequeno prisioneiro. Não parecia necessário, pois seus braços e pernas estavam amarrados de forma que conseguia apenas dar pequenos passos, e com dificuldade. Seu rosto, coberto por um capuz de conchas, também não permitia grande visibilidade e, somando-se tudo isso ao seu porte nada ameaçador, a cena parecia exagerada.

– As Iá Mi nos alertaram sobre o perigo deste homem – declarou o rei, consciente do exagero daquela cena.

Orunmilá reconheceu o andar. Praticamente não tinha dúvidas quando abriu caminho entre os guardas e levantou o capuz.

– Mestre Ejilá Xeborá! – o adivinho ordenou com os olhos que fosse desamarrado. O rei assentiu.

Num forte abraço, o adivinho pediu desculpas ao odu. Fraco e emocionado por finalmente ter sido identificado, o pequeno homem chorou nos ombros do babalaô.

– Por favor, mandem lhe servir a melhor comida que tiver em seu reino. Não é bom para o destino do seu povo ter mantido prisioneiro um dos 16 príncipes – gritou Orunmilá.

Num instante, a sala estava repleta de comida. Nada de dendê, como reclamara Exu, mas havia quantidade suficiente de alimento para que um homem mantido no cárcere durante algumas semanas sequer percebesse a ausência da iguaria.

Por toda aquela noite, Oxaguiã e seus convidados festejaram. Eles cantaram, dançaram, comeram. O primeiro odu estava ali, encontrado no mesmo dia em que o grupo de sete foi finalmente formado. Os orixás pediram, os homens fizeram, os orixás cumpriram. Claro, sabiam todos, ainda havia 15 odus a serem encontrados. Dali para a frente, era só uma questão de tempo.

Mal sabiam eles que tinham toda razão.

EPÍLOGO

A dona da pequena pet shop em Pinheiros não pôde ir até a porta quando a sineta anunciou um novo cliente. – Já vou! – gritou convicta, mas ainda de longe, enquanto terminava de secar o pelo de um pequinês.

O negócio não ia bem, e há dois meses ela teve que demitir os dois vendedores e três tratadores. Agora era só ela e o aluguel a pagar. Por isso, não podia perder nenhum cliente.

O homem à espera tinha, pode-se dizer, estilo. Um negro alto, quase dois metros de altura, e os cabelos trançados com atenção até logo abaixo do ombro. E um terno preto com camisa vermelha. Não era, por nenhum critério imaginável, a figura mais invisível do mundo. Ele nunca havia pisado naquela loja.

– Procurando um passarinho? – perguntou ela ao se aproximar, notando o interesse do cliente por uma gaiola com um pequeno pássaro preto.

– Não. Estou procurando uma coleira. Bem forte – explicou o cliente.

A veterinária, que ainda se vestia toda de branco mesmo que o ofício não representasse mais que 10% de sua atividade na pet shop, cruzou o balcão e caminhou na direção do cabide de coleiras no fundo da loja.

– Que tipo de cachorro você... – mas antes que pudesse completar a frase, sentiu uma pancada estalada na bunda.

– *Ahg!* – gritou, ainda sem entender o que estava acontecendo.

E se virou para empurrar o atrevido.

Mas antes que pudesse começar a brigar, sua cabeça começou a rodar. Em segundos, sua temperatura baixou, espasmos contorceram seu corpo, e tudo apagou.



O cimento quente e úmido cheirava a vômito ainda fresco. A veterinária sentiu suas mãos e seus pés amarrados. O mesmo cliente atrevido à sua frente. Estava apavorada, e muito fraca para gritar. Pelo visual do galpão onde estavam, não parecia que haveria alguém por perto para socorrê-la. Tentou mesmo assim. Uma, duas, três vezes. O homem à sua frente esperou que ela desistisse para dizer qualquer coisa.

– Desculpe a surpresa e os modos – disse o gigante negro. – Mas eu precisava que você visse isto.

– Isto o quê? – perguntou ela, receosa do que pudesse ouvir em resposta.

– Isto.

Do bolso do paletó, ele retirou uma pequena câmera digital. Apertou alguns botões e voltou o visor para sua “convidada”.

O vídeo da jovem veterinária andando pela loja não seria nada de especial, se não fosse por ela não se lembrar de nada daquilo. O corpo, o rosto... era mesmo ela. Mas por que ela andava como um senhor de 90 anos?

– Continue assistindo – ordenou ele.

A veterinária, que andava como que possuída por um espírito ancião, foi então para o fundo da loja, onde ficam os animais doentes. Abriu uma gaiola onde um gato dormia solitário. Felix, era o nome dele. Havia dado entrada com uma pata machucada há cinco dias, e a dona o havia trazido de volta porque ele continuava mancando. A moça então segurou a perna ruim, fechou os olhos e soltou. Como se fosse mágica, o gato pulou de suas mãos e correu pela sala como se nada o estivesse incomodando. Fez o mesmo com um papagaio com a asa fraturada. Encostou a mão e, como num milagre o animal estava curado. Em seguida, saíram, ela e o cliente, e entraram num táxi.

A dona da pet shop não sabia o que pensar. Ali estava ela, sequestrada, deitada sobre o próprio vômito... Mas as imagens dela mesma curando

animais com as mãos vazias eram fortes demais para ignorar.

– Quem é você? E o que quer de mim? – perguntou ela.

– Por enquanto, pode me chamar de mestre. E você conhece um sujeito chamado Newton, não conhece?

– O New? O que tem o New?

– Vou precisar que você tome conta dele pra mim.

Disse isso e desamarrou a coleira que prendia seus braços e pernas.

- FIM -

POSFÁCIO

Acreditamos, no Ocidente, que o tempo não tem retorno, não se refaz, não se repõe. Tudo tem seu começo, meio e fim. Diferentes acontecimentos se encadeiam num jogo de determinações em que procuramos decifrar causas e efeitos, organizando os fatos numa ordem sequencial que chamamos de história. Nosso tempo é linear, e a vida de cada um é única e singular. Para nós, a história somente se repete como farsa, como ensinou o filósofo. Não pensavam assim antigos povos africanos dos quais traficantes roubaram homens e mulheres trazidos ao Brasil para o trabalho escravo que construiu nossa riqueza na Colônia e no Império. É o caso dos povos chamados iorubás, que cultuavam os deuses orixás. Sua gente fundou no Brasil uma nova religião de muitos deuses chamada, entre outros nomes, de candomblé.

Pois bem, esses africanos, como outros, acreditavam que o tempo é circular e que tudo se repete. O que acontece agora já aconteceu antes e voltará a acontecer depois. Cada homem e cada mulher não são mais que a reencarnação de uma vida passada. A morte sempre aponta para um novo nascimento. A história pessoal de cada um de nós, nossa biografia, já foi escrita num passado remoto, num tempo primordial, mítico, habitado inicialmente pelos deuses e depois por seus filhos, seus descendentes humanos. Cada ser humano, portanto, se origina de um desses deuses, os orixás, sendo cada um deles o responsável pelo governo de um aspecto da natureza e, mais tarde, quando a sociedade humana se formou, também o guardião de uma dimensão do mundo social. Para se desvendar o que acontece na vida de alguém, basta saber qual é sua origem, de onde vem, isto é, qual é seu orixá, cujas aventuras, habilidades e poderes, vitórias e

derrotas, vontades e fraquezas estão narradas pela mitologia mantida e transmitida pelas confrarias dos adivinhos, que eles chamam de babalaôs. Sua vida não é mais que uma pálida repetição do mito de seu orixá. Seu orixá é seu espelho e seu oráculo, que é interpretado pelo babalaô ou, entre nós brasileiros, pela mãe de santo ou pai de santo. Saiba qual é seu orixá e saberá quem você é, é o lema do oráculo.

No mundo primordial, orixás e humanos habitavam o mesmo espaço, viviam juntos, como uma grande família, moravam no mesmo abrigo, comiam da mesma comida, dançavam as mesmas danças. E tudo se repetia na sucessão das inúmeras gerações – cada orixá com sua linhagem, cada linhagem com sua ocupação característica, suas preferências e seus costumes próprios, com seus títulos e posições sociais definidos. Até que um dia uma grande catástrofe pôs fim a esse modo de vida. A discórdia entre dois orixás provocou a divisão do mundo, separando os humanos mortais dos orixás imortais. Humanos agora viviam no Aiê, que chamamos de Terra, e os deuses habitavam o Orum, que chamamos de Céu. Dizem os mitos que a música, a dança e a comida que os humanos preparavam fizeram muita falta aos deuses, isolados em seu Orum. Para que pudessem novamente se fartar das artes e comidas dos humanos, foi permitido aos orixás retornar ao Aiê em certas ocasiões festivas. Mas nessa viagem só podiam chegar ao Aiê em espírito. Assim, para comer e dançar deveriam, quando na Terra, usar o corpo material dos humanos. Em poucas palavras, estamos diante do transe e da oferta sacrificial. Oráculo, transe e sacrifício são, de fato, as bases do candomblé. Por meio desses três elementos rituais a religião é praticada.

Do Orum, os orixás continuaram a governar suas linhagens no Aiê, interferindo a cada instante na vida de seus filhos, os seres humanos. Saber a mitologia de seu orixá, isto é, a história de seu pai – ou mãe – mitológico, é essencial para o conhecimento que cada um pode ter de si mesmo e fundamental para a prática correta da religião.

Os mitos dos orixás falam das coisas do dia a dia e nos servem de orientação e consolo. Podem ser tristes ou alegres e às vezes até muito engraçados, ou terríveis, como a vida, como nós. Sobretudo porque se trata de literatura religiosa, ensinam que em tudo que nos acontece há a mão de uma divindade, ou de mais de uma – como se dá nas mais diversas religiões politeístas.

PJ Pereira retoma esse modo de conceber o mundo, os deuses e os humanos. A matéria-prima de sua ficção é essa mitologia cultivada nos terreiros. Mas ao construir *Deuses de dois mundos – o livro do silêncio*, ele põe a mitologia de cabeça para baixo, juntando de novo humanos e deuses num mesmo cotidiano, fundindo mito e ficção, recriando um universo em que os ciclos da repetição são rompidos e substituídos pelo produto da imaginação do autor, que, no entanto, os faz voltar em seguida ao movimento original. Em termos mitológicos esse jogo poderia resultar numa catástrofe como a que dividiu o mundo em dois, mas, para nossa sorte, o que a inversão operada por PJ Pereira pretende e consegue é produzir um livro delicioso de se ler, um “livro do silêncio”, que é capaz, contraditoriamente, de nos falar bem alto, como gosta a boa mitologia.

REGINALDO PRANDI
Professor da Universidade de São Paulo,
autor de *Mitologia dos orixás*

GLOSSÁRIO DE TERMOS AFRICANOS

Agô: olá.

Aiê: Terra, o mundo dos homens.

Alaafia: saudação. Significa paz, tranquilidade.

Babalaô: sacerdote de Orunmilá; sacerdote do Oráculo; adivinho.

Egum: espírito de um ancestral.

Egungum: espírito de um ancestral nobre, importante.

Erinlé: outro nome para Inlé, orixá do rio Erinlé.

Gheledes: grupo secreto que se encontra para acalmar as forças da natureza.

Iá Mi Oxorongá: feiticeiras, mães ancestrais.

Ibá: cabaça que contém a representação material de um orixá, assento ou assentamento sagrado de orixá.

Ifá: outro nome para Orunmilá; também os apetrechos do babalaô e o próprio oráculo.

Iorubá: um dos povos do oeste africano, especialmente onde hoje estão situados a Nigéria e o Benin. O iorubá foi um dos principais povos dos quais traficantes roubaram homens, mulheres e crianças para trazer como escravos para o Brasil.

Ocum: mar, oceano.

Odu: cada um dos príncipes do destino que falam através do jogo de búzios ou do opelê.

Olodumare: o deus supremo, criador das forças do universo, que chamamos de orixás.

Olofin: rei.

Opelê: instrumento de adivinhação usado pelos babalaôs. Tem a forma de um colar aberto feito de um fio de palha e oito medalhas feitas com metades da fava de opelê.

Orixás: as forças do universo, criadas por Olodumare para gerar o mundo e interagir com os homens. Alguns orixás foram criados diretamente por Olodumare, outros foram homens e mulheres que se tornaram orixás.

AGRADECIMENTOS

Eu cresci em Ipanema, no Rio de Janeiro. E, como todo moleque de classe média carioca, desenvolvi naturalmente certa dose de preconceito contra a “macumba” – não apenas a religião em si, mas qualquer coisa levemente relacionada com cultos e ritos africanos. Um dia, já adulto, me mudei para São Paulo e conheci um baiano gentil e generoso chamado Zeno Millet. Trabalhamos juntos por alguns anos antes de eu descobrir que ele era da “macumba”. Na verdade, do candomblé. O Zeno, me disseram, era neto da famosa Mãe Menininha do Gantois, que eu conhecia de nome por causa da música da Gal Costa com a Maria Betânia, e filho da então mãe de santo daquele mesmo terreiro, Mãe Cleusa. Nunca tive a oportunidade de conhecer nenhuma das duas. Mas olhando meu amigo Zeno, não conseguia reconhecer nenhum dos motivos pelos quais eu tinha tanto medo de macumba. Pelo contrário. Então resolvi perguntar. Não para me envolver na religião, porque se por um lado adoro o tema, por outro tenho uma profunda dificuldade de lidar com as hierarquias religiosas, por ter crescido dentro de um culto – mas isso conto numa outra oportunidade. Perguntas e respostas então se transformaram em uma conversa que durou anos. Que virou pesquisa. Que virou quadros que tive a oportunidade de expor pelo mundo e... este livro.

Se há uma pessoa, um único indivíduo a quem devo agradecer, portanto, é ao Zeno. Cada capítulo, cada conflito, cada personagem foi discutido em detalhes com ele. Era ele quem abria as portas para conversas com tantas pessoas “do santo” de onde tirei várias das histórias e mitos que usei neste e nos próximos livros. “Oxóssi me disse que eu posso lhe contar isto aqui. As histórias, não os segredos” – disseram alguns dos meus entrevistados,

frisando o privilégio e a responsabilidade que me davam. Eu nunca soube exatamente como o orixá havia lhes autorizado a falar, mas foi por causa disso que, dez anos depois de ter escrito este livro, voltei a pensar em publicá-lo.

Nessas conversas, conheci pessoas incríveis. Divertidas. Sábias. Intrigantes. Todas importantes para minha pesquisa. Infelizmente, essa década entre a pesquisa e a publicação com certeza me fará cometer algum erro. Mas mesmo sob o risco de deixar gente importante de fora, não poderia deixar de citar a generosidade de Mônica Millet, Ildásio Tavares e da mais que impressionante Mãe Stella de Oxóssi, ialorixá do Ilê Axé Apó Afonjá.

Foi o Zeno que me apresentou também ao professor Reginaldo Prandi, da USP, autor de vários livros sobre o assunto, incluindo o infantil *Os príncipes do destino* e o célebre *Mitologia dos orixás*. Primeiro através de sua pesquisa, mas também de algumas orientações diretas, o professor Prandi foi fundamental no meu processo. Não posso esquecer ainda de outros autores que dedicaram tempo e energia para registrar por escrito uma tradição essencialmente oral. Entre eles, Pierre Verger, Juana Elbein dos Santos, Cleo Martins e Agenor Miranda Rocha; assim como dois acadêmicos que pacientemente me ajudaram a entender por onde eu deveria começar minha pesquisa bibliográfica e conviveram por meses com minha excitação histriônica a cada descoberta: os professores Maria Clementina Cunha (Unicamp) e Leonardo Pereira (PUC-Rio). Que fique registrado, porém, que qualquer erro ou imprecisão aqui é de minha inteira responsabilidade. Todas essas pessoas me ofereceram mais do que eu poderia pedir. A elas, só tenho o que agradecer.

Sendo obra de ficção, contudo, há mais influências que apenas orientadores e fontes.

Eu sou um contador de histórias. Faço isso profissionalmente há cerca de 20 anos, entre a propaganda e a pintura (meus quadros sempre foram

momentos de uma história). Onde quero chegar é que adoro o ofício, mas não sou escritor. Este livro foi reescrito sete vezes, sob o olhar obsessivo de Maria da Graça Milet, Gabriela Beraldo, Beth Gouveia, Juliana Batista e Marcio Coelho da Oliva. E contou com comentários e contribuições de vários amigos a quem infurnizei com meus manuscritos, tais como Suzana Apelbaum, Denise Carvalho, Mauricio Motta, Karen Fuoco, Gustavo Melo e especialmente Suzane Veloso, que me disse que a primeira versão do New estava “insuportável” – o comentário mais honesto e valioso que recebi durante todo esse tempo. Espero que o esforço tenha compensado.

A Suzane, junto com outros amigos jornalistas, como Alon Feuerwerker, Matinas Suzuki e Leão Serva, contribuiu inadvertidamente ao dividir comigo, ao longo de vários anos, suas histórias de redação. Não sabiam que eu estava anotando tudo. Mas pronto, contei. Ao menos estou citando a fonte!

Na reta final para a publicação, tive a sorte ainda de poder contar com os conselhos e orientações de meus editores Marcelo e Adriana Melo (que me foram apresentados por Bob Wolheim); minha agente e advogada Ana da Motta Kohlitz (delicadeza de Flavio Waiteman); e as dicas de última hora do André Conti. Sem falar na ajuda com as decisões sobre capa, tipografia do livro e divulgação dos gurus do design Patrícia Ebner e Raimundo Favacho; o designer Moses Kelani, que nascido no Benin e iorubá de sangue ajudou a tornar minhas referências visuais mais realistas e autênticas, tanto no livro quanto no material promocional, incluindo sua belíssima ilustração no mapa que abre esse livro. O projeto gráfico final da capa veio do amigo Paulo Coelho (o publicitário premiado, não o mago), que o fez com a ajuda do diretor de arte Rafael Gil e do ilustrador Doug Alves. O diretor de arte Rafael Rizuto e o redator Eduardo Marques, os produtores Jeff Ferro e Kelsie Van Deman e as mais de cem pessoas da Laundry Studios de Los Angeles que traduziram no trailer toda a energia contida no livro. Trailer que, por sinal, foi narrado e musicado por uma

trupe sem tamanho, que entrou no projeto simplesmente por acreditar nesta missão – Otto, Pupilo, Andreas Kisser e mestre Gilberto Gil: foi uma honra ter trabalhado com vocês. O que me leva ainda à querida Carla Sarmiento, que me apresentou a essa galera, à incrível Joana Campanelli, que fez o meio de campo com eles, e a Débora Bacaltchuk, que adotou este projeto como se fosse dela e me auxiliou em toda a relação com a imprensa desde bem antes do lançamento.

Se você está lendo este livro hoje, é porque toda essa gente transformou meu trabalho em algo muito maior.

E finalmente, ao longo de todo esse tempo, fui abençoado com a companhia sempre incentivadora da minha mulher, Lo Braz. Não teria passado das dez primeiras páginas sem um apoio tão incondicional. Assim como não teria sequer começado não fossem meus pais terem me viciado em Monteiro Lobato quando criança.

Quando comecei a escrever *Deuses de dois mundos*, eu acreditava que estaria entrando numa jornada solitária. Ao escrever esta última página, porém, me dou conta de quão errado estava. Esta é uma obra coletiva, com pelo menos 150 pessoas atuando de um jeito ou de outro. Espero que estejam todos tão orgulhosos quanto eu.

Axé.

ARQUIVOS SECRETOS:
TRECHOS D'O LIVRO DA TRAIÇÃO



Naquele exato momento, uma leve bruma começou a se formar. Vinda de lugar nenhum, ela se tornava cada vez mais espessa, até que lhes cobriu a visão por todas as direções. Não se enxergava além de alguns passos à frente. Os pontos brancos que se aproximavam de *****, então, desapareceram por completo. ***** ***** e acenou a cabeça antes de correr na direção da porta.

O chifre tocou três vezes. Na quarta, ouviram-se gritos. Os soldados de ***** sentiam uma chuva de flechas cair ao seu redor. Gritos enlouquecidos vindos de todos os lugares. Passos pesados batiam no chão e o chacoalhar das tornozeleiras de conchas fazia um som amedrontador. Sob a névoa grossa, pareciam fantasmas que surgiam e sumiam na frente dos inimigos. Muitos passos e muitos gritos se ouviam por todos os cantos. Espadas cortando-lhes ao meio. Despedaçando seus companheiros como se estivessem diante do maior exército do mundo. E o pior: um exército invisível que chacoalhava o barulho da morte. Impossível de se combater.

Os gritos de horror se misturavam aos ***** ** ***** ** ***** **
* *****.



***** ***** ** *** * moveu-se como se olhasse ***** *
***** ** ***** , não fosse o fato de suas íris estarem reviradas para dentro da cabeça. “Olhou” em seguida para mim e deu um passo para ficar bem na frente do meu rosto. Minha pálpebra disparou mais rápido do que nunca. E, sem saber bem o porquê, meus joelhos tremeram quando ela me segurou pelo braço e fez com que eu me levantasse. * ***** então me pegou pelos ombros e bateu com os seus, um de cada vez. Depois, segurou meu rosto com as duas mãos e o puxou para si, de forma que a minha orelha chegasse bem perto de sua boca e, num português quase perfeito, cochichou:

“Traidor.”



***** sorriu com desdém. Qualquer ordem de não fazer alguma coisa para ele soava como uma súplica para que se fizesse o contrário. Caminhou fazendo barulho na lama de sangue e terra e, aproximando-se da cabeceira da cama, desvendou o rosto daquele corpo inerte. Era mesmo o rosto pálido de *****, com uma corda grossa amarrada ao pescoço. Olhou para trás em sinal de reconhecimento, antes de abaixar até que seu ouvido pudesse sentir a respiração do traidor. Nada. Olhou **** * ** * ** * ***** * ** * ** desconfiança. Estendeu o braço e tocou-lhe a perna descoberta e, **** ***** ****, pôde sentir a sensação da carne morta ouriçar todos os pêlos do corpo.

É mesmo ele. E está morto. Sem dúvida alguma.



Disse isso, com toda essa intimidade atrevida, e foi embora sem deixar que eu fizesse qualquer comentário. Praticamente um coito interrompido. Digo isso e já corrijo: meu corpo chacoalhou inteiro quando ela se foi. Sua ida era mais graciosa do que a vinda. Não há bundas como as das negras, afinal. E o tecido daquela saia leve não me deixava ter outra opinião. Acompanhei a bunda enquanto atravessava o longo corredor da redação. Então parou, lá de longe e fora do alcance, a safada. Deu uma rápida olhada para trás, sorriu, e sumiu requebrando no elevador. Um dia eu teria de conferir.



Assustado, *** ** * ***** ***** e correu novamente para o interior da floresta. Disseram-me que suas últimas palavras foram apenas: “***** ***** já viu sangue demais. Chega.” O conselheiro mais jovem correu atrás dele e só conseguiu encontrá-lo porque o som triste *** ***** ** ***** podia ser ouvido até da entrada da cidade. Mas, quando conseguiu

chegar perto, viu apenas uma última lágrima escorrer pelo seu rosto, bem no instante em que ele encravou sua arma no chão. Imediatamente, um buraco se abriu sob seus pés e ele foi engolido pela terra. E nunca mais se
*** ** ***** ***** ** *****.



Para quase todos os crimes, há um perdão. Aos arrependidos, então, sempre há um braço piedoso esperando do lado de fora. Piedoso e piegas, diga-se lá. E alguém diria que para todo culpado há sempre alguém disposto a perdoar. E eu corrijo: se não há, é porque o canalha viveu o único crime imperdoável – não se emocionou. Passou a vida sem sentir nada. Não amou, não se alegrou, não odiou. Porque até o ódio salva. (Dá para colocar isso num adesivo de automóvel: até o ódio salva.) Porque daí vem o perdão. Dizia isso porque sempre procurei preencher as mensagens que trocamos com algum tipo de emoção. Medo, raiva, angústia... Acredito que emocionar a narrativa é parte essencial do trabalho de se contar uma história. E aproveito aqui para abrir um parêntese, muito embora o recurso hoje abrace o essencial, não o periférico. Falava desse e-mail e já explico: o sentimento que mando pelo correio eletrônico talvez seja o mais genuíno de todos os que expressei até agora. É o mais verdadeiro, simplesmente porque é um sentimento imediato, aquele que sinto enquanto escrevo, e não, como das outras vezes, o registro maquiado de uma sensação que eu dizia lembrar. Dessa vez, escrevo *** ** ***** ***** ** ***** de *****.



O rastro do sangue escuro que gotejava da carne podre de Iku marcava um lento caminho ** ***** ** *****. Um passo depois do outro, ele se aproximava, chacoalhando alto suas longas cordas de conchas. Feio, nojento, rodeado por moscas por todos os lados. Através de sua roupa suja e rasgada, viam-se pedaços de osso que de forma alguma combinavam com a

firmeza de seus passos. *****. Seu único movimento era o tremor descontrolado de suas mãos, vazias.

Iku sorriu como se sua vítima já estivesse pronta para ser levada. Num gesto seco, levantou sua espada e a lançou sobre *****. Mas, num gesto rápido e inesperado, ele saltou para o lado, girando o corpo sobre o próprio braço. Iku continuava atacando, ***** se movia como o próprio fogo. Ora estava aqui, ora ali. Iku, todavia, só se divertia com a luta. Parecia brincar com a agilidade medrosa *****. Até que, de repente, ele parou de sorrir. Jogou novamente sua espada ensanguentada sobre ***** , que dessa vez não conseguiu desviar. O golpe rápido abriu ***** , que perdeu o equilíbrio e caiu. Tentou se levantar, mas não conseguiu.

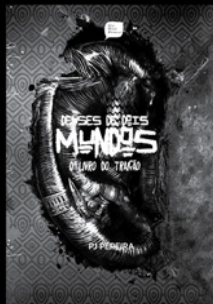
Mergulhado no calor do próprio sangue, ***** viu a morte se aproximar. Iku sabia que a vitória estava garantida. E voltou a sorrir. ***** se mexer. Não pelo medo, que ainda sentia, mas ***** que sua perna ***** . Inutilmente, tentou se arrastar para se proteger atrás de uma pedra, mas Iku continuava divertindo-se com ele. Num salto, lá estava ele sobre a rocha que serviria de escudo à sua vítima. Ele caçoava ***** . Fingia que daria o golpe fatal e mudava de posição como se escolhesse o melhor ângulo. E num desses movimentos, o olhar ***** * mirou a massa escura que crescia na direção dos dois.



Passei a noite pensando nisso. Pensando e acompanhando ***** em tempo real, a retirada das embalagens de alimentos para bebês das gôndolas de toda a cidade. Ao longo da madrugada, seis delas foram identificadas e o tipo de veneno confirmou os métodos que eu imaginei que seriam utilizados. Peguei o mapa e risquei o local das ocorrências. Já não acreditava que seria coincidência que todas as

DEUSES DE DEUS MUNDOS

A HISTÓRIA CONTINUA!



WWW.LIVROSDESAFA.COM.BR